

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC/SP**

**FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO**

**ENTRE A MORTE, A PALAVRA E O CHÃO:  
MEMÓRIA, SENTIMENTO E LUTO NOS CEMITÉRIOS DE  
SÃO JOÃO DEL REI**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO  
2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC/SP**

FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO

**ENTRE A MORTE, A PALAVRA E O CHÃO:  
MEMÓRIA, SENTIMENTO E LUTO NOS CEMITÉRIOS DE  
SÃO JOÃO DEL REI**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Pereira Franco.

**São Paulo  
2014**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

*O sentimento do irreparável gelou-me de novo. E eu compreendi que não podia suportar a ideia de nunca mais escutar esse riso. Ele era para mim como uma fonte no deserto.*

Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*

*A palavra é meu reino e disso não me envergonho; ou, melhor, envergonho-me na medida em que minha palavra participa da culpabilidade de uma sociedade injusta, que explora o trabalho.*

Paul Ricoeur (★1913 – †2005)

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena, orientadora desta tese pela disponibilidade, pela partilha de saberes e pela pertinência das críticas e sugestões, que constituíram uma excelente aprendizagem pessoal e profissional e valorizaram este trabalho.

Às Professoras Ida Kublikowski e Elisa Guimarães e demais membros da Banca de Defesa.

À secretária Sandra Messora pela ajuda na digitação.

Aos meus familiares e amigos.

CARVALHO, Francisco de. Entre a morte, a palavra e o chão: memória, sentimento e luto nos cemitérios de São João Del Rei. 2014. 175f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2013.

## RESUMO

Este trabalho tem como pressuposto apresentar a importância da utilização dos epitáfios nos cemitérios de São João Del Rei para a elaboração do luto. Os cemitérios em que os epitáfios foram coletados refletem a mentalidade romântica do século XVIII e o imaginário no qual estão inseridos. Eles nasceram da confluência de uma série de fatores que perpassam a ordenação social, política e mental; a urbanização, a aplicação dos discursos médicos e higiênicos; a consolidação da burguesia como classe dirigente, a supremacia do individualismo e a hegemonia da Igreja Católica. As mensagens analisadas revelam elementos fundamentais para a compreensão da sociedade e das relações que se estabelecem entre os homens diante da morte e do luto e têm função memorial, na medida em que veiculam lembranças e homenagens aos falecidos. A interpretação destas mensagens revela significados e sentidos variados e tem como método a Hermenêutica de Paul Ricoeur. O foco principal da pesquisa são os quatro cemitérios de São João Del Rei.

**Palavras-Chave:** Epitáfio. Memória. Luto. Sentimento. Cemitério.

CARVALHO, Francisco de. Between death, the word and the ground: memory, mourning and feeling in the cemeteries of Sao Joao del Rei. 2014. 175f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2013.

## **ABSTRACT**

This work presupposes present the importance of the use of epitaphs in the cemeteries of São João Del Rei for the elaboration of mourning. Cemeteries where the epitaphs were collected reflect the romantic mentality of the eighteenth century and the imaginary in which they live. They were born from the confluence of a number of factors that cut across social, political and mental ordering, urbanization, the application of medical and hygienic discourses; consolidation of the bourgeoisie as the ruling class , the supremacy of individualism and the hegemony of the Catholic Church . Messages analyzed reveal key elements for understanding society and the relationships that develop between men facing death and mourning and memorial function have, to the extent that they convey memories and tributes to deceased. The interpretation of these messages reveals meanings and varied meanings and its method hermeneutics of Paul Ricoeur .The main focus of the research are the four cemeteries of Sao Joao del Rei

**Keywords:** Epitaph. Memory. Mourning. Feeling. Cemetery.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Ainsworth .....	49
<b>Quadro 02</b> – Mary Main .....	49
<b>Quadro 03</b> – Epitáfios Expressivos de saudade .....	112
<b>Quadro 04</b> – Epitáfios Expressivos de afeto .....	116
<b>Quadro 05</b> – Epitáfios Expressivos de fé .....	120
<b>Quadro 06</b> – Epitáfios Expressivos de esperança .....	123
<b>Quadro 07</b> – Epitáfios Expressivos de gratidão .....	126

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01</b> – Cemitério do Carmo.....	98
<b>Imagem 02</b> – Cemitério de São Francisco de Assis .....	100
<b>Imagem 03</b> – Cemitério das Mercês .....	101
<b>Imagem 04</b> – Cemitério do Rosário .....	102
<b>Imagem 05</b> – Cemitério de São Gonçalo.....	103

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
-------------------------	----

## **PARTE I – A MORTE**

<b>CAPÍTULO I – REFLEXÕES SOBRE A MORTE E A ELABORAÇÃO DO LUTO</b> ...	21
1.1 A morte, ontem e hoje.....	21
1.2 Os ritos funerários .....	32
1.3 Os cemitérios.....	37
1.4 O Luto.....	44

## **PARTE II – A PALAVRA**

<b>CAPÍTULO II – A PALAVRA, A MEMÓRIA E O SENTIMENTO</b> .....	59
2.1 A Palavra como comunicação .....	59
2.2 A palavra como memória .....	63
2.3 A palavra como expressão de sentimento .....	69
<b>CAPÍTULO III – A HERMENÊUTICA</b> .....	74
3.1 A interpretação em Paul Ricoeur .....	76
<b>CAPÍTULO IV – PALAVRAS PARA O MORRER: O GÊNERO EPITÁFIO</b> .....	83

## **PARTE III – O CHÃO**

<b>CAPÍTULO V – CEMITÉRIOS DE SÃO JOÃO DEL REI</b> .....	93
5.1 Irmandades e Confrarias: assistindo aos homens na vida e na morte .....	96
<b>CAPÍTULO VI – ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	136
<b>APÊNDICE:</b>	
<b>EPIGRAFIA E DESCRIÇÃO TUMULÁRIA</b> .....	155



## INTRODUÇÃO

### **Os homens morrem porque não são capazes de juntar o começo ao fim.**

Alcméon de Crotona

Desde os primórdios da civilização que o nascimento e, particularmente, a morte, despertam no ser humano uma grande curiosidade e inquietação. De fato, quer queiramos ou não queiramos, a morte nunca deixa de estar presente em nosso íntimo, constituindo, mais do que um dos mistérios da vida, a mais inelutável realidade que todos os homens e mulheres têm de defrontar. Ela suscita numerosas interrogações, para as quais a ciência, as doutrinas filosóficas, as religiões e a orientação dos valores, costumes, atitudes, práticas e superstições, procuram encontrar respostas efetivas ou tranquilamente ilusórias, na tentativa de suavizar a angústia, acalmar a ansiedade, compensar a dor e amenizá-la, no anseio de vencer o temor de muitos seres humanos que sofrem perante uma realidade que transcende a todas as forças humanas.

Uma coisa é certa: todos os seres vivos estão destinados a um inelutável desaparecimento. Até mesmo os universos, as galáxias – que simbolizam o que é perene – passaram ou passarão pelo processo da morte. A realidade da morte dentro da vida é paradoxal porque dentro de cada ser vivente existe um morrer que perturba a afetividade e aliena a razão. É em torno deste paradoxo que se concentram todas as angústias, e em seu redor se mobilizam todas as energias para saber lidar com ela, suprimi-la ou aceitá-la. A morte reside no processo da vida, pois o morrer tem seu início no nascimento e prolonga-se para além da morte biológica.

Assim falando, estamos afirmando que a relação com a morte encontra-se mediatizada nas relações sociais em suas múltiplas áreas, na medida em que ela faz parte da história humana no antes e no depois dela. Situamos no antes as questões relacionadas às atitudes e cuidados dispensados para com ela para evitá-la e para integrá-la ao nosso viver. No depois, podemos entender os ritos funerários que a acompanham, o luto, o culto aos mortos e aos antepassados. Deste modo, desmistificar a morte nos ajuda a compreender melhor o sentido da vida e a conferir

o verdadeiro destino de cada homem, levando-nos a refletir sobre os nossos desejos e medos. Na expressão de Thomas (2001, 24), “*O nascimento, na sua qualidade de separação, é parcialmente uma morte e já soa a aproximação do processo mortífero e, por conseguinte, ao longo de toda a nossa vida, nunca acabamos de morrer*”.

O poder da morte é imenso, avalassador, incontornável e irrevogável. Podemos observá-lo em toda parte, em qualquer ser vivo, e todos nós percebemos que vamos morrer. Só não sabemos quando, onde ou de que modo efetuiremos a grande transição’, o que aliado à ideia tão comum de que a morte nos arranca à vida de forma impiedosa (ou até injusta), faz aumentar um medo arrebatador e de certo modo universal, afetando tanto o crente, como o ateu, o agnóstico, o leigo ou o cientista.

A morte é um fato universal, porém a forma como se lida com ela e o seu enfrentamento e significação variam de sociedade para sociedade. Por isso, podemos dizer que o interesse por ela abrange uma gama imensa de ciências, incluindo o mundo cultural das artes e da religiões.

Em face desta primeira observação sobre a importância do estudo da morte e o grande interesse que ela desperta, parece pertinente salientar que esta pesquisa de caráter psicológico intitulada *Entre A morte, a palavra e o chão: memória, sentimento e luto nos cemitérios de São João Del Rei* é um estudo instigante, que envolveu conhecimentos geográficos, linguísticos, históricos e sociais e um olhar atento, já que sempre há muitas informações que se interpenetram e merecem interpretação, uma vez que o tema pesquisado constitui-se em uma árdua tarefa que exigiu método e estudo dedicados.

Escolhemos *São João Del Rei* como unidade básica de investigação por ser uma cidade que representa muito bem a colonização e a ocupação de Minas Gerais e também pela abundância dos cemitérios e das palavras nas lápides que lá se pode encontrar. No ano de 1828 houve no Brasil uma Lei imperial que passou a proibir os sepultamentos no interior da igrejas, prática até então muito comum. Em consequência desta proibição as Irmandades Religiosas resolveram construir os seus cemitérios o mais próximo possível de suas igrejas. Então, desde essa época, cada Irmandade passou a ter o seu próprio cemitério. De tal maneira, que o historiador Michel Vovelle chama de “*era de ouro*” dos cemitérios o período que se deu entre os anos de 1860 a 1930. Esta fase é caracterizada por ele como fase da afirmação do

luto burguês, o qual, idealizado segundo o pensamento higienista, promoveu uma clara separação entre “o espaço dos vivos e o espaço dos mortos”.

Estamos certos de que em São João Del Rei há a necessidade de recuar no tempo para se entender historicamente tudo o que se liga à origem e às construções dos cemitérios, ainda que esta perspectiva extrapole nossa seara de pesquisa e esbarre na pouca documentação histórica que pode ser encontrada. Segundo o historiador Fernando Catroga (1999, p. 8), “*toda datação é artificial e arbitrária*”. Por isso, ao nos defrontarmos com a falta de dados históricos mais detalhados sobre a origem dos cemitérios de São João Del Rei, ficamos em posição mais confortável, mesmo definindo o início de nossas pesquisas e as datas a partir dos dados colhidos *in locu* nos próprios cemitérios e também acessando alguns arquivos das Igrejas e Irmandades e outros documentos afins.

Procuramos apoiar nosso estudo situando-nos no limiar entre a história cultural da morte, a linguística textual e hermenêutica de Ricoeur, ainda que muitas vezes tenhamos nos adentrado em variadas searas cognitivas que se amalgamam e imbricam na questão da morte e do morrer, tais como a antropologia, a sociologia, a arte, a filosofia e a religião.

Na busca de respostas às questões levantadas sobre o emprego dos epitáfios e sua relação com o processo de enlutamento, bem como à percepção dos sentimentos e afetos que se alojam nas palavras, partimos da ideia de que os dados e as informações necessários a nosso estudo se ligam a diversas fontes e que a circularidade cultural nos ajudará a fazer uma reflexão mais coesa sobre a relação entre o uso da palavra e a elaboração do luto.

Os cemitérios “*com palavras*” proporcionam observar a cultura letrada de um povo e a valorização do caráter memorial. No que diz respeito aos estudos do imaginário, partilhamos da ideia de que ele está inserido no “*campo das representações*”, conforme observa Le Goff (2002, p.18). Os cemitérios de São João Del Rei podem ser considerados como um memorial vivo que se liga à história das pessoas que viveram na importante Vila de Tomé Portes Del Rei, antigo Arraial do Rio das Mortes, que teve o seu surgimento em 1713, testemunhando o que se sucedeu no espaço e no tempo, ao longo dos séculos pela rota do ouro e das pedras preciosas, assinalando as marcas deixadas pelas populações que passaram pelos caminhos ou lá viveram, no entrelaçamento cultural das raças indígena, negra e branca. Eles retratam, como num variado mosaico, o apogeu e a crise econômica da mineração

com todas as suas implicações e envolvimento, deixando ecoar a reminiscência de fatos e acontecimentos importantes para a história de Minas e do Brasil.

Nos quatro cemitérios de São João Del Rei – todos construídos no início do século XIX – existem belíssimos monumentos que dão relevo à arte sepulcral. Agregados aos monumentos tumulares e jazigos familiares estão, também, os escritos epigráficos configurados nos epitáfios. Em meio a tantas pesquisas já empreendidas sobre com a temática da arte tumular e os monumentos cemiteriais, propusemo-nos a trabalhar com o gênero epitáfio, observando a sua composição e utilização no que se refere ao emprego das palavras como expressão para o luto. Salientamos, entretanto, que os textos do gênero epitáfio comportam duas ideias: a de localização do túmulo e depois inscrição, como explica Newstok (2009) e apresentam a especificidade de consubstanciar, na linearização verbal, referências de nomeação e identificação do morto, deixando enquanto forma literária um poema autônomo, semelhante a outras composições que encerram lamento pela morte de alguém (epicédio, nênia, treno), de acordo com Moisés (1992, p. 194).

Os epitáfios, de acordo com Costa (2009, p.104) são *“inscrições sobre lápides tumulares ou monumentos funerários que visam enaltecer ou elogiar um morto”* e podem ser compreendidos como palavras criteriosamente selecionadas para a morte e o que a ela se liga. A prossecução de um trabalho desse tipo envolve opções bem definidas e o critério da escolha do corpus está refletido de várias maneiras nas motivações que nortearam a escolha deste tema e o justificam:

1 – Partindo da constatação de que o cemitério é uma das construções mais importantes de uma cidade, e que ali estão objetos e fontes que nos possibilitam conhecer os sentimentos de um povo com relação à morte e ao luto, o desenvolvimento de uma reflexão sobre o emprego das palavras na composição dos epitáfios, dentro dos ritos funerários relacionado à questão do luto, tem como pressuposto compreender, como na passagem dos séculos, nas lápides tumulares dos cemitérios de São João Del Rei podemos observar mudanças culturais no emprego de palavras e expressões frente ao fenômeno da morte. Outrossim, Os epitáfios dos cemitérios analisados constituem uma fonte documental valiosa, já que a análise desses escritos permite estabelecer um paralelo histórico entre o hoje e o ontem, na tentativa de compreender a composição das mensagens para o luto.

2 – São raros os trabalhos de pesquisa sobre a questão dos epitáfios e até mesmo sobre os cemitérios, numa perspectiva antropológica ou histórica, e inexistente uma

pesquisa específica com este matiz sobre os cemitérios de São João Del Rei. Daí ter sido grande a dificuldade para buscar uma maior fundamentação histórica sobre a origem dos cemitérios. A escassez de produção bibliográfica do assunto na região retrata um preconceito e um desinteresse pela memória histórica dos cemitérios e do seu significado no contexto sociocultural. Através do estudo epigráfico faz-se um apelo ao que foi “vivido” que, apesar de constituir uma abertura para problemas significativos, põe a questão da identidade ou da procura da identidade na relação do enlutado com a morte. Em decorrência, ressaltamos que o estudo sistemático dos epitáfios dos cemitérios de São João Del Rei é algo inédito, com relação à questão da elaboração do luto. Neste enalço, esperamos poder demonstrar as articulações existentes entre as palavras e as composições do epitáfios, em paralelo com os sentimentos e dor do enlutado, já que epitáfio é um gênero discursivo que objetiva integrar o morto a um novo lugar social, vinculado à memória e à posteridade. Ele representa a visão de mundo de um determinado grupo social que se fixa em um tempo/espaço.

3 – Como pesquisadores em Psicologia Clínica, a Investigação dos epitáfios nos cemitérios de São João Del Rei proporciona perceber que, tendo em vista ser a linguagem um fenômeno de muitas faces e desdobramentos, ela possibilita um melhor entendimento histórico e cultural da morte e das várias formas de elaboração do luto, isso porque, além da questão do tempo, nestes cemitérios, os epitáfios guardam a memória de diferentes etnias e culturas, que deixaram as suas marcas estampadas na variedade do signo tumular. Bem sabemos que todo trabalho de análise linguística constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e da cosmovisão das comunidades que ocupam um determinado espaço.

Desta maneira, esta pesquisa radica sua validade científica e sua originalidade na medida em que se propõe como objetivo principal, primordialmente apresentar um estudo descritivo – hermenêutico do gênero epitáfio nos cemitérios da cidade mineira de São João Del Rei e identificar a sua ligação e importância para a elaboração do luto, de acordo com os principais estudos psicológicos sobre o luto, tendo como arcabouço teórico os seguintes autores: Bowlby (1993), Parkes (1998, 2009), Franco (2002, 2009, 2010), Prigerson (2004, 2009), Rando (1993), Sanders (1999), Stroebe (2008), Worden (1991, 1997, 1998).

Parkes (1998) enfatiza que a perda de uma pessoa amada é uma experiência cercada de muita dor e sofrimento, e é essencial que os profissionais de

saúde, dentre eles o Psicólogo, possam estar preparados para ajudar às famílias neste momento difícil em que o luto precisa ser bem elaborado e bem conduzido; e Bowlby (2009) evidencia que o processo de luto implica duas mudanças psicológicas: a) reconhecer e aceitar a realidade; b) experimentar e lidar com as emoções e problemas que ocorrem com a perda.

O luto, portanto, representa o processo em que a pessoa se encontra após tomar consciência da perda; é um processo natural e esperado em resposta ao rompimento de um vínculo afetivo. O morrer, intrínseco ao viver, surge como um problema radical que, em vez de ser recalcado, pode nos ensinar a compreender a vida e a valorizá-la. E como da morte só podemos reconhecer a sua semiótica, os discursos que tentam explicá-la, sejam eles religiosos, sociais, psicológicos, antropológicos e de toda sorte de *logias*, eles sempre serão uma fala de (e sobre) os vivos.

Como objetivos específicos, estabelecemos:

- Fazer o levantamento dos epitáfios nos quatro cemitérios de São João Del Rei;
- Coletar dados históricos e socioculturais que fundamentam a origem e a motivação do surgimento dos cemitérios;
- Apresentar, quando possível, as referências ligadas a prática do epitáfio, demonstrando que esta responde a uma necessidade social e cultural do homem ao lidar com o corpo/cadáver daqueles que morrem;
- Efetuar um estudo hermenêutico – interpretativo das principais motivações do discurso epigráfico.

A metodologia utilizada nesta pesquisa teve como fio condutor a ideia de Labov (1994), que parte “*do presente para o passado e volta ao presente*” e nossa pesquisa se caracteriza tanto como uma pesquisa de campo (coleta de dados nos cemitérios de São João Del Rei), como bibliográfica (levantamento da literatura, estudo da bibliografia). Para a coleta de dados, utilizamos a câmera digital. Por fim, esclarecemos que nossa pesquisa seguiu a abordagem qualitativa de natureza interpretativista, tendo como pressuposto a hermenêutica de Ricoeur (1976).

Na busca dos objetivos propostos em nossa pesquisa, nos valem os de alguns trabalhos voltados ao tema. A história da morte, desde há muito tempo, tem sido objeto de muitas pesquisas historiográficas no mundo inteiro, começando na

França, berço dos estudos sobre a morte, com os trabalhos de Ariès (1982, 2000, 2003), Vovelle (1983) e Morin (1970, 1988). Sobre os ritos funerários e as questões religiosas e culturais que se ligam ao tema consideramos os trabalhos de Bayard (1996) e Parkes (2009, 1998, 1997). Sobre o aspecto memorial dos epitáfios, utilizamos dos estudos de Catroga (2001), Ricoeur (2007), Le Goff (2003) e Derrida (1994,2005) e Halbwachs (2004).

Para questões sobre a linguagem no que se refere ao uso da palavra nos epitáfios nos voltamos para Vygostsky (2001, 2004), Bakhtin (2003) e Maingueneau (2004) e os trabalhos de Koch (2005), Magiolino (2010), Santana (2011) e Tolfo (2009).

Na busca de melhor compreensão de algumas questões históricas ligadas aos cemitérios de São João Del Rei procedemos um levantamento bibliográfico histórico de contexto regional e encontramos alguns autores que, com perspectivas diferentes, ofereceram pistas que ajudaram no aprofundamento do tema desta pesquisa. Dentre eles destacamos: Almeida, (2007), Arantes Campos (1994), Barbosa (1971), Lima Júnior (1965), Ribeiro (2006), Reis (2002), Veiga (1879), Oliveira (1998) e Barreiros (1976). Este conjunto de obras tornou-se especialmente importante para a composição do estudo que ora realizamos, uma vez que foi a partir dessas pesquisas, e em contato com esses autores, que tivemos a oportunidade de iniciar as discussões sobre o tema.

Em conformidade com a limitação deste trabalho, as informações adquiridas, devido à amplitude, tiveram que passar por um exame seletivo na sua apresentação e a organização seguiu uma disposição estrutural clássica e está dividida em três partes didáticas e complementares: uma componente de revisão e fundamentação teórica nas partes I e II, antecedendo a componente analítica com a discussão dos resultados na parte III. Optamos, ainda, por uma forma temática de apresentação desses conteúdos, de modo a criar laços de continuidade e pontos de consonância entre os temas enfeixados.

**A Parte I – A Morte:** foi dedicada a uma revisão seletiva dos estudos sobre a morte e, por isso, no **Capítulo I – Reflexões sobre a morte e a elaboração do luto**, partimos do pressuposto de que os estudos sobre o processo de enlutamento revelam a importância da dimensão simbólica na medida em que o luto para ser bem elaborado necessita da ritualização. Esta se torna elemento eficaz para uma elaboração saudável do luto, na medida em que a morte biológica só existirá se for

comprovada na ordem do plano simbólico que inclui vários elementos rituais. Paradoxalmente, é na morte que se prova a intensidade do amor. O que foi vivido e que deu sentido à vida encontra na morte a plenitude do seu sentido. Estes estudos procuram abrir caminho, direta ou indiretamente, para a questão do estudo dos epitáfios e da motivação que subjaz ao processo de sua formação. Procuramos mostrar aqui o arcabouço teórico que sustenta nossa pesquisa, indo até as fontes originárias do estudo da morte e do luto e visitando os principais autores. Em especial, nos detivemos nas teorias de Bowlby e Parkes. Dessa maneira, apresentamos no Capítulo I os pressupostos teóricos ligados à psicologia clínica que embasam esta pesquisa.

Em um segundo momento, na **Parte II – A Palavra**, no **Capítulo II – A palavra, a memória e o sentimento**, traçamos um perfil abrangente da importância da palavra para o ser humano, no que se refere ao processo comunicativo, à questão memorialística e como fundamento das emoções e sentimentos. No **Capítulo III – A hermenêutica**, mostramos como a hermenêutica que, inicialmente designava apenas a arte de interpretar os textos, tornou-se, após o pensamento de Ricoeur, em uma hermenêutica da existência, uma filosofia universal do entendimento. No **Capítulo IV – Palavras para o morrer: o gênero epitáfio**, caracterizamos o gênero epitáfio, remontando às suas origens e à suas finalidades. Sendo ele um gênero discursivo que objetiva integrar o morto a um novo lugar social, vincula-se à memória e à posteridade, representando a visão de mundo de um determinado grupo social que se fixa em um tempo/espaço.

Para além da parte teórica, a **Parte III – O Chão**, no **Capítulo V – Cemitérios em São João Del Rei**, delineamos de maneira breve o contexto histórico que se liga aos cemitérios de São João Del Rei com as suas principais características, para, em seguida, no **Capítulo VI – Análise e Discussão**, proceder uma análise e uma discussão sobre os epitáfios selecionados.

Por último, nas **Considerações Finais**, elaboramos algumas premissas de conclusão ligadas a este estudo psicológico-cultural, visando ainda reafirmar o seu valor para a investigação e o entendimento do luto dentro de uma cultura regional. No **Apêndice** apresentamos os epitáfios que foram escolhidos e que serviram como *corpus* fundamental para a análise hermenêutica realizada.

Há de se relevar que o trabalho de análise dos epitáfios ou das “*palavras para a morte*” arrasta sempre uma atividade hermenêutica, que permite

apurar significações acima de toda a mensagem literal e imediata. Uma posição metodológica deste cariz é, desde há muito sentida como necessária para um entendimento mais completo do *corpus* pesquisado, de alta relevância pela originalidade e importância para o entendimento do fenómeno morte.

## PARTE I – A MORTE



*Há-de ser por entre vinhos*

*amoras e madressílvas  
o caminho do reencontro  
e muito perto há-de-se ouvir  
a voz do mar.*

*Tu, há-de vir correndo para mim  
e eu, ao reconhecer o teu olhar,  
heí-de apoiar-me no teu braço forte.*

*Seguros e felizes seguiremos  
dizendo os gestos e as palavras  
que faltaram ao amor.*

*E os que vão ficar  
a isto  
hão-de chamar  
a minha morte.*

**Bárbara Lopes**

## **CAPÍTULO I**

### **REFLEXÕES SOBRE A MORTE E A ELABORAÇÃO DO LUTO**

#### **1.1 A morte, ontem e hoje**

A realidade da morte, em todos os tempos, culturas e civilizações sempre levantou interrogações, para as quais a ciência, a filosofia e a religião procuram encontrar respostas, sejam efetivas ou ilusórias, na busca de aplacar as angústias e a ansiedade, na vã tentativa de compensar a dor e amenizar o temor de muitos seres humanos. O impacto da morte de alguém que se ama, um familiar ou amigo querido, tem uma força emocional intensa. Nestas ocasiões a morte se faz altaneira e faz acordar a consciência da limitação e da miséria humana porque desvela a realidade cruel de que, como seres humanos, somos finitos e, por isso, reacende em nós os mais profundos temores que se perfilam para formar um conjunto de interrogações, tristezas, lembranças, emoções e dores. No entendimento de Freud (1964, p.12), ante *“o doloroso enigma da morte contra o qual não se encontrou remédio algum”* faz com que constatemos que *“a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável, trazendo-nos à mente, uma vez mais, a nossa fraqueza e a nossa impotência”*. O homem em confronto com a realidade da morte muitas vezes tem dificuldades de admitir a sua finitude, e, por isso, usa a imaginação para aceitar essa realidade e até mesmo negar essa finitude. Explica o autor que,

O que no homem desencadeou o espírito de questionamento não foi o enigma intelectual, nem cada morte, mas o conflito de sentimentos diante da morte de pessoas amadas e também de pessoas estranhas ou odiadas. Desse conflito de sentimentos a psicologia foi a primeira da fila. O homem não podia mais olhar a morte de longe, pois ele a tinha experienciado em seu sofrimento diante do morto. No entanto, ele não queria reconhecê-la, pois não conseguia imaginar a si próprio como morto. Por isso, planejou um compromisso: aceitou também o fato de sua própria morte, mas negou-lhe o significado de aniquilamento. Sua persistente lembrança dos mortos tornou-se a base para assumir outras formas de existência e despertou nele o conceito de uma vida em continuação após a morte visível (FREUD, 1964, p. 292).

Bem sabemos, que a noção de vida e morte relaciona-se com a época em que o homem vive. Em todas as sociedades humanas, de hoje e de ontem, podemos presenciar formas diferenciadas de lidar com a morte que se ligam a costumes e crenças rituais multifacetadas. Parkes (2003, p. 21) salienta que todas as sociedades enxergam a morte como transição para a pessoa que morre, e que o modo como as pessoas se preparam a si próprias para esta transição e a forma como se

comportam os sobreviventes após uma morte varia muito. Os autores afirmam que: *“Choro, medo e ira são tão comuns como virtualmente onipresentes”*.

De acordo com Nascimento (1999, p. 26), a historiografia da morte tem conteúdo amplo e as pesquisas desenvolvidas convergem para duas vertentes principais: a demografia histórica e a história das mentalidades. A primeira busca, dentro de um enfoque quantitativo, apreender o fato demográfico através de uma clivagem socioeconômica e cultural, com a finalidade de analisar as diferenças de mortalidade entre homens, crianças e adultos nas diversas classes sociais. A segunda, visa cuidar das atitudes, representações e comportamentos coletivos que envolvem o fenômeno da morte, visando melhor compreender a morte dentro dos diversos contextos socioculturais, incluindo em suas análises os diversos significados da morte, o espetáculo da morte, a liturgia e o culto aos mortos. E com este enfoque que balizamos nosso estudo sobre a morte. Assim, dentro de nossa pesquisa sobre os epitáfios dos cemitérios de São João Del Rei, traçamos um breve esboço historiográfico sobre a morte, adotando como referência básica um dos clássicos dos estudos de longa duração sobre a morte no Ocidente Cristão – Philippe Ariès (2003).

Para o homem primitivo – que não tinha em seu bojo a noção de eternidade – inexistia o conceito de morte nos moldes da compreensão moderna. A morte nessas sociedades era percebida apenas como um evento que mudava a ordem da vida e transmutava o estado do vivo em morto. Nessas sociedades os mortos eram enterrados com víveres, armas e vestuário, numa notória aceção de que eles poderiam continuar vivendo a vida nesse novo estado. Morin (1970) ressalta a função cerimonial do banquete fúnebre que ritualizava a mudança de estado do indivíduo, bem como o espaço para a manifestação das perdas individual e grupal.

Grande parte dos estudiosos da morte afirma ser o homem o único animal que cultua os seus mortos. Dentre estes autores encontramos Edgar Morin, Françoise Charpentier e Louis-Vincent Thomas (apud CATROGA, 2009, p. 165).

Conforme os antropólogos, desde as primeiras aglomerações humanas, o horror perante a putrefação dos cadáveres e também o medo do *“regresso dos mortos”* fizeram surgir uma ritualização para dar um destino último aos cadáveres. Neste último rito de passagem, desde as sociedades arcaicas, estava subsumido um ato social de exorcização da morte e de restauração da ordem. Assim, nesta ritualização, houve também a emergência de um desejo de eternidade como uma forma de equilíbrio diante da falta de aceitação de que os membros de uma sociedade

estivessem condenados ao desaparecimento. Conforme Catroga, não há sociedade sem ritos institucionalizados no tempo e espaço

O surgimento da religião (religare: “ligar”) com o seu ideário de crenças em forças sobrenaturais e invisíveis que controlam a existência do ser humano e do universo, introduziu no cenário das sociedades humanas primitivas o desejo de imortalidade e a morte passou a ser vista de uma nova maneira. A adentração do conceito de imortalidade tornou possível o surgimento do medo de morrer, já que o ser humano não sabia como deveria lidar com a nova situação. Desta maneira, emerge a constatação de que é na forma como uma sociedade trata e lida com a morte de seus membros e dos corpos sem vida, e também na maneira como ritualiza esta passagem que se pode verificar as ideias que norteiam o contexto de uma época.

Os egípcios primitivos (séc. V a. C.) acreditavam firmemente na vida após a morte e na ideia de que as almas dos mortos permaneciam na terra ou próximo dela. Esta foi certamente uma das razões que levou esta civilização a construir locais especiais, acima ou próximo dos túmulos, onde podiam encontrar o espírito ou fazer-lhe ofertas regulares, satisfazendo-o. Esta civilização ancestral defendia a imortalidade e a atração da alma para um plano de consciência mais elevado, só atingível para quem aceitasse e conseguisse superar as provas e dificuldades da vida. A morte era entendida como um rito de passagem ou uma iniciação no Além, pelo que nela nada havia a temer, mas sim a respeitar. No Egito e também na sociedade que se organizavam ao redor dos rios Tigre e Eufrates, a Mesopotâmia, podemos detectar a ligação entre o poder ideológico e a morte, na medida em que esta constitui-se como parte integrante do sistema de dominação que a colocava no centro da religião, vinculada à sociedade e à política. Desta forma, prevalecia um conjunto de ideias que apresentava as figuras das divindades e personalidades sociais aglutinadas aos sacerdotes e faraós. É relevante dentro da cultura egípcia a preocupação com a conservação dos corpos para a utilização na vida posterior.

Os antigos gregos estudaram e compreenderam de um modo mais amplo as antigas noções egípcias sobre a morte. A influência de grandes filósofos como Pitágoras, Sócrates e Platão foi sumamente importante. O homem comum encarava a morte com mais medo do que esperança, já os filósofos a viam com naturalidade e alegria, como se fosse uma “*grande travessia*”, que possibilitava a libertação do seu espírito em relação ao corpo que a aprisionava. Pitágoras, numa

visão enigmática, afirmou que tudo o que vemos quando estamos despertos é a morte e ela nos remete para a vida. Para Sócrates, uma pessoa que se orientasse pelo amor, e não pelo desejo, pela sabedoria, pela verdade e pela justiça reservava para a sua alma pura e imortal um local divino após a morte; senão, de acordo com a vida passada, a alma deveria purificar-se através de um processo por vezes longo. Assim, só teria uma boa morte e uma vida feliz além-túmulo o homem que realmente levasse uma vida boa. Platão, nos seus diálogos filosóficos, reforçou as palavras do seu mestre Sócrates e foi o primeiro pensador que relacionou a ciência com a filosofia. Para ele, a filosofia é uma aprendizagem da morte. Na cultura grega, prevalecia a ritualidade da cremação dos corpos que demarcava a nova condição de um indivíduo em sua passagem para a imortalidade. As cinzas eram uma maneira de preservar a memória do falecido.

A Roma antiga foi beber à Grécia toda a sua cultura, os seus valores, práticas, costumes e até a mitologia (modificando-a posteriormente). Isso resultou em uma diferenciação pequena no que tange à representação da morte. É pela ritualização da morte e do morrer que uma passagem de estado se abria para o indivíduo, bem como o separava dos vivos. Assim, pelos ritos se construía uma passagem demarcatória entre os que vivem e os que morrem. Aos funerais romanos, em particular nos casos de indivíduos ricos ou importantes, acorriam inúmeras mulheres para chorar o morto. Eram também contratadas carpideiras que acompanhavam o cortejo e ganhavam de acordo com o serviço prestado.

Entretanto, apesar da familiaridade com os mortos, adentrou-se também no seio da sociedade primitiva o medo da morte que se fazia notável de várias maneiras. Na Roma Antiga havia a proibição do enterro dentro da *urbis* para afastar os vivos dos mortos. Surgiram também práticas supersticiosas com o intuito de manter o morto longe dos vivos, tais como: sobre a cova devia ser colocada uma pesada pedra para impedi-lo de levantar-se, ou ainda, o fechamento de seus olhos com a intenção de não deixar ele enxergar o caminho da volta (CHIAVENATO, 1998).

Todas as civilizações do mundo antigo afirmam que o homem possui vários corpos invisíveis que, no momento da morte, se separam do corpo físico e continuam a viver no *"lado de lá"*, pelo que a via terrestre é somente uma parcela na via cósmica (BAYARD, 1996). Entretanto, em muitas das culturas antigas, como a egípcia, a grega e a romana, ou recuando mais a mesopotâmica e a pérsica, a doutrina da reencarnação era aceita e defendida. Estas culturas, entretanto, foram perseguidas

e os seus conhecimentos destruídos, e grande parte foi perdida. Isso se deu dentro da cultura ocidental por causa da influência da Igreja Católica, empenhada na conquista da razão e do poder cultural e político.

Na Idade Média a morte estava intrinsecamente ligada ao poder da Igreja Católica que a instrumentalizou em favor de sua doutrina, elevando à glória dos altares os santos e tratando a morte dos cruzados como gesto heroico e de imortalidade. Nesta fase, a Igreja assenhorou-se da morte para impor o seu poder e influência, não deixando de manifestar o seu posicionamento social entre pobres e ricos no que se referia às práticas de sepultamento dentro e fora dos templos, já que os nobres e ricos eram sepultados dentro das igrejas, numa conotação de proximidade com Deus e os santos. Desta forma, muitas atitudes relacionadas à morte resistem à passagem do tempo e persistem desde os tempos primordiais e estão extremamente vinculadas à religião, acentuando que as religiões começaram pela recusa da morte.

Para Coulanges (1987, p. 8), as crenças antigas que postulavam que os mortos eram sagrados sempre influenciaram a conduta dos homens, estabelecendo verdadeiras religiões da morte, cujos ritos sobreviveram aos dogmas, até o triunfo do cristianismo. Para Thomas (1993), os santos católicos podem ser definidos como defuntos que, graças aos seus méritos, escaparam da morte escatológica. Entretanto, para Albert (1994, p. 442), na religião católica, o culto aos mortos é essencial e eles sempre inspiraram monumentais construções dedicadas às suas memórias, servindo, desta maneira, ao imaginário dos vivos, que vislumbravam possíveis retornos espirituais e materiais.

É também na fase medieval que se tornam socialmente importantes os ritos fúnebres. Nestes ritos evidencia-se a supremacia de um grupo social que conquista o “céu”, espaço e tempo eternos. É neste momento histórico que emerge a sepultura como local onde a memória individual e coletiva encontram relevância. Ariès (2003) traça um percurso da Idade Média aos nossos dias, definindo quatro épocas distintas em função das atitudes face à morte: a primeira abrange cerca de um milênio – Baixa Idade Média – e apresenta a morte domesticada ou familiarizada. Morrer bem, tal como viver bem, não era considerado uma atividade solitária.

O indivíduo era auxiliado pelo médico e o padre a reconduzir a sua vida dentro de um ordem cristã e os ritos da morte eram cumpridos com simplicidade, de modo cerimonial mas sem dramatismo ou emoção excessivos. Ele cruzava os braços sobre o peito (atitudes das estátuas jacentes a partir do século XII) ou, como

no cristianismo primitivo, estendia-os numa atitude de prece, com a cabeça voltada para o oriente em direção a Jerusalém. Primeiro lamentava-se sobre a sua vida e depois evocava e recordava os seus feitos e méritos, as posses e conquistas e chorava pelas pessoas e coisas amadas, pedindo perdão aos numerosos assistentes que choravam e o observavam em seu leito. Depois o moribundo devia esquecer o mundo e pensar em Deus, rezando em voz alta. Então, confessava a sua culpa e pedia a salvação de sua alma. O padre procedia a absolvição, lendo salmos, incensando o corpo e aspergindo-o com a água benta. No momento da morte deveria haver alegria pelo retorno da alma ao seio do Criador, esperando-se a salvação e a vida eterna, junto dos anjos e da corte celestial.

De acordo com Santana (2011, p.27), a individualização das sepulturas e a retomada à epígrafe funerária foram dois importantes fenômenos que contribuíram para a tomada de consciência da individualidade própria da vida de cada homem, a morte de si mesmo, atitude surgida no final do século XII e que permanecerá até os tempos modernos.

O advento da Idade Moderna trouxe uma diferença interessante no que tange à visão da morte, que passou a ser visibilizada como ruptura cruel e violenta, uma afronta à vida. Popularizaram-se histórias e lendas que falavam dos mortos-vivos e de pessoas enterradas vivas que fizeram gerar pavor e medo, assombrando as populações. Isso pode ser notado quando nos debruçamos na leitura dos testamentos medievais e nas suas cláusulas (CHIAVENATO, 1998). A expressão de emoção pelos sobreviventes se dá pela intolerância e pela não aceitação da “*morte do outro*”. Fortalece, nessa época, a crença em uma vida futura, uma vez que a morte passa a representar uma possibilidade de reencontro.

Entre os séculos XIX até o XX, configura-se, a partir desta intolerância e não aceitação da morte, a “*morte interdita*”. Ariès ao falar assim, está identificando a morte como tabu, obscena, banalizada e banida da vida dos homens, dentro de uma verdadeira revolução cultural. Essa mentalidade iniciada no final do século XIX consolidou-se no século XX, chegando aos nossos dias, conforme aponta o autor.

Essa passagem se deu na medida em que o ser humano, privado das informações relativas ao seu verdadeiro estado de saúde, incapaz de prever a iminência do seu desenlace, afastado das decisões relacionadas ao próprio funeral, o homem foi alienado de sua própria morte. De tal modo que, se antes esta era vivenciada de modo comunitário e familiar, com os entes queridos e os amigos, a cena

da morte passou a ser deslocada para a solidão e o anonimato dos hospitais. Não mais tem importâncias as questões existenciais, mas agora prevalece a técnica e a eficiência da equipe hospitalar. De fenômeno natural, que faz parte da realidade da vida, a morte passou a ser encarada como algo assustador, incompreensível que deve ser enfrentado na solidão, como um fracasso. E tudo deve escondê-la. As celebrações fúnebres devem ser discretas e simplificadas, assépticas e práticas numa desvinculação que fez descaracterizar as suas funções rituais de passagem que proporcionava a compreensão da comunidade na associação do nexo entre vida-morte.

Isso se deu de tal modo que os mortos foram “*como que arrancados*” do convívio com os vivos, tirando a possibilidade de que estejam existindo de alguma maneira e abrindo um abismo em que se aloja um silêncio profundo e incomensurável, “*um não-tempo, um não-espaço, uma eternidade invertida que só pode ser uma coisa: temida.*” (RODRIGUES, 1983, p. 274).

A morte, antes aceita como fenômeno natural, passa agora a ser expulsa do cotidiano da vida. Também a partir do século XIX a visão da morte se enlaça com a noção de limpeza. Começa a ter lugar um comportamento atrelado à sanidade.

É assim que os cemitérios públicos surgiram, já que os espaços eclesiais tornaram-se insuficientes e inaptos para suportar um questionamento ligado ao medo da proliferação de doenças. Desta maneira, os cemitérios, desvinculados da Igreja, passaram a ser construídos em locais distantes das cidades.

Entre os séculos XVIII e XIX, a visão do individualismo romântico fez-se dominante e a morte passou a ser vista com aspectos nostálgicos e poéticos e fuga da realidade. Ainda que a busca pela sanidade dos enterros e a preocupação com a saúde sejam relevantes, emerge neste momento um sentimento de perda e de enlutamento diante da pessoa que se foi. A morte do outro passa a representar um perda para a sociedade burguesa (ARIÈS, 1982).

Como num efeito dialético, em seguida, do século XX aos nossos dias, desponta uma visão que nega a morte. O luto e suas manifestações devem ser silenciadas. Advém nesse período uma supressão do luto prolongado e em seu lugar privilegia-se a contenção da dor. A felicidade passou a ser buscada de maneira obsessiva e a dor e a morte foram retiradas pelo homem contemporâneo. Se anteriormente morrer era um ato doméstico e familiar, agora a morte foi transplantada

para o universo hospitalar, neutro e asséptico, informal e impessoal. Em troca de uma segurança e de uma morte sem dor. O velório não deve durar muito e o corpo do morto não mais encontra aconchego na casa onde ele vivia, em meio às coisas que faziam parte de sua vida, junto ao mundo histórico que lhe pertencia. É no velório, cada vez mais empresarial, em que outros tudo providenciam: da limpeza do corpo aos adornos que compõem o caixão funerário. Tudo deve ser feito com muita discrição e sem alarde como a dizer que é preciso silenciar a dor da perda e da separação porque morrer é extremamente natural. Um comportamento antitético entre o afeto e a dor.

A morte passou a ser tabu e banalizada com a clara intenção de afastá-la das pessoas. Ariès (1982) ao falar sobre o assunto caracteriza esta atitude de indiferença à morte como se fosse a sublimação de seu efeito na vida das pessoas. Para o autor citado, esse fenômeno desencadeia uma “*catarse coletiva*” que pode ser visibilizada por ocasião da morte de pessoas conhecidas, quando muitas vezes vem à tona um sentimento de repúdio e não-aceitação da morte do indivíduo, funcionando como se essa situação de recusa nos afastasse também da morte. O homem evita pensar na sua própria morte e vive como se ela nunca pudesse atingi-lo. Vive como se fosse possuidor da imortalidade, como se fosse viver para sempre, negando-se a pensar sobre o assunto. A morte é sempre a do outro, e de um outro estranho, longe daqueles a quem ele cultivava laços afetivos (FREITAS, 2000).

Ao longo da história e no passar do tempo, todos os indivíduos e suas famílias, passam por perdas naturais, inerentes ao processo de desenvolvimento. Mas, a morte que, em tempos passados, era vista como algo natural, permitindo à família viver um processo de luto que era instituído socialmente, marcado pelos hábitos e o tempo, passou a ter significado de fracasso. Nos tempos de agora, chamados de “*Pós-Modernidade*”, morrer é visto como desumano e até “*não natural*” (FRANCO, 2007 apud SILVA, 2009).

É traço marcante da cultura ocidental a característica da conservação da vida e do banimento da morte. As sociedades ocidentais priorizam apagar a ideia de que o homem possa ser mortal, de que ele tenha fim, e preferem sempre exaltar a permanência da vivência. É pela negação da finitude do homem que a cultura ocidental criou e enraizou a morte. Ariès (2003, p.293) destaca que a morte, que foi plenamente presente no cotidiano das sociedades medievais, nos dias atuais passou

a ser vista como assunto interdito e *“o homem de hoje, por não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu; ela se tornou selvagem.”*

Parece que o homem contemporâneo encontra-se despreparado para morrer, como em nenhum outro momento histórico precedente. E a morte nunca é bem-vinda. Morre-se sempre *“de”*, e esquece-se que, afinal, a causa dela está dentro do incessante perecer da vida. Filosoficamente, a morte é um nada epistemológico e um nada ontológico. Confrontá-la dentro da realidade da vida é sempre negá-la. Só a partir de um sujeito instalado na certeza do viver se poderá interrogar o seu enigma, entendendo que *“é o saber sobre a morte e o morrer que suscita inquietação ao homem”*, de acordo com Elias (1998, p. 15).

É óbvio que nossos antepassados foram, em algum tempo, contemporâneos. Os gregos ou os romanos não tinham consciência que estavam vivendo na Antiguidade e os povos medievais não consideravam que viviam na Idade Média. Assim, é sempre a contemporaneidade do presente que possibilita fazer a distinção entre o passado (o que foi vivido) e o futuro (o que poderá ser vivido). Desse modo, nossos antepassados, que já morreram, não têm futuro. Seu futuro ficou para sempre no passado. Um historiador pode até relatar como as gerações que nos precederam representaram o futuro, mas essas representações já desapareceram no passado. Cada presente, assim como hoje ou a cem mil anos atrás, tem o seu próprio futuro que teoricamente é um prospecto ilimitado de suas próprias possibilidades. Entretanto, é no presente que podemos colher o que resultou do passado histórico humano, com todas as suas conquistas e fracassos, suas esperanças e decepções, suas angústias e evidências.

A consciência da morte é uma das maiores conquistas construtivas do homem, ela dá bases para constituição do homem. Conforme Morin (1988, p. 16-17): *“Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental”*.

A morte é fundadora para o viver. É ela que faz com que a vida tenha sentido. Ter consciência da morte é o principal fator que diferencia o ser humano dos outros e, talvez, por ser algo que foge do nosso controle e pelo fato de ser desconhecido e de não sabermos qual é seu fim, a morte se torna um assunto atraente, fascinante e complexo, que gera curiosidade apesar de desconforto. Atrai e assusta. Aguça a curiosidade e faz sofrer (PAIVA, 2011, p. 33). Na expressão de Elias

(2001, p. 11): “*não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos*”.

A morte faz parte da nossa vida. Ela se faz presente na rotina cotidiana: nas notícias dos jornais, na convivência com os outros, no processo de envelhecimento em que se insere todas as formas de vida. Concomitantemente à sua realidade e presença em nossa realidade está também a sua interdição. Não se deseja falar dela e nem pensar nela. É melhor a conspiração do silêncio. Algo quase de uma total obscuridade delinea em nossa sociedade atual, num padrão de ocultamento da morte. Cada vez ela se oculta mais, tornando-se quase invisível. Ariès (2003) chama a isso de “*desumanização da morte*”. No passado, diferentemente da sociedade ocidental de hoje, as civilizações tinham relação de muita proximidade com a morte, fenômeno conhecido como a *ars moriendi*, ou seja a “*a arte de morrer*”. A arte de morrer tinha dentro dessas culturas um valor que pode ser comparado com a “*a arte de viver*” nos dias de hoje. O morrer era valorizado e a morte não era negada.

Uma simples visita ao hospital e a maneira como a ciência médica cuida da morte pode comprovar essa negação. Por mais crítica que seja a condição do paciente, sempre são lhe apresentadas alternativas de vida e nunca de morte. O fato hospitalar é decisivo para o estudo do fenômeno, já que de acordo com Nuland (1955), 80% das mortes norte-americanas acontecem no regime de hospitalização. Nos documentos legais de atestados de óbitos não existe espaço para a chamada “*morte natural*” devendo, por isso, a causa da morte ser especificada. Esta é apresentada apenas como se fosse algo que a Ciência e a Técnicas Médicas não deram conta de “*derrotar*”. Esta impressão é, ao mesmo tempo irreal e cruel para o profissional de saúde, que muitas vezes se sente culpado por não ter conseguido evitar a morte do paciente. É como se a sociedade assim procedendo quisesse apregoar que não existe ligação da morte com a vida, desnaturalizando a morte. Essa situação denota o fato de que na sociedade contemporânea vida e morte não caminham juntas, já que a ilusão da técnica quer trazer a ideia de que a vida por ser estendida infinitamente, construindo a eternidade no tempo de nossa própria vida (CASTELLS,1996).

Em sintonia com Elias (1987), existem basicamente três formas de enfrentar a morte: 1 – Enfrentar a morte e enxergá-la como passagem para outra vida (algo que não deve necessariamente ser interpretado como uma boa notícia), e que em nossa sociedade contemporânea vem perdendo força; 2 – Considerar a morte

como dado essencial da existência humana, já que somos finitos: o ser humano é um “*ser-para-a-morte*”, como definiu Heidegger (2000), e é preciso “*aprender a morrer*”, nas palavras de Montaigne (1948); 3 – Evitar todo pensamento sobre a morte, ocultando e reprimindo a presença do fenômeno da morte quanto seja possível. Algo que soa como que irresistível na sociedade contemporânea, já que nela presenciemos uma repressão à realidade da morte e a crença na imortalidade pessoal (“*outros morrem, mas não eu*”).

Como consequência, para Griffa e Moreno (2001, p.119), existimos com e na esperança de transcender a morte. Tentamos, de diferentes modos, superá-la: seja na recordação de nossa família ou amigos, seja na criação de uma obra de arte ou em outra cristalização de um projeto nosso que pode ser a invenção de algo ou a escrita de uma tese, ou também a transcendemos esperando a outra vida, para além da morte, já não sujeita à matéria, à dor, à doença.

## 1.2 Os ritos funerários

Em conformidade com Bayard (1996, p. 15), em todas as sociedades encontramos ritos funerários. Os ritos podem ser entendidos como condutas corporais, mais ou menos estereotipadas, às vezes codificadas e institucionalizadas, “*que exigem um tempo, espaço cênico e um certo tipo de atores: Deus e os antepassados, os oficiantes e os fiéis participantes*”. Daí que o rito seja sempre um ato social de exorcização da morte e da restauração da ordem. É pelo rito que o homem se move por um desejo de eternidade e aprende a lidar com o “*desaparecimento*” daqueles que ama. Segundo Azevedo (1987, p. 60), “*a morte, última baliza do ciclo da vida, encerrando a existência, é, para toda a humanidade, assinalada pelos mais dramáticos ritos*”. Ela gera uma série de “*cerimônias propiciatórias e consagratórias*”, desde quando se destinam a dispor da presença do cadáver, oferecendo-lhe um estado satisfatório e definindo sua condição de participante de um mundo invisível e misterioso.

Na visão de Thomas (1985, p. 13), o sentido do rito encontra-se nas interações entre os protagonistas do drama e o consenso que os unifica, sendo este sentido construído na “*organização de signos geradora de eficácia simbólica e performativa*”. E é dentro do horizonte da crença que isto pode acontecer, já que a representação ritual tem a função de ser catártica e normativa, funcionando como materialização libertadora de angústias e modo de resolução de dramas e conflitos.

Os ritos mortuários têm como objetivo fundamental agregar o duplo e superar o trauma e a desordem que a morte provoca nos sobreviventes. Uma das funções mais importantes da ritualização está na prática libertadora da presença do cadáver. Bayard (1996) mostra a universalidade dos ritos mortuários dentro das diversas culturas e também as variadas práticas e técnicas que expressam este objetivo: O canibalismo (p.69), a incineração (p. 94), o embalsamamento (p. 101), a cremação (p. 67), a inumação (p.124). A utilização destas técnicas se reveste de um simbolismo capaz de conferir sentido à morte e de tornar mais suportável a rejeição da separação do ente querido. Elas mostram pelos gestos rituais e libertadores o desejo de fazer regressar o corpo à terra ou à água, pela purificação no fogo ou comunhão canibalística e de oferecer a ele um lugar de destino, a fim de suprimir a imagem de decomposição, “*destruindo, dissimulando ou conservando*” o cadáver, nas palavras de Urbain (1997, p. 381).

Certamente que foi por causa do pavor da morte e do medo que ela traz que o ser humano estabeleceu o duplo<sup>1</sup> em sua imaginação, tornando-se a salvaguarda do corpo contra a decomposição. Este mito tem ajudado o ser humano a elaborar os seus sentimentos de horror e de recusa da morte e a restabelecer os elos da cadeia indivíduo-espécie-sociedade, ameaçados por ela. É como se o fato da morte, filtrado pelo imaginário humano, passasse a afigurar-se na consciência humana não como aniquilamento, mas como transformação. Com o passar do tempo, interpretações sucessivas se sobrepuseram nas explicações religiosas e filosóficas.

Nas religiões de salvação<sup>2</sup> elas se fundiram na ideia de ressurreição. Salvação é um termo que genericamente se refere à libertação de um estado ou

---

<sup>1</sup> Duplo: Expressão primitiva dos processos de reprodução da vida, ou seja, a duplicação e a fecundação. O mito da morte-renascimento é a representação do ciclo biológico por meio do qual se estabelece o nexa entre a morte individual e a perpetuação da espécie humana: “*toda morte anuncia um nascimento e todo nascimento procede de uma morte, toda mudança é análoga a uma morte-renascimento*”. (MORIN, 1997, p. 109).

<sup>2</sup> Para os Protestantes a Salvação vem pela graça de Deus. Tendo Jesus sofrido na cruz do Calvário o castigo do pecado, pode agora dar a salvação ao pecador. É qual uma permuta: Jesus Cristo leva sobre

condição indesejável. O conceito de salvação eterna, salvação celestial ou salvação espiritual faz referência à salvação da alma, pela qual a alma se livraria de uma ameaça eterna (castigo eterno ou condenação eterna) que esperaria depois da morte. Na teologia, o estudo da salvação se chama *soteriologia* e é um conceito vitalmente importante em várias religiões. A palavra salvação, tem sua origem no grego *soteria*, transmitindo a ideia de cura, redenção, remédio e resgate; no latim *salvare*, que significa `salvar`, e também de `salus`, que significa ajuda ou saúde. A salvação é um dos conceitos espirituais mais importantes no Cristianismo, junto com a divindade de Jesus Cristo e a definição do Reino de Deus. Após a queda do gênero humano, através da desobediência a Deus, é o próprio Deus quem salva os homens. Através da sua Graça (dom, favor). O Catecismo da Igreja Católica (1993) ensina em seu parágrafo §614: *“Este sacrifício de Cristo é único. Ele realiza e supera todos os sacrifícios. Ele é primeiro um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega seu Filho para reconciliar-nos consigo”*. Segundo a soteriologia católica, a salvação, que é oferecida por Deus, realiza-se, após a morte, no Céu. Essa salvação, que conduzirá o homem à santidade, à suprema felicidade e à vida eterna, deve ser obtida através da fé em Jesus Cristo e da pertença à Igreja fundada e encabeçada por Ele. Assim é dada a Salvação.

Estas são as origens da crença universal na imortalidade e dos fundamentos das práticas fúnebres que visam a preparar o morto para sua vida póstuma. Por intermédio delas, o homem vence simbolicamente a morte e, ao fazê-lo, transforma-a em rito de passagem entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, rito que envolve, tanto vivos como mortos e que integra, mediante o sistema das crenças, emoções, sentimentos e dimensões do sagrado e do profano.

Em conformidade com Dias (1991, p. 149), as experiências sagradas e profanas acumuladas pelas sociedades humanas se manifestam nas palavras das cerimônias funerárias cumprindo o seu objetivo como ritos de passagem, já que também preparam o morto para deixar o seu grupo social e ingressar na sociedade dos mortos, integrando as dimensões do natural-sobrenatural, do visível-invisível, sagrado-profano, criando para os vivos – no plano individual e coletivo – um espaço para a elaboração das vivências do luto, onde família e comunidade podem adaptar-

---

si o pecado do ser humano e este pode obter o perdão que Cristo dá, ao se tornar o único e pessoal Salvador do pecador confesso e crente (Fonte: *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1987).

se, gradualmente, às mudanças provocadas pelo óbito do ente querido, promovendo a superação da dor e da perda e também a percepção da continuidade entre vida e morte.

Isso tudo faz despontar a afirmação de que, nos ritos mortuários, na tentativa de negociar e de esconder a corrupção do corpo humano, a sociedade dos vivos busca reconstituir a sua ordem social, no intento de aprender a lidar com a morte dentro da vida. Assim, dentre os estudos sobre as atitudes diante da morte e dos mortos identificamos uma tendência a ligar essas práticas a um *habitus* religioso, especialmente quando se trata de integrar o morto ao seu novo lugar social, manifestar o luto, e a perda de um ente querido.

Cada cultura tem os seus próprios ritos funerários e suas próprias representações do moribundo, as suas práticas de luto ou de sepultura, a sua própria valoração da existência, individual ou coletiva. E dentro de cada cultura podemos encontrar diversos ritmos e transformações (DERRIDA, 1994, p. 318).

A ritualização desta passagem – a passagem da morte – representa, pois, um “*campo simbólico e terapêutico do morrer, inserido poeticamente numa celebração benéfica ao defunto e aos que ficam*” (MIRANDA, 1996, p. 32). Na simbologia cristã, esta celebração se dá por meio das *exéquias*<sup>3</sup>, ritual de esperança que completa o nascimento do cristão, iniciado pelo batismo. Das exéquias fazem parte os ritos de corpo presente – quando os cadáveres ainda são visíveis – e os de corpo ausente – conjunto de cerimônias realizadas após o sepultamento. Para preparar o cristão para este seu momento final existem os sacramentos da penitência, da unção e da comunhão.

Nestes ritos cristãos, a expressão é sempre comunitária e visa sempre reafirmar a coesão do grupo pela fé, já que tendo vivenciado a presença da morte e

---

<sup>3</sup> A palavra *exéquias*, em primeira aproximação vem do latim *Exsequias* e designa as cerimônias ou as honras fúnebres. O seu conteúdo etimológico, simbólico e religioso é, de acordo com Miranda (1996, p. 21) muito expressivo. A raiz latina da palavra é a mesma encontrada em execução e executar, tanto nos sentido de uma tarefa ou missão, como no de uma sentença, incluindo a pena de morte. Assim, os rituais fúnebres se impõem como uma tarefa a ser executada por familiares e amigos. Da mesma raiz latina deriva a palavra *exsequibile*, traduzindo a ideia de executável factível. Da mesma maneira se estende para o verbete *exsequi*, “*seguir até o fim*”, uma das dimensões do ato ou desejo exequível. Realizar as exéquias é seguir, num ato de amor e compaixão, o falecido até o fim. A raiz da palavra também pode ser associada a ideia de excisão, ou seja, retirada, a resseção, a amputação e a separação, evocando a morte como a ação de cortar (*esxeco*), de retirar um parte, cortando ou, ainda roendo. Ainda com mais um sentido, a palavra *exéquias*, se volta também para o verbete *exício* (do latim *exitiu*), perda, ruína. Palavra utilizada para designar a morte humana como exílio (*exiliu*), a expatriação forçada ou voluntária; o degredo e o desterro. (Fonte: ALMEIDA, A. R. (Org.). *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora, 2008).

do morto, tendo realizado os gestos simbólicos e terapêuticos próprios para esse momento e tendo honrado o morto presente – a família e os amigos, devidamente enlutados, podem agora viver plenamente a fase da presença de sua ausência.

Assim, recorda Nascimento (1999, p. 22) que a morte, enquanto fenômeno natural, *“transmudado em fenômeno social, constitui sistemas de representações, crenças e ideologias que se diversificam e relativizam”*, já que são contextualizados a configurações socioculturais e históricas particulares. Desta forma, podemos inferir que cada sociedade cria sistemas próprios para dar conta da morte e da ausência do morto. Relacionado a isto, para Bardi (1993, p. 64), a ideia de tumba, surgiu da necessidade espiritual de *“dar uma casa aos mortos”*. Isto revela que desde a pré-história é que o homem empenha-se em dar significação à morte. Se o morto necessita de uma *“casa”*, ainda que seu corpo passe por um processo de decomposição, alguma coisa deverá restar de sua vida e de sua história.

Emerge dentro desta visão uma tentativa de elaboração em torno da *“essência humana”* com referência ao que deve permanecer para além da existência. Desponta, desta maneira, uma interrogação: quem precisa morar depois da morte? O que permanece para que exista a necessidade de uma moradia? É assim que a resposta a estas questões remetem a uma construção social e psicológica que organiza a cultura e a arte. O cemitério, torna-se, assim, a casa do mortos.

Segundo os estudos de Bayard (1996, p.55), os primeiros cemitérios surgiram a partir de 10 000 anos a. C., e foi a partir do período intermediário entre o paleolítico superior (no qual o nômade caça grandes animais) e o neolítico (- 5000, no qual o sedentário começa a agricultura e a criação de animais), que as crenças religiosas e rituais começam a se cristalizar em torno das sepulturas. Aos poucos, o período entre a morte de um membro do grupo (*“separação”*) e a integração dos vivos na normalidade da vida social exigiu um tempo de luto *“necessário para a passagem do cadáver a esqueleto e para aquela transmutação.”* (CATROGA, 2010, p.165).

Em *O homem diante da morte* (1982), Ariès cria a categorias para as diversas atitudes diante da morte, sendo *“a morte do outro”* basilar para os estudos da *“morte romântica”* e os *“cemitérios românticos”* do século XIX. Ariès denomina o período romântico de *“morte do outro”*, já que nele ocorre a emergência de elementos românticos e dramáticos. A morte é exaltada e a dor da perda é muito valorizada, conduzindo a uma excessiva comoção diante da morte do outro. Surgem nesse período imagens que envolviam a lamentação do luto e uma obsessão pela

extravagância ritual. O outro torna-se personagem importante, na medida em que as relações sociais e familiares se transformam. É que passou-se a valorizar a família e as relações de afeto que cercam a pessoa como nunca se havia feito na história humana. Essa relação de proximidade possibilitava escutar “*a vontade*” do morto. Essa vontade podia ser comunicada verbalmente sem fazer uso do testamento, costume arraigado na sociedade desde o século XVII. Até então, a prática do testamento mostrava um certo receio de o morto não ser escutado e, por tal motivo, era necessário documentar as suas vontades, com a finalidade de “*obrigar*” a sociedade a cumpri-las. Com a “*laicização*” do testamento, depois do século XVIII, este passou a conter apenas informações legais relativas à distribuição dos bens do falecido.

A memória do morto e tudo o que cerca os ritos funerários se presta para atenuar a angústia dos vivos com a finalidade de superar o luto e de fazê-los retornar à normalidade. Reitera Schmitt (1999, p. 19) que é como se a memória tornasse “*uma técnica social de esquecimento*” com a função de “*esfriar*” a memória do falecido sob o pretexto de mantê-la, apaziguando a lembrança dolorosa do defunto até que esta se acabe. De acordo com Bachelard (1958, p. 48), o rito implica repetição e é uma recordação que veicula mensagens para um tempo fictício tecido pelo diálogo entre o presente e o passado; entre o presente e o futuro.

Santana (2011) afirma que os epitáfios funcionam como ações rituais que inserem o morto na memória do grupo a que pertence, “*marcando a perda da individualidade do morto e a dependência de sua existência em torno de toda coletividade que o envolve*”. (2001, p. 56). Está em jogo a reapropriação do passado familiar e esta é sempre específica, e o sentido que ela confere à morte de um ente querido da família é irredutivelmente singular. Candau (2012, p.139) ressalta a utilização de uma prosopopeia memorial que traz em seu bojo a apologia do *exemplum*, quando a personalidade do falecido é exaltada e as suas qualidades apresentadas como exemplo para os vivos, em formas estereotipadas e arquetípicas, escondendo as suas imperfeições e defeitos. Tem lugar a saliência do contributo que o morto deixa para os vivos no que se refere a seus familiares, organizações, associações, comunidade e até a humanidade.

### 1.3 Os cemitérios

O enterro dos cadáveres é um costume que já se fazia presente nas antigas sociedades persa e egípcia, embora os persas e os egípcios também conhecessem a prática da incineração dos cadáveres. Na Roma antiga, os romanos enterravam os mortos, mas, depois de rei Numa, passaram a queimá-los. Entretanto, os que morriam de raio e as crianças falecidas antes da dentição eram enterradas (VEIGA, 1897, p.81). O enterramento se mantinha para os plebeus pobres, como medida de economia, e os seus cadáveres eram lançados em uma vala comum fora da cidade. Tal costume começou a ser abandonado no reinado de Teodósio. Ao cristianismo é atribuída esta revolução, já que a doutrina da ressurreição dos corpos e o temor de aniquilar pelo fogo os despojos mortais de algum santo, destinados talvez a se converter em relíquias, fez adotar-se de novo o sistema de enterros, que, por esse motivo, ficou como regra invariável dos povos cristãos.

Veiga (1897, p.82) lembra que na antiguidade os enterros eram feitos nas margens dos caminhos ou nos campos, e o mesmo se praticava em França, até o século IX, quando o desejo de ser sepultado em terra santa deu origem ao uso de sepulturas dentro ou em redor das igrejas. Também no Brasil este costume se arraigou. Um decreto, porém, de 1850, passou a proibir esta prática, devendo os enterros serem feitos em cemitérios públicos *“bentos e consagrados pela autoridade eclesiástica”*.

Os cemitérios cristãos mostram como a religião judaico-cristã encontrou na descida à terra a mediação adequada para a crença na ressurreição final dos corpos. Assim, na prática da inumação vamos encontrar um ritualismo que possui marcas de conservação, de simulação e de dissimulação e suas atitudes simbólicas mais significativas, na explicação de Catroga (2010, p. 166), *“características que podem ajudar a compreender o cariz predominantemente monumental dos cemitérios cristãos e os fortes elos existentes entre a morte e a memória”*.

O cristianismo trouxe para si algumas influências pagãs no que se refere ao culto dos mortos, instituindo-se como religião em que os vivos fazem memória dos seus mortos, a começar pela memória de Jesus ressuscitado. Como toda linguagem da memória está no plano simbólico, esta se expressa na arquitetura monumental dos cemitérios oitocentistas, que é coletiva e institui um rito. É assim que

nos cemitérios, encontramos uma linguagem simbólica que encobre a corrupção que o tempo traz, na medida em que, conforme Catroga:

Organizam o campo imaginário como um templo, cavando uma cesura na indeterminação do espaço e do tempo profanos, e escrevem um círculo de sacralidade no interior do qual os signos só valem no tecido das suas relações. Assim, as liturgias desenrolam-se num espaço-tempo específico, distinto do espaço e do tempo quotidianos, e o cemitério é frequentado como uma espécie de santuário (2012, p.171).

A lamentação romântica fez do cemitério um lugar importante, já que este tornou-se o local da expressão da dor e dos sentimentos. O cemitério oitocentista revela a necessidade existencial na vertente romântica de se negar a morte, expressando uma recusa pela morte do outro, fazendo da memória uma possibilidade de imortalização e ocasionando o surgimento de uma nova cenografia e um novo culto aos mortos. Os cemitérios, então, passaram a ser vistos como *“lugar do sono”*. Passaram também a ser identificados como lugar dos jazigos, das capelas e casa eterna da família, aos poucos se tornando a cidade dos mortos, a necrópole. Nele, encontramos o anseio do pensamento burguês por uma sobrevivência individualizada que, dentro da concepção *post-mortem* judaico-cristã, encontrará a sua realização na ressurreição definitiva do corpo humano. O cemitério monumental romântico faz das imagens e dos simbolismos mecanismos de expressão para as emoções humanas. A palavra torna-se, assim, um meio privilegiado de dar vazão aos sentimentos. O estilo romântico é marcado pelo sonho, a idealização da mulher e da morte, a subjetividade, a busca do exótico na arte, o pessimismo e o gosto pelo lúgrume. Estes ideais se tornaram influentes na constituição dos *“novos cemitérios”*.

A Igreja Católica nessa época tendia a fazer um *“reducionismo soteriológico”*, na medida em que particularizava o messianismo e identificava o Reino de Deus com a instituição eclesiástica, interpretando a totalidade da história e da humanidade a partir dela mesma. Em conformidade com Nascimento (1999, p. 29), essa situação fez emergir um *“universo de representações sobre a vida post-mortem”*. A partir desse momento, a morte passou a ser representada como um período de longo sono, um repouso que se prolongava até a consumação dos tempos, quando, *“justos”* – todos os membros da Igreja que haviam confiado seus corpos à proteção dos santos mártires, da Virgem Maria e do Santíssimo Sacramento – despertariam na Jerusalém Eterna, chamada também de Paraíso. De tal maneira, que a salvação

eterna devia ser um projeto comum que envolvia todos os fiéis. Aos poucos a preocupação com o destino dos corpos foi deixada aos cuidados da Igreja que os enterrava em fossas coletivas e sem identificações, entretanto, deviam essas fossas estar incluídas aos limites sagrados dos templos que, conforme, o entendimento medieval, abarcavam as áreas internas e externas: a nave, o campanário, o adro e o cemitério (dormitório). Aos poucos, foi-se construindo também uma espécie de estratificação das áreas dos templos, em função da maior ou menor proximidade aos altares e imagens dos santos, em analogia com a salvação pretendida. Isso possibilitou o surgimento de uma hierarquização das sepulturas que favorecia os ricos e nobres e distanciava os pobres e menos privilegiados dos altares e dos adros das igrejas. Bordieu (1989, p. 11) vai chamar a isso de “*sistemas simbólicos*”, já que estes, cumprem “*a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre outra, numa violência simbólica*”.

A partir do século XII, aflorou uma mentalidade nova que se radicava na preocupação com o destino individual de cada um – a morte de si mesmo. Essa nova maneira de pensar resultou na formulação de três categorias mentais: a da própria morte, a da própria biografia e a do apego apaixonado pelas coisas e pessoas queridas. A partir daí, as sepulturas passaram a ser identificadas e individualizadas. No início, apenas os túmulos monumentais de personagens ilustres eram identificados, tais como os nobres, clérigos e santos. Depois, aos poucos esta prática tornou-se comum. Então, pequenas placas de pedras passaram a ser utilizadas e afixadas às paredes das igrejas, trazendo na inscrição uma súmula da biografia do morto, contendo o nome, a profissão e a data de falecimento do morto. Houve também o acréscimo por algum tempo de uma placa que registrava os compromissos testamentários, conforme atesta Nascimento (op. cit. , p. 31).

A partir do século XII, ocorreu também o fenômeno da clericalização da morte que absolutizou o poder da Igreja no ato de morrer e em todo o cerimonial que envolvia a morte. O surgimento do culto às almas e da *Doutrina do Purgatório* que reconhecia um lugar especial após a morte para a purificação provocou desacordos entre as Igrejas do Oriente e Ocidente. Entretanto, a doutrina do Purgatório foi reafirmada pelo Concílio de Trento, tendo em vista os testemunhos da Escritura e da Tradição Apostólica. Na expressão de Le Goff (1995, p.20): “*A inserção durante muito tempo lenta e aleatória de um além intermediário entre o Inferno e o Paraíso é um dos grandes episódios da história espiritual e social do Ocidente.*” Outros fatores

importantes desse período referem-se à constituição das irmandades leigas que, a partir do século XVI, passaram a colaborar de maneira ativa junto ao clero em tudo aquilo que se referia ao culto aos mortos, visando atender aos seguintes objetivos:

- oferecer aos membros da confraria os meios necessários à salvação, tais como o sepultamento em terra sagrada, orações, indulgências e missas perpétuas;
- dar assistências aos confrades de condição pobre, cuja indigência os privava dos meios necessários para atrair os intercessores espirituais;
- incentivar a promoção das cerimônias fúnebres com a organização dos cortejos exequiais.

Nascimento (op. cit., p.38) ressalta que, no Brasil, as irmandades que se ligaram diretamente a este trabalho de culto à morte foram: *Nossa Senhora da Assunção, Boa Morte e São Miguel das Almas*.

Entre os séculos XVIII ao século XX, um novo sentido foi dado à morte. Como numa espiral dialética, esta passou a ser vista como um acontecimento indesejável, impregnado das noções de ruptura, perda e separação. A morte passou a ser romantizada, numa exaltação dramática centrada na percepção da morte do outro, como algo extremamente afetivo. Como explica Ariès (1990, p.513): “*essa afeição, cultivada e mesmo exaltada, tornava ainda mais dolorosa a separação da morte e convidava a compensá-la pela lembrança*”. Dessa afetividade como elo dos sobreviventes com o morto surgem também uma nova sensibilidade marcada pelo apego aos restos mortais, a repugnância pelo desaparecimento e a busca da imortalidade pela preservação da memória do morto, os quais se manifestam no luto romântico que é vivenciado pela ostentação da família burguesa. A morte passa a ser assistida pela família, de maneira espontânea e dramática, “*congregando avós, pais, tios, tias, primos de primeiro grau, primos de segundo grau e diversos parentes por afinidade, todos co-participantes deste luto estereotipado e ostentatório*” (op. cit., p. 325). Foi nesse período também que as campanhas de higienização urbana condenaram a prática milenar da inumação *ad sanctos, apud ecclesiam* – e os mortos passaram a ser cultuados no cenário renovado dos cemitérios burgueses, como lembra o autor supra citado.

Nos cemitérios oitocentistas prevalece a utilização dos monumentos. Essa palavra deriva de *men*, exprimindo uma das funções nucleares do espírito

(*mens*), a memória. O seu sentido abrange tudo aquilo que evoca o passado com o objetivo de eternizar a memória dos mortos. Na expressão de Ariès, “o túmulo é um *memorial*”. Se nas sociedades sagradas, o túmulo tinha expressão para além do plano escatológico, porque ele devia ser monumental com signos e inscrições para garantir a sobrevivência do morto, de agora em diante, no novo modelo de culto aos mortos, ainda que este seja individualista, familiar e laico, nas necrópoles românticas, os cemitérios constituíram-se como elemento “*cimentador da sociabilidade familiar e cívica da sociedade burguesa.*” (CATROGA, 1996, p.123).

Desta maneira, os cemitérios modernos, contrariamente aos antigos que se situavam no meio das aglomerações urbanas, deviam se situar de maneira distanciada e serem isolados por muros. Estes tinham a finalidade de proteção contra as profanações e também de fazerem fronteira, numa simbologia de separação e ruptura em que se conotava “*quem está do lado de cá e quem está do lado de lá*”. Entretanto, não se pode dissociar psicologicamente os monumentos cemiteriais que integram o horizonte da crença e dos sentimentos na maneira como devem ser interpretados, já que o lugar (*topos*) e o signo (*sema*) estão entrelaçados. Como lugares de consagração e de comemoração, neles também convergem o invisível com o visível, paradoxalmente atraindo e amedrontando. Assim, o símbolo funerário é uma metáfora da vida e sua existência ontológica se deve à continuidade da vida. A sua finalidade é ajudar a viver. Ele oferece-se como um texto que revela a dimensão afetiva dos enlutados e os ajuda a viver. Nas palavras de Nora, “*a necrópole romântica é uma criação cultural típica de uma sociedade-memória que procura no passado a legitimação do presente*” (1984, p.390).

O cemitério tem também um caráter que pode ser comparado aos *Libri memorialis* (livros obituários que remontam ao século XVII) e que continham o nome das pessoas falecidas no intento de preservar-lhes para sempre a memória. O nome escrito no livro adquiria um poder memorial que não deixava cair no esquecimento a pessoa nomeada. Sobre essa caráter memorial explica Schmitt que:

Tratava-se de uma memória litúrgica, apoiada na inscrição dos nomes dos defuntos dignos de ser comemorados nos libri memoriales, nos necrológios e nos obituários dos mosteiros e dos conventos. O objetivo dessa memória era, na realidade, o de ajudar na separação dos vivos e do morto, abreviando a estada deste último nas penas purgatórias. A inscrição do nome no libermemoriales não prometia ao defunto uma glorificação duradoura pelos homens – esta era reservada aos santos e aos reis – mas uma fusão rápida no anonimato das gerações passadas (1999, p.18).

Desse modo, a escrita alcançou um patamar de guardiã da memória e de absolutizadora do tempo. Vernant (1987, p.60) salienta que a excomunhão passou a ser identificada desde o século VIII como *damnatio memoria* (Concílio de Reisbach, 798), numa apropriação pelo catolicismo da atitude dos gregos antigos que postulavam que os que desapareciam no esquecimento do Hades tornavam-se *nônumnoi*, isto é, “anônimos”, destituídos dos seus nomes.

No cemitério podemos encontrar a reprodução simbólica do universo social desta sociedade. Uma sociedade que encontra na religião cristã um caráter multifuncional que, de acordo com Max Weber (1989), se dá na medida em que os dominadores encontram na religião uma forma de excelência do seu poder, e os dominados encontram nela a compensação para a situação presente, na esperança de uma salvação futura. Weber chama a isso de “*função integradora de coesão social da religião*”.

O cemitério funciona também como um livro escrito em linguagem metafórica, já que o culto aos mortos, como toda recordação, pode ser compreendido como um diálogo imaginário que anseia acolher, compreender e integrar a morte em sua vida. Dentro de uma perspectiva ritual, a sua leitura, como todo rito, perpassa a esfera da razão e encontra lugar na esfera dos sentimentos. Segundo Catroga,

O território dos mortos funciona, simultaneamente, como um texto objetivador de sonhos escatológicos (transcendentes e/ou memoriais) e como um espaço público e de comunhão, isto é, como um cenário miniaturizado do mundo dos vivos e como um teatro catártico de lutos, bem como de produção e reprodução de memórias, de imaginários e de sociabilidades. (2012, p.175).

Dialeticamente, após o ideário iluminista que separou a cidade dos mortos da cidade dos vivos, originou-se uma afetividade que passou a valorizar o funeral e a dramatizar a perda, trazendo de volta, de maneira análoga, a visão da antiga Roma, em que a sepultura e tudo que a envolve torna-se *locus* de culto. Os cemitérios foram pensados dentro de uma ótica higienista e secularizadora. Não mais simbiotizados na Igreja e seu território, mas passaram a ser locais de visitação por aqueles que habitam a *polis*.

Ocorre também que as mesmas desigualdades presentes na cidade dos vivos podem também ser observadas na cidade dos mortos, já que uma sociedade secularizada e não mais submetida ao poder da Igreja, em que o indivíduo passa a

ter lugar com a emergência do sujeito, passou a exigir túmulos diferenciados e personalizados, evidenciando as diferenças sociais nela existentes.

Assim, torna-se evidente, no cemitério, a tentativa de eternização da memória do morto de acordo com a capacidade econômica dos seus descendentes para a sua perpetuação, ficando os símbolos funerários passíveis de serem analisados dentro desta perspectiva. Desta maneira, a sepultura, o mausoléu, o jazigo e todos os seus componentes estão dentro de uma dimensão de preservação da memória dos falecidos de classes abastadas ou remediadas, bem como de ratificar os laços familiares e grupais, mas também passaram a ter a função de, não somente salvar a alma do evocado, mas também de estabelecer e sacralizar as posições históricas e sociais dos evocadores, assim, à memória passou-se a atribuir um papel de imortalizadora que se impõe dentro de um viés terapêutico. E o processo de enlutamento é beneficiado por esta configuração cemiterial na medida em que, depois de um tempo, em que as visitas vão se sucedendo, os simbolismos ali plantados ajudarão o enlutado a elaborar um distanciamento racional que cura e normaliza.

## 1.4 O Luto

José Saramago, o Prêmio Nobel da Literatura Portuguesa, em *As Intermittências da Morte* (2005) se permite questionar sobre uma vida sem a morte. Em sua obra ficcional ele conta que, a partir do primeiro segundo daquele ano, ninguém naquele país morreu, e isso, até aquele momento nunca tinha acontecido em lugar nenhum do planeta; em tempo algum de sua existência. Em um primeiro momento, todos daquela nação se sentiram felizes, já que a vida se eternizara a todos os seres humanos daquele lugar passaram a se ver como se fossem os escolhidos. Lá, ninguém mais morria. Inicialmente houve uma alegria generalizada. Depois, houve um desapontamento e um desencanto. Mas não era bem assim, além de deixar os teólogos, os filósofos e o governo sem ocupação, o misterioso fato fez com que aos poucos as pessoas daquele país percebessem a gravidade da situação. Mesmo aqueles que sofriam trágicos acidentes; que tinham idade avançada; que portavam graves doenças; ninguém morria, mostrando assim que, com a eternização da vida,

as dores também seriam eternas. Além de trazer sofrimento para as pessoas em estado terminal infundável, a ausência da morte trouxe problemas de ordem econômica ao país: funerárias, seguros de vida, previdência social, não tinham mais como sobreviver diante das consequências dessa ausência. E o discurso religioso para que serviria? Com o sofrimento insuportável dos moribundos, as pessoas acharam uma forma de despistar a vida e encontrar a morte, indo embora e atravessando as fronteiras do país para fazerem a sua passagem, morrendo longe de casa.

Entretanto, após alguns meses, a morte reaparece, enviando uma carta à população, pela qual avisa que a partir da meia-noite daquele dia, ela voltaria, trazendo uma novidade: enviaria uma carta de cor violeta àqueles que já tinham sua morte programada para uma semana após o envio da mesma; isso para que eles pudessem arrumar sua vida e deixar tudo de acordo. A partir daí, a morte passou a ser vista com desdém, e escrita com letra minúscula mesmo, já que era a designada para aquele país, e não era a *Morte Universal*, conhecida por todos.

A inusitada obra de Saramago deixa transbordar a constatação da utilidade da morte como fonte de sentido para a vida e para o amor. Se ela nos separa do ser amado, ela também permite a ressignificação das relações humanas, colocando-nos diante da capacidade de constatar a força do vínculo amoroso. No dizer de Parkes (2009, p. 11): “*Quanto maior o risco, mais forte se torna o vínculo*”. Poeticamente, será que podemos dizer que a vida prescinde da morte, assim como de amor?

A consciência da morte é um elemento conflituoso para o seres humanos, mas fundamental para o entendimento de sua essência. É através da consciência da morte que o homem tem a noção de sua transitoriedade e dos limites de sua existência (FREIRE, 2006). Por isso, perante a perda de alguém a que nos sentíamos profundamente vinculados, entramos num processo que é denominado por luto. Luto e perda são partes integrantes da vida.

Luto é uma palavra que vem do latim, *Luctus*, e significa morte, perda, dor e mágoa. Para Bowlby (1993), luto é um processo psicológico que se inicia com a perda de um objeto querido. Ele se manifesta como um sofrimento que segue à perda e acompanha o enlutado por um período. Perda significa “*ser privado*” de algo ou alguém, por morte ou separação e está associado a um estado de luto que pode resultar de várias perdas (WORDEN, 1997). Luto e perda são termos essencialmente

complementares. O luto engloba todos os sentimentos e comportamentos associados a perdas.

Foi em *Luto e Melancolia* (1999) que o psicanalista Sigmund Freud abordou pela primeira vez a questão da dor sob o ponto de vista do luto e da melancolia. Para Freud o termo luto refere-se a um “*afeto normal*” que surge nos seres humanos como uma reação à perda de um ente querido ou de uma “*abstração*” como a pátria, a liberdade, um ideal etc.

A morte de um ente querido constitui um motivo primordial para a ocorrência do luto. No entanto, essa não é a única fonte de luto, já que outros fatos da vida o poderão provocar. Todavia, é importante realçar que, quaisquer que sejam as causas que originem este processo, existe sempre um denominador comum a todas elas: a elevada importância afetiva que atribuímos à perda.

Na perspectiva de Worden (1997), para se entender o impacto de uma perda em sua plenitude tem que se entender um pouco do significado de apego. Neste sentido, refere-se a Bowlby que defende que a tendência em estabelecer fortes laços emocionais com outras pessoas é uma maneira de entender as fortes reações emocionais que se desencadeiam quando esses laços são ameaçados ou se perdem. Considera que os apegos provêm da necessidade que temos de proteção e segurança.

O ser humano é um ser vinculado aos outros. Desde que é concebido, ele vai se constituindo como um ser vinculado aos demais. A Teoria do Apego de Bowlby (1990) revela que o afeto é vital para a constituição do ser humano. Ao observar os comportamentos dos bebês e das crianças pequenas, o autor mostra que esses comportamentos que foram fixados pela criança em sua precocidade refletem-se posteriormente na vida adulta.

Os estudos de Bowlby (1993) sobre privação materna mostram basicamente que a criança e o bebê têm necessidade de contato físico e afeto. O ser humano pode ser distinto das outras espécies como um ser vincular e que tem necessidade de estar próximo dos outros, de amar e ser amado e de estabelecer vínculos com os outros seres semelhantes a si. Em decorrência disso, ele sofre quando se afasta das pessoas às quais está vinculado. O autor mostra que esse comportamento se manifesta diante da ameaça de perda ou afastamento da figura de apego.

A vivência do processo do luto é sempre marcada pelas experiências anteriores vivenciadas pelo enlutado ao longo de sua história de vida; por suas características pessoais e o seu nível de vinculação com o morto, e também pelo apoio social oferecido. Bowlby (1998) fundamenta a sua teoria do enlutamento em consonância à teoria do apego, no que se refere ao processo de formação e rompimentos de vínculos. O comportamento de apego pode ser visto como *“qualquer forma de comportamento que resulta na consecução ou conservação, por uma pessoa, da proximidade de alguma outra diferenciada e preferida”* (p.38). Há a ocorrência de uma relação fundamentada na segurança que se é oferecida pelo identificador, que torna o identificado capaz de enfrentar as adversidades do mundo e a querer a perpetuação dessa relação.

No comportamento de apego, os laços afetivos infantis não desaparecem, mas persistem pela vida afora. Outros laços vão sendo adquiridos dinamicamente em paralelo aos vínculos primordiais. Conforme a maneira como esses laços são organizados emergem os padrões de apego. Estes podem ser entendidos como *“estratégias de sobrevivência”* com vantagens e desvantagens (PARKES, 2009, p. 34).

Os padrões de apego influenciam os padrões de luto e muitas pesquisas evidenciam que os padrões de apego desenvolvidos na infância influenciam no futuro a segurança, a autoconfiança e a visão de mundo do adulto. Assim, influenciam também as relações da vida adulta, no que tange à família, amigos e parceiros e o modo como se reage diante do luto (p. 142). Em suma, o indivíduo reagirá ao luto na vida adulta conforme a experiência vivida anteriormente na infância.

A Teoria do Apego de John Bowlby (1993) é essencialmente uma teoria da origem e natureza do afeto. Ela diz respeito aos laços afetivos que surgem da necessidade que se tem de se sentir seguro e protegido no início da vida e que são criados pela familiaridade e proximidade com as figuras parentais. Dessa maneira, para se compreender a origem da dor e do sofrimento advindos da perda de alguém, é importante entender porque é que se estabelecem fortes laços entre as pessoas.

A Teoria do Apego surgiu a partir dos estudos sobre a privação materna, mostrando a necessidade de contato físico e afeto como necessidade fundamental dos bebês, equiparada com a necessidade de alimentação e de cuidados. Desta maneira, despontou a constatação de que o ser humano tem como característica básica a necessidade de se vincular e de estar próximo aos outros seres

de sua espécie. Esta vinculação se dá na busca e no desejo de ser amado e de amar aos outros.

Bowlby (1990) destaca a importância da observação para a obtenção dos dados de pesquisa que caracterizam o comportamento infantil observável. No estudo *“Perda, tristeza e depressão”* (1993) ele resumiu os principais pontos de sua teoria que podem ser identificados como *“necessidade e dependência”*, *“relações objetais”* e *“simbiose e individuação”*. Basicamente, o comportamento de apego pode ser definido como qualquer forma de comportamento que leva à aproximação de alguém preferido pela criança. Por isto, a mãe – quase sempre – é quem ocupa esse lugar no processo de desenvolvimento infantil. É esse comportamento que leva uma criança e até alguns animais à sobrevivência, já que esta vinculação é também protetora e provedora, na medida que gera cuidados.

Para Bowlby, ao longo de toda a vida, principalmente na velhice e na doença esse cuidado se faz muito necessário, ainda que o que determine o desenvolvimento do comportamento de apego de uma pessoa e o seu padrão de organização sejam as experiências com suas figuras de apego nos períodos iniciais da infância e da adolescência. A organização de comportamento de apego de um indivíduo se dá conforme o padrão dos laços afetivos que ele estabelece durante a sua vida. Por isso, em qualquer fase do processo do seu desenvolvimento, o padrão de apego pode apresentar alterações e mostrar-se como apego ansioso ou até completamente incapacitado nas relações afetivas.

Se Bowlby foi quem iniciou esta teoria, entretanto, foi com os estudos de Ainsworth que ela se desenvolveu. Através de suas pesquisas individuais ela apontou novas perspectivas à teoria bowlbiniana, tais como as que se ligam às diferenças individuais nas relações de apego (padrões de apego) e o conceito de cuidado como *“base segura”*. O seu trabalho intitulado *“Uma avaliação do ajustamento baseado no conceito de segurança”* (1939) mostrou que os bebês e as crianças precisam de ter uma dependência segura para com seus pais para que possam igualmente desenvolver situações seguras para além da família, na vivência social. Desta maneira, esta primeira dependência (dos pais) seria a base segura para a independência segura. Na medida em que sua pesquisa evoluiu para a análise das diferenças individuais dos bebês de doze meses, no que se refere ao comportamento de apego, Ainsworth desenvolveu uma classificação desses padrões que apresentamos no quadro seguinte:

### Quadro 01 - Ainsworth

Apego seguro	Crianças que desenvolvem suas atividades normalmente quando brincam. Depois de um breve período de separação, elas buscam contato e, ao serem confortadas, retomam a sua brincadeira, sentindo-se seguras mesmo quando se afastam.
Apego ansioso evitante inseguro	Essas crianças evitam a mãe quando esta retorna, principalmente quando esta se ausentou pela segunda vez.
Apego ambivalente ansioso	Crianças que oscilam entre a busca de contato com a mãe e a resistência na interação com ela.

**Fonte:** elaboração do autor.

Posteriormente, Mary Main (1991) utilizando-se dos dados que Ainsworth desconsiderou como não válidos ou sem explicação em suas pesquisas para criar um outro padrão que denominou de Apego desorganizado.

### Quadro 02 – Mary Main

Apego desorganizado	Crianças e bebês de mães que passaram por perdas significativas antes ou depois do nascimento da criança. Ocorre nesses bebês um movimento de balanço corporal sem função e comportamentos desconexos, sem um padrão para lidar com suas mães.
---------------------	--

**Fonte:** elaboração do autor.

As mães desses bebês mostravam-se “*evitadoras*” ou “*ansiosas ambivalentes*”, evidenciando um desamparo de ambos. Para o bebê há a predisposição para o desenvolvimento de um padrão que o coloca dentro de um risco de sofrer a depressão pela ausência de crenças entre a ação e os resultados esperados.

A importância do estudo da Teoria do Apego se deve à sua aplicação no processo de enlutamento. Por isso, Shaver e Hazan (1988) endossaram esta teoria quando demonstraram que os mesmos padrões de apego observados na infância (Seguro, Ansioso, Ambivalente, Ansioso e Evitante), podem ser também observados na vida adulta. Podemos correlacionar as formas de vinculação incluindo os padrões de apego na vida adulta (amizades, trabalho, grupos de afiliação), bem como os laços

são formados e mantidos numa família, e a maneira como se dão os comportamentos frente às situações de perda e luto. Assim, chegamos à constatação de que o rompimento do vínculo e os sentimentos que dele emergem na morte de alguém querido relacionam-se com o padrão de apego do enlutado, bem como revelam o padrão da relação interpessoal que existia antes da morte do ente querido.

Parkes (2009) sintetiza o que acabamos de dizer com a seguinte afirmação: *“o amor é a fonte de prazer mais profunda na vida, ao passo que a perda daqueles que amamos é a mais profunda fonte de dor. Portanto, amor e perda são duas faces da mesma moeda.”* O autor citado compara o conceito de luto com uma lesão física quando diz que ele *“assemelha-se a uma ferida física mais do que qualquer outra doença.”* A perda pode ser referida como ‘um choque’. Assim como no caso do machucado físico, o ‘ferimento’ aos poucos se cura. O autor citado reitera a analogia quando diz que é possível que haja complicações e a cura, então, torna-se mais lenta ou *“um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado”*. Assim, podem surgir doenças e condições de anormalidade (1998, p.22). Ele afirma que *“é a transitoriedade da vida que engrandece o amor”*. De maneira muito profunda e poética ele diz que *“a dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso”*.

Em consonância, a utopia de Saramago defende a necessidade da morte como fonte de sentido para a vida. Assim pensando, podemos intuir que o luto é a expressão maior do amor diante do ser amado que parte para não mais voltar. É a perda de um vínculo amoroso que, diante da morte, se quebra, e os seres amados se separam para sempre. Diante da perda de alguém a quem nos sentíamos profundamente vinculados, entramos num processo de enlutamento. Sofremos a dor da separação. Choramos de saudade. Vivemos a angústia e a impotência diante da absoluta realidade da morte. Vários autores se debruçaram sobre a questão visando o entendimento desse processo.

O luto pode ser entendido como um processo psicológico pelo qual a dor e o mal decorrentes de perdas significativas vai se dissipando. Certamente que a morte de um ente querido constitui um motivo primordial para que haja ocorrência do luto. Todavia, essa não é a única fonte de luto, já que outros fatos da vida o poderão provocar. É importante ressaltar que, quaisquer que sejam as causas que originem este processo, existe sempre um denominador comum a todas elas: a elevada importância afetiva que atribuímos a perda. Viorst (1998, p. 13-14) ressalta que

perdemos, não só pela morte, mas também *“por abandonar e ser abandonado, por deixar coisas para trás e seguir nosso caminho”*. A autora inclui dentro das perdas aquilo que em nível consciente ou inconsciente se vivencia em termos de sonhos românticos, expectativas impossíveis, ilusões de poder, liberdade e segurança, perda da juventude etc.

O luto suscita em nós sentimentos confusos e contraditórios. O sentimento de perda deixa extravasar o afeto que atava a nossa vida a alguém ou alguma situação que nos envolvia e dava sentido e estabilidade à nossa vida. Ele empresta à nossa vida um efeito dramático. Investimos, é bem verdade, muitos anos ou muito tempo da nossa vida em amor e afeto numa determinada pessoa ou situação, habituamo-nos a conviver com esses sentimentos e emoções como partes integrantes da nossa vida e, de repente, tudo muda e o que amamos deixa de estar disponível para nós.

A rotina de nosso afeto foi cortada. Ainda que, de forma racional, possamos admitir que a pessoa amada está morta ou que a situação mudou e perdemos aquilo que dava sentido à nossa vida, não conseguimos abandonar de maneira fácil todos os aspectos de vinculação que nos envolvia. Há aqui a dimensão inconsciente da não-aceitação da perda e resistimos à alteração que ela provoca, muitas vezes *“chocados”* com os fatos que causaram a separação e ocasionaram a perda.

Por isso, se o luto é a constatação da perda de algo precioso, ele pode ser compreendido como um processo que se segue a uma perda e a forma de elaboração desta, no que se refere à reestruturação da vida diante do que se perdeu. Face a qualquer perda significativa, de uma pessoa ou até de um objeto estimado, desenrola-se um processo necessário e fundamental para que o vazio deixado, com o tempo, possa voltar a ser preenchido. Esse processo é denominado de luto e consiste numa adaptação à perda, envolvendo uma série de tarefas ou fases para que tal aconteça.

Franco (2010) ao descrever o modelo do processo dual do luto, a partir de Stroebe e Shut salienta que este realiza-se na dinâmica dual de *“uma orientação para a perda e outra para a restauração/reparação”*. A autora inclui o seguinte: *“as pessoas enlutadas não somente enfrentam a perda da pessoa amada, como também têm de fazer grandes ajustamentos em sua vida como consequências secundárias à morte”* (op. cit.,p.34).

Segundo Parkes (1998, p. 145), quem se preocupa com os efeitos do luto deve levar em consideração os muitos fatores possíveis que se manifestam nas pessoas diante de uma situação de perda. *“Não basta dizer que a perda de um objeto de amor causa pesar e deixar como está. O pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado”*. Em decorrência, levando em consideração a Teoria do Apego, de Bowlby, é necessário considerar *“os antecedentes”* que afetam o processo de enlutamento. Ele os enumera, salientando o seguinte: relação com o morto (parentesco, força do apego, segurança do apego, grau de confiança, envolvimento, intensidade da ambivalência); Experiência na infância (maternagem segura ou insegura e perdas significativas); experiências posteriores (perdas de pessoas significativas); Doença mental prévia à perda; crises vitais prévias à perda; tipos de morte (prematura, mortes múltiplas, avisos anteriores à perda, preparação para o luto, mortes violentas, lutos não autorizados, mortes que geram culpa); simultâneos (gênero, idade, personalidade, tendência ao pesar, inibição de sentimentos, status socioeconômico, nacionalidade, religião, fatores culturais e familiares influenciando na expressão do pesar); posteriores (apoio social ou isolamento, estresses secundários, oportunidades emergentes).

O luto é um processo emocional muito complexo com consequências físicas e mentais muito penosas. Apenas quando o vivemos temos consciência da sua dimensão. Ficamos debilitados diante da perda de alguém que nos é importante. As energias de que habitualmente dispomos para as tarefas do cotidiano concentram-se no pensamento do ente querido. Sentimos uma grande incapacidade para conviver, trabalhar e não temos gosto para as coisas divertidas. Perdemos o apetite e somos invadidos por uma tristeza enorme. Queremos ficar sozinhos. É claro que ocorrem diferenças entre o comportamento das pessoas. Os autores têm opiniões diversas sobre a vivência do luto. Consideramos como processo normal o tempo para a aceitação da perda do ente querido e a capacidade para fazer os devidos ajustes na vida, continuando-a sem aquele que se perdeu. Entendemos que esse seja um processo gradual e que depende da maneira como o enlutado se reorganiza, com base nas redes de apoio que possui.

De acordo com Franco (2002), o luto atípico pode ser caracterizado como uma desorganização prolongada da vida que não permite ao enlutado retomar as suas atividades como as fazia antes. Melo (2004 p.7), considera que após a perda de alguém que nos é querido, existe uma série de tarefas de luto que têm de ser

concretizadas para que se restabeleça o equilíbrio e para o processo de luto ficar completo. Desta forma, a adaptação à perda, de acordo com Worden (1991), envolve 4 tarefas básicas: 1. aceitar a realidade da perda; 2. trabalhar a dor advinda da perda; 3. ajustar a um ambiente em que o falecido está ausente; 4. transferir emocionalmente o falecido e prosseguir com a vida.

A autora citada salienta que é muito importante que o enlutado efetue essas tarefas antes do processo de luto poder ser completado. Uma vez que o luto é um processo e não um estado, estas tarefas requerem esforço e tal como uma doença pode não ficar totalmente curada, também o luto pode ficar incompleto em algumas pessoas. Para Worden (1991), o processo de luto é finalizado quando as tarefas descritas são completadas. O processo de sofrimento é muito variável, levando normalmente muito mais tempo que aquele que as próprias pessoas esperam. É preciso levar em conta que cada nova estação, feriados como o do natal, ou nos períodos de férias, datas festivas de aniversários a perda é novamente revivida. Assim, verifica-se que o luto não é um processo que progride de forma linear, podendo reaparecer para ser novamente trabalhado.

Franco (2002) inclui que o tempo do luto é sempre variado e que, em alguns casos, esse processo não tem finalização, já que cada pessoa fica enlutada a seu modo, e o enlutamento se constitui em uma experiência de cunho individual e singular. Worden (1998), afirma que o luto complicado se mostra como algo intenso, que não mostra progressão ou adaptação. Desta forma Rando (1992/1993) esclarece que o luto complicado pode combinar-se de quatro maneiras em sua configuração: a) sintomas: aspectos psicológicos comportamentais, sociais ou físicos, que ocorrem de maneira isolada ou combinada que revelam distorções no processo de luto, tais como o reconhecimento da perda; a reação à separação; reajustamento e readaptação à vida e à vinculação com o morto; b) síndromes: podem ocorrer em paralelo ou de forma isolada no que se referem à expressão do luto: ausência, adiamento e inibição ou distorção pela raiva; culpa ou conflito. c) desordem física ou mental: doenças que afetam a saúde física e mental; d) morte: pode ser ou não ser conscientemente, tais como acidente, suicídio etc.

Todo o processo que medeia entre a perda e a reabilitação para a vida exige um período de demora: é o tempo do luto. Este terá de ser percorrido até que a realidade predomine, levando-nos a aceitar que todos os vínculos que estabelecemos com esse alguém querido, só podem ser usufruídos na sua presença.

Lembremos o ditado popular que diz: *“longe dos olhos, longe do coração”*. Se a distância geográfica é um empecilho sério à manutenção do amor entre duas pessoas, o fosso que constitui a perda definitiva de uma delas acaba por extinguir esse sentimento. É necessário, portanto, que o tempo do luto decorra, durante meses, anos, por vezes até durante toda a vida. É necessário vivermos o luto na sua duração plena. Num tempo em que todas as tristezas sejam choradas, todas as dores curadas, todas as memórias revertidas, todos os vínculos reassumidos. Só assim a vida pode continuar e as promessas do futuro voltarão a se instalar em nosso coração.

Bowlby assinala três fases importantes em qualquer luto. Na primeira, existe uma sensação de urgência para se recuperar o objeto perdido: as repetidas decepções, o pranto, a raiva e a acusação são expressões desta urgência. A segunda fase consiste na soma das decepções, do desespero e de um comportamento desorganizado. Há uma dolorosa falta de capacidade para iniciar ou manter comportamentos organizados. Corresponde a uma fase depressiva considerada pelo autor como tendo uma função adaptativa: tende a romper os antigos moldes de comportamento relacionados com o objeto perdido para poder estabelecer novos moldes. Na terceira fase, a capacidade de tolerar a depressão é característica da pessoa (BOWLBY In: GRINBERG, 2000, p. 157). Para ele, o mais importante num luto é tolerar a desorganização e poder levar a cabo a reorganização dirigida a um novo objeto. Ele sugere que a busca persistente de união com o objeto perdido é o principal motivo presente no luto patológico, ainda que devido à depressão e ao mecanismo dissociativo o luto patológico apareça de forma mascarada ou distorcida.

Segundo Everstine e Everstine (1993, p. 3), quando uma pessoa experimenta de forma coercitiva um evento inesperado, ocorre um trauma psicológico ou emocional. O trauma é uma *“ferida infligida contra a mente ou o corpo que exige uma reparação estrutural”* (op. cit., p. 22).

Os eventos traumáticos alteram o sentimento de segurança e a autossuficiência das pessoas, bem como a sua suscetibilidade de ligação com os outros. Os eventos traumáticos são incidentes que aniquilam os mecanismos habituais de adaptação e colocam em perigo ou ameaçam o indivíduo. Eles são algo que se encontra tão fora do domínio da capacidade da pessoa para se adaptar ou compreender que confundem a mente e põem em cheque os pressupostos básicos da vida, levando-a a depressão. Para além das respostas emocionais, eles também podem originar respostas fisiológicas. Estas são mediadas pelo sistema nervoso

autônomo, especialmente o sistema de ativação reticular do tronco cerebral. Os pacientes desenvolvem queixas físicas que, quando não tratadas, pioram. Além disso, as respostas traumáticas são resistentes à modificação e colocam a pessoa em risco de desenvolver estados concomitantes tais como abuso de substâncias e queixas físicas.

Conforme Prigerson, 2008 (apud FRANCO, 2009), o Transtorno do Luto Prolongado (TLP) pode ser diagnosticado através dos seguintes critérios: - uma preocupação intrusiva com o morto (busca, procura, saudades doloridas etc.); sintomas de evitação, falta de sentido no futuro, entorpecimento, choque, dificuldade em acreditar na morte, sensação de vazio, sentir como se uma parte de si estivesse morrido, falta de confiança e segurança, comportamentos de risco semelhantes ao do falecido e amargura. O autor identificou no TPG os seguintes traços caracterizadores: ideação suicida, depressão, ansiedade, piores condições de qualidade de vida, hospitalizações frequentes, tabagismo exagerado, baixa produtividade, transtorno de sono, hipertensão, entre outros.

Franco (2009, p. 250) alerta que os clínicos diante do diagnóstico do TLP devem pressupor e avaliar as situações de risco para o encaminhamento de uma terapia específica. É necessário levar em conta o discernimento a respeito da hora exata para se fazer uma intervenção e que tipo de intervenção deve ser feita. Também se faz necessário levar em conta os benefícios desta intervenção e a sua eficácia. A autora salienta ainda a importância de discernir qual é a melhor abordagem a ser empregada: grupos de autoajuda, psicoterapia, terapia familiar, luto em cuidados paliativos etc. Outra questão liga-se às objeções para o uso da intervenção: será ela necessária? Pode ser que o enlutado conte com uma rede de apoio psicossocial que possibilite ajudá-lo suficientemente, ou que a intervenção diminua a sua autoestima e o seu senso de eficácia. É preciso também levar em conta as questões culturais e os parâmetros sociais para a vivência de determinados tipos de luto. Assim, as intervenções precisam considerar em primeiro plano as pessoas sem apoio familiar, social e financeiro; solitárias; enlutadas em decorrência de mortes violentas; mortes traumáticas e em massa; dependentes do morto; com ideação suicida; com histórico de transtornos psiquiátricos e, aquelas pessoas que sofreram abuso ou negligência parental.

Parkes (2009) salienta que todos os lutos são traumáticos, mas que existem alguns que são mais intensos devido ao tipo de morte e a sua intensidade.

Desta maneira, também o luto será diferenciado. Se as perdas inesperadas abalam o nosso mundo presumido, da mesma forma as perdas múltiplas irão proporcionar um luto marcado pela dificuldade de elaboração, principalmente quando se referem a desastres que matam muitas pessoas ou epidemias ligadas a perdas múltiplas. Na velhice, diz o autor: *“o número de funerais aos quais comparecemos começa a superar o número de casamentos a ponto de, entre aqueles que sobrevivem, a maioria das pessoas da mesma geração estar morta”* (op. cit., p. 161). Segundo Parkes, os diferentes tipos de padrões de apego proporcionam variadas concepções sobre o mundo e, em decorrência, influenciam diferentemente a reação das pessoas perante o luto traumático.

Prigerson (2005) lembra que é muito importante incentivar os bons hábitos de saúde neste momento difícil, tal como uma alimentação adequada, sono suficiente para o descanso e a prática de atividades físicas. O enlutado deve ter o apoio e a companhia dos amigos. É preciso incentivar e aconselhar uma prática terapêutica, quando for necessário e também estimular novas rotinas, com a integração de habilidades e competências. Franco (2009, p. 252) ainda lembra que as intervenções no período de luto antecipatório que proporcionem às pessoas a oportunidade de despedir e resolver questões pendentes, pedir perdão e outras situações mostram-se importantes para a aceitação da morte.

Entretanto, cumpre salientar também que, em relação à finalização do luto, o que alguns autores chamam de resolução, a situação é controversa entre os principais estudiosos. Há quem diga que o luto não tem uma finalização e que pode durar toda a vida (HAGMAN, 2001 apud RANGEL, 2008); e há quem ressalte que existem duas formas de finalização do luto: uma que supõe o rompimento da vinculação com o morto e a outra que releva a reorganização interna do relacionamento com o mesmo (BONANO e KALTMAN, 1999 apud RANGEL, 2008).

Há que se levar em conta também os fatores relacionados à resiliência. Face ao luto, os indivíduos revelam uma gama de respostas adaptativas que revelam a singularidade da história de cada um e os recursos que foram adquiridos ao longo de suas vivências pregressas. O conceito de resiliência pode ser compreendido como uma *“capacidade de sair vencedor de uma prova que poderia ter sido traumática, mas que é vivida com uma força renovada.”* (ANAUT, 2002, p. 11). A resiliência implica a adaptação face ao perigo, o desenvolvimento normal apesar dos riscos experimentados, e o domínio de si depois do trauma vivenciado.

O cuidador necessita sempre levar em conta os fatores de resiliência do enlutado, bem como os recursos internos que ele possui para reagir ao sofrimento atual, não ensinando o enfrentamento da perda, mas ajudando-o a resgatar o que ele traz em si, como bagagem das perdas anteriores que viveu e que está presente em sua história de vida.

Em suma, vez ou outra a alegria da vida é embaçada pela presença da morte. Como Saramago, às vezes, gostaríamos também de dizer não a ela, tirando-a do contexto da vida. Gostaríamos de construir outro texto. No entanto, bem sabemos que o ser humano se não tivesse que conviver com a morte perderia muito daquilo que o constitui. Seria um ser desprovido de futuro e de esperanças. Triste na monotonia da vida, sem prazer e sem sonhos. Sem saudades e sem aquilo que mais o eleva e o dignifica, distinguindo-o de todos os outros seres: a capacidade de amar.

Desta forma, neste capítulo, buscamos apresentar, um breve percurso histórico sobre a morte, juntamente com um esboço das principais ideias sobre o surgimento dos ritos mortuários e dos cemitérios, mostrando a sua devida importância. Depois, apresentamos a temática do luto e seus principais desdobramentos no campo dos estudos psicológicos, principalmente a partir da Teoria do Apego de Bowlby. Para além deste capítulo, na **parte II**, ansiamos conduzir nossa reflexão para a utilização da palavra vinculada à memória e ao sentimento, e que se presta a ser veículo para a expressão do pesar, da dor, da tristeza e da esperança dos enlutados.

## PARTE II –A PALAVRA



*Fez tanto luar que eu pensei nos teus olhos antigos  
e nas tuas antigas palavras.  
O vento trouxe de longe tantos lugares em que  
estivemos,  
que tornei a viver contigo enquanto o vento  
passava.*

*Houve uma noite que cintilou sobre o teu rosto  
e modelou tua voz entre as algas.  
Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu  
protege  
e estudo apenas o ar e as águas.*

*Coitado de quem pôs sua esperança  
nas praias fora do mundo.  
- Os ares fogem, viram-se as águas,  
Mesmo as pedras com o tempo, mudam.*

Cecília Meireles

## **CAPÍTULO II**

### **A PALAVRA, A MEMÓRIA E O SENTIMENTO**

## 2.1 A Palavra como comunicação

O ser humano desde a sua concepção traz inscrito em seu código genético um número de características que o condicionam a ser e a desenvolver-se. Ainda que o seu processo de multiplicação celular seja semelhante ao dos outros seres vivos, não é isso que o torna único no universo, mas sim a capacidade extraordinária que possui para utilizar a linguagem verbal, orquestrando sua capacidade cerebral com sua voz e audição, para integrar-se no grupo de humanos a que pertence pela aquisição de uma língua natural.

O conceito de língua natural refere-se à ligação que existe entre as diferentes formas da linguagem humana (as línguas) e a sua expressão oral (todas as línguas do mundo são faladas, ou pelo menos, foram-no num dado momento da história). De acordo com Trenholm (2001, p.70) essa distinção é feita em face do conceito de língua artificial, cujos meios técnicos são construídos, com a utilização de computadores. Assim, na caminhada biológica das espécies, o ser humano encontrou uma forma própria e singular de integração e cooperação com os seus semelhantes, utilizando a linguagem para comunicar-se evoluindo de *Homo sapiens* para *Homo loquens* (BENVENISTE, 1966, p. 259).

Tal como Bowlby (1993) demonstra em sua Teoria do Apego, tendo como característica inerente à espécie, o ser gregário, o ser humano desenvolve estratégias de sobrevivência em grupos que podem ser caracterizados como família, comunidade, aldeia, metrópole, entre outras. Ele aprendeu que ser gregário o faz mais forte na luta pela sobrevivência, quando buscava comida, água e abrigo e também quando precisava se defender do que o ameaçava. Aprendeu que ser gregário o tornava mais forte, na medida em que encontrava apoio e compreensão de seus semelhantes, principalmente na dor e nos sofrimentos e também na falta de respostas para as grandes questões da vida, tal como a morte de alguém querido e a vivência dessa separação. É claro que a cooperação harmoniosa o fez compreender que isso garantia a sua vida e a dos outros, trazendo-lhe comodidades e amparo. É desta maneira que a cooperação e a união dos semelhantes tornam as atividades mais fáceis e o trabalho menos árduo. É assim que a comunicação se faz necessária para

se atingir um objetivo comum. Muitas vezes ela se faz vital para que a espécie se perpetue. Consequentemente, é dentro de um processo evolutivo da espécie humana que a história assinala a importância da linguagem para que a cooperação garanta essa perpetuação.

Dado que pertencemos à espécie *homo loquens*, não podemos existir sem nos comunicar com os nossos semelhantes, como as ciências sociais ensinam (WATZLAWICK et al 1967, p. 51). Infere-se assim que “comunicar” significa “partilhar”, ainda que haja muitas acepções para esse conceito, devemos considerar dois componentes fundamentais nesta conceituação: a transmissão de informações e a dimensão do outro que se traduz na ideia de vertente social da partilha da informação, que se dá no esforço conjugado de interpretar e agir sobre o mundo que nos rodeia (MERCER 2000, p. 3). Emerge então a constatação de que a ligação entre a linguagem verbal (humana) e o pensamento (também necessariamente humano) está, com toda probabilidade, nas origens da autoconsciência humana (SANTOS, 2011, p. 15). Nas palavras de Descartes, “sabemos que existimos porque pensamos”, “*Je pense, donc je suis*” (DESCARTES, 1978, p.28) e pensamos porque temos linguagem. Em decorrência dessa autoconsciência passa a existir a consciência do outro para além de mim que se liga à responsabilidade pelo bem comum e aos valores éticos que fundamentam a vivência em sociedade (CHERRY, 1996, p.10).

Em perfeita simbiose entre a comunicação e a linguagem é difícil, muitas vezes, aceitar que algo que nos é familiar e íntimo possa ser desvendado pelos outros e que, por detrás das ideias e das formas com que dizemos e como dizemos, possam estar radicados preconceitos e falsas seguranças, ideologias e crenças. Entretanto, nada se faz mais fascinante para aqueles que se ocupam de analisar a comunicação e a linguagem humana do que perceber e desvendar o que se esconde para além do que foi dito e o que se oculta no seio da palavra.

Ao falar do processo de compreensão e de significação em uma língua, Bakhtin (2003) assinala a importância de sempre se levar em conta dois conceitos: tema e significação. De acordo com este autor, o tema é formado pelas formas linguísticas que fazem parte da composição (palavras, formas, sons etc.) e pelos elementos não verbais da situação, já que todos os elementos da situação são importantes para a compreensão da enunciação. Ele afirma que o tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. “*Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico,*

*possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação.*” (BAKHTIN, 2003, p. 128). Assim, o tema é uma reação da consciência em devir e é impossível separá-lo da significação. *“Não há tema sem significação, e vice-versa”*. Assim, é impossível determinar a significação de uma palavra isolada sem um tema e este deve apoiar-se na *“estabilidade”* da significação (MAGIOLINO, 2010, p. 15). A significação está ligada à compreensão, e *“compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.”* (BAKHTIN, 2003, p. 132). A significação tem a sua realização dentro de uma dimensão responsiva quando locutor e receptor interagem. Funciona como uma *“faísca elétrica”*, já que *“só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação”* (op. cit., p. 132). A compreensão é sempre dialógica e só se faz possível dentro de uma dimensão histórica. Ela se faz dentro de um embate dialógico, ideológico, político, público, afetivo que vai sendo travado (MAGIOLINO, 2010, p. 17).

No que se refere à construção do sentido das palavras, encontramos em Vygotsky, em sua obra *A construção do pensamento e da linguagem* (2001) uma interpretação bastante interessante que postula que o significado de uma palavra é mutável ao longo da história, condensando e mobilizando sentidos, afetando e transformando o ser humano. Ele mostra uma proximidade entre o signo e o instrumento, colocando em relevância a sua função mediadora. O signo funciona como instrumento para a atividade psicológica na medida em que proporciona lembrar, comparar, relatar, explicar etc. Para este autor, a linguagem exerce um papel fundamental que ultrapassa qualquer reducionismo mecanicista porque proporciona e efetiva a simbolização, a decodificação dos sinais e a comunicação, constituindo o pensamento, a consciência e as emoções.

Para Langer (1971), o que caracteriza o ser humano é a capacidade de simbolizar, que lhe permite usar primeiro as palavras para chegar a uma simbolização geral de todas as coisas com as quais se relaciona. É a simbolização que dá forma à percepção de um objeto e essa percepção é sempre uma abstração intuitiva e permite simplificar os estímulos da realidade. A função de toda linguagem e de toda simbolização é a comunicação. E, neste sentido, ela desempenha um papel fundamental por constituir a expressão das diferentes esferas da vida humana. De maneira que, o sonho, a arte, um gesto, o pranto, o riso e a morte são símbolos. *“Mais do que isso, toda percepção, como encontro do objetivo e do subjetivo, como resultado*

*da introjeção e da projeção, tem sempre um caráter simbólico.*” (GRIFFA & MORENO, 2001, p.170).

De acordo com Chevalier (2003, p. 9), a palavra “*símbolo*” provém do termo grego symbolon, que significa “*legitimação, pacto, ponto de convergência, presságio, semelhança*”.

Ernst Cassirer (1977) considera o símbolo a chave para revelar a natureza humana. E, assim, a pessoa “*já não vive apenas em um puro universo físico, mas sim num universo simbólico*”. O ser humano já não está dentro da realidade, já não a enfrenta de modo imediato, mas através da interposição de uma rede simbólica, entretecida de linguagem, mito, arte, religião, que constitui a urdidura de toda experiência humana.

O símbolo desenvolve uma função mediadora entre o consciente e o inconsciente, entre o humano e o divino, entre o racional e o irracional, permitindo assim o encontro de dois planos que se enfeixam numa tensão dialética. Porém, esses dois planos não se esgotam no símbolo que é sempre metafórico com relação a eles. A formação dos símbolos se dá na tentativa do psiquismo humano entender e dominar uma realidade, na tentativa de representá-la. É como se o símbolo se tornasse “*uma chave*” que contém um “*segredo*” para abrir uma “*fechadura*”. Entretanto, lembram Griffa & Moreno que “*essa chave deve ser imediatamente abandonada, pois o que foi aberto vai mais uma vez além de si mesmo, para novas aberturas*” (op- cit.,p.172). Ocorre, então, uma ampliação simbólica que faz com que todo símbolo se torne ambivalente. Ele é mais do que um simples signo ou sinal porque sempre transcende o significado e depende de uma interpretação. Está carregado de afetividade e de dinamismo. Não apenas representa, embora de certo modo encobrendo realiza e anula ao mesmo tempo, afetando as estruturas mentais. Ele pode ser comparado a esquemas afetivos, funcionais e motores, com a finalidade de demonstrar que, de certa maneira, mobiliza todo o psiquismo. Na relação entre a palavra e o símbolo lembra Chevalier (2003): “*O símbolo supõe uma ruptura de plano, uma descontinuidade, uma passagem a uma outra ordem: introduz a uma ordem nova, de múltiplas dimensões.*”

## **2.2 A palavra como memória**

O ser humano é um ser temporal, condição de todos os seres existentes. O tempo devora mecânica e inexoravelmente toda vida. É o fluxo do tempo que ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Diante dessa realidade emerge sempre a pergunta: como se livrar da ruína e do desaparecimento que ameaça toda a vida? A resposta está na memória, como uma “ilusão” de perenidade. É como que se o ser humano estivesse afirmando que o que passou não está definitivamente inacessível, já que é possível revivê-lo graças à lembrança. Pela retrospectão o homem aprende a suportar a duração e a relatividade temporal a que está submetido. *“Juntando os pedaços do que foi numa imagem que poderá ajudá-lo a encarar sua vida presente.”* (CANDAUI, 2011, p. 15).

Para Ricouer, a conservação de si através do tempo implica a interdição do esquecimento (2012, p.25). É por isso que podemos perceber que a memória atua na construção da identidade do sujeito e dos agrupamentos humanos, já que é pelo trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer do seu passado que se pode chegar à própria individualidade. Dentro de uma perspectiva cultural, os conceitos de memória e identidade são fundamentais no campo das Ciências Humanas e Sociais. A memória é *“uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo.”* (CANDAUI, 2011, p. 9). A busca memorial pode ser compreendida dentro da consideração de que o ser humano busca *“apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível.”* (LAPIERRE, 1989, p.6).

No estudo das culturas, os antropólogos demonstram que a memória é, de fato, uma *“força de identidade”*. Segundo Flores (1995, p.176), nos povos migrantes, *“as ideologias jogam com as fronteiras da alteridade para produzir, pela distinção, as identidades sociais”*. A memória é a identidade em ação. Assim, o jogo da memória que vem fundar a identidade é construído de lembranças e esquecimentos. Desta forma, a memória propriamente dita é uma recordação ou reconhecimento: evocação deliberada das lembranças bibliográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A identidade é uma representação grupal. Membros de um grupo produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza. O foco é sempre um objeto patrimonial que é preciso conservar, restaurar ou valorizar (CANDAUI, 2011, p. 26).

Assim, a memória social pode ser definida como um conjunto de lembranças reconhecidas por um determinado grupo e a memória coletiva como um conjunto de lembranças comuns a um grupo (FLORES, 1995, p.43). Em Zonabend encontramos o seguinte relato:

As mulheres o visitam no domingo ou em algumas noites de verão. No domingo se diz: vamos dar uma volta ao cemitério, vamos olhar as tumbas. Vamos com as vizinhas, mas apenas aquelas que possuem familiares enterrados ali; ser da aldeia não é apenas residir ali, mas ter suas tumbas no cemitério. Passando de tumba em tumba, os anciãos leem as inscrições e recordam a vida dos defuntos e é por ocasião desses passeios que se forja a memória da comunidade, que se transmite a todos a história das famílias da aldeia. (1990, p.428).

A autora afirma que, por ocasião dos passeios que as mulheres de Minot fazem ao cemitério, a história das famílias que se transmite a todos, produzindo e mantendo-se assim a memória da comunidade. Observa Halbawachs que o que é fácil de se fazer esquecer em uma grande cidade, os habitantes de uma aldeia não cessam de observar, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo o que pode alcançar dos fatos e gestos de cada um deles, porque eles agem sobre essa pequena comunidade e contribuem para a sua manutenção. Em meio como esse, constata o autor, *“todos os indivíduos se recordam e pensam em comum.”* (HALBAWACHS, 1950, p.68).

Um aspecto interessante sobre a memória das perdas dos entes queridos é apontado por Nora (1984, p. 396), e por ele denominado de *“vertigem patrimonial”* contemporânea. Esta revela uma idealização do passado e, por vezes, até do futuro, quando se projeta uma imagem do que gostaríamos que tivesse sido, imagem que nega as alterações e a perda, ou altera a imagem do morto, numa alucinação de beleza, construída a partir de arquivos, traços, monumentos, objetos, relíquias, ruínas e vestígios.

De fato, cada vez que no interior de um grupo restrito as memórias individuais querem e podem se abrir facilmente umas às outras, como nos casos em que existe uma escuta compartilhada visando as mesmas lembranças e recordações, podemos perceber uma focalização cultural e homogeneização parcial das representações do passado, processo que permite emergir um compartilhamento de memórias. Isso acontecia na Grécia Arcaica, segundo Vernant (1989, p.83), quando havia uma memória comum dos heróis-defuntos e está era mantida presente no

interior do grupo graças à epopeia, a memória do canto “*repetida a todas as ovelhas*”, estabelecendo-se, assim, uma relação entre a comunidade dos vivos e os mortos no “*domínio público*”. A memorização coletiva servia de “*cimento*” ao conjunto dos helenos porque eles se reconheciam na referência aos exemplos heroicos.

Somente *Mnemosyne*, divindade da memória, permite unir aquilo que fomos ao que somos e ao que seremos. Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido. O tempo da lembrança é, portanto, inevitavelmente diferente do tempo vivido, pois a incerteza inerente a este último está dissipada no primeiro. Isso pode explicar os numerosos casos de embelezamento de lembranças desagradáveis que, ao serem relembradas, são aliviadas da angústia e do sentimento de contrariedade provocados pela incerteza da situação vivida durante a qual se teme o pior. A lembrança é, portanto, algo distinto do acontecimento passado: é uma imagem (*imago mundi*), mas que age sobre o acontecimento (*anima mundi*), não integrando a duração e acrescentando o futuro do passado, como ensina Durand (1964, p.64).

Derrida acrescenta em sua reflexão sobre a importância da memória a noção de *arquivo*. Ele afirma que a vida se protege pela repetição, pelo traço e a memória não é algo que se apresenta de uma única vez, mas algo que se repete, reestrutura-se e se transcreve. O texto memorialístico é uma transcrição, uma reprodução, uma reconstituição posterior. “*A representação é a morte. O que imediatamente se transforma na proposição seguinte: a morte (só) é representação. Mas está unida à vida e ao presente vivo que originariamente repete*”. (2005, p. 222). Para o filósofo, não pode haver “*desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalcado*” (2001, p.32). Logo, para a construção do arquivo/memória é necessário que haja um desejo que dê sustentação ao trabalho e o mesmo não pode existir sem a ameaça do esquecimento, do apagamento, da pulsão de morte. Isso implica que não pode haver o movimento psíquico da inscrição se não houver a presença do inanimado, do vazio, do nada. Por isso, ocorre a necessidade do arquivo. Este é uma espécie de resistência contra a morte e se constrói como desejo dessa resistência. “*Parece uma necessidade de registro, de deixar uma marca, de perpetuação*” (RIBEIRO, 2013).

A continuidade dos mortos é estabelecida por intermédio da memória dos vivos. Na pedra são impressos e (re) significados os seus valores, mediados pelo

olhar dos sobreviventes. A individualização de cada túmulo, através da arquitetura, escultura, signos e simbologias, por exemplo, é indicativa do desejo de perpetuação existencial. De acordo com Carneiro (2013), *“busca-se expressar as particularidades dos mortos nas lápides, para preservar a memória e a personalidade dos mesmos”*. Elas se tornam, desta maneira, representações de alteridade, nas quais são combinados fragmentos da memória, por intermédio do conjunto simbólico. Na expressão de Robinson (apud ANDERSON, 2010, p. 77):

Cemeteries are those where landscape and memory are closely bound up with one another. Such places are laid out or built in order to perpetuate memory, to prolong the lives of the dead in the memory of family and friends. In the respect, they are meant counteract the forgetting that occurs over time, from one generation to the next. Inasmuch as cemeteries are spaces of memory, safeguarding the memory of loved ones against oblivion, they have often been highly monumental.<sup>4</sup>

Também encontramos no cemitério a reprodução das expectativas metafísicas de uma sociedade. Isso pode ser visibilizado pela memória que, de acordo com Candau (2012, p. 59), no processo anamnésico, se desdobra em **protomemória** (memória de baixo nível, fruto do *habitus* e da socialização), **memória** (de alto nível, enfatiza a recordação e o reconhecimento com saberes enciclopédicos e também dos sentimentos e crenças) e a **metamemória** (representações que o indivíduo faz de sua própria memória, abarcando dimensões que remetem para a maneira como cada um se filia no seu próprio passado e constrói a sua identidade).

Neste trabalho privilegiamos a chamada **metamemória**, já que buscamos apreender as representações da morte pela palavra, no intento de observar os sentimentos, os valores, as significações inventadas a partir do presente para o passado. Na expressão de Ricouer (1997, p. 9), quando compara a memória com a imaginação, ele afirma que *“ambas convocam um objeto ausente; mas, se este pode ser ficcional para a imaginação, para a memória, ele já não existe, embora tenha existido realmente”*. A morte remete ontologicamente para o não-ser e é na memória dos vivos que os mortos podem ser recordados e encontrar lugar de existência. Assim,

---

<sup>4</sup> Cemitérios são aqueles onde a paisagem e memória estão intimamente ligadas entre si. Tais lugares são estabelecidos ou construídos, a fim de perpetuar a memória, para prolongar a vida dos mortos na memória da família e amigos. No que diz respeito, eles são feitos para contrariar o esquecimento, que ocorre ao longo do tempo, de uma geração para a seguinte. Na medida em que os cemitérios são espaços de memória, salvaguardam a memória dos entes queridos contra o esquecimento, que muitas vezes têm sido altamente monumental. (Tradução livre do autor).

toda retrospectiva tende a expressar-se numa narrativa coerente, que domestica o aleatório, o casual, o efeito perverso do real passado quando este era presente.

Explica Candau:

Ganha desta maneira significado que a necrópole ocidental se tenha estruturado como uma textura de signos e de símbolos dissimuladores do sem-sentido da morte e simuladores da somatização do cadáver, e que o cemitério tenha sido desenhado como uma espécie de campo simbólico que, se convida à anamnese, encobrindo também o que se pretende esquecer e recusar (2010, p.167).

Os monumentos com todo o seu carácter artístico e a composição das palavras para a morte retratam o medo e o conflito que a morte provoca no ser humano, consciente de seu fim. Essa memória pode ser identificada como a memória coletiva, já que só a coletividade pode manter viva a memória de uma pessoa falecida. Se o homem não se constituísse um ser social, a morte representaria seu esquecimento total, o fim absoluto pelo que a memória dos mortos só existe na memória coletiva de um determinado grupo. Para Halbwachs:

A memória coletiva tira a sua força e sua duração do fato de ter como suporte um conjunto de homens, não obstante que eles sejam indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo, dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios (2004, p.55).

Intrinsecamente ligada à memória está o processo de nomeação. O nome próprio, e mais genericamente toda a nomeação do indivíduo ou do conjunto de indivíduos, é uma forma de controle social da alteridade ontológica do sujeito ou da alteridade representada de um grupo. É o nome uma questão identitária e memorial (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 25). Complementa Hannah Arendt que responder à questão “*quem?*” É sempre contar a história de uma vida (1961, p.231). E ao falar de contar a história de uma vida, podemos evocar a noção de identidade narrativa de Ricoeur, para quem o tempo “*torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa.*” (RICOEUR, 2012, p.17). Assim, a memória é também uma narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio. Talvez, seja por isso que as pessoas

quando envelhecem tornam-se mais falantes ou efetivamente mais silenciosas, após aceitarem a morte como verdade inevitável.

A morte confere um caráter de sacralidade ao morto e quanto mais este for familiar ou mais reconhecidamente conhecido socialmente, maior será a valorização afetiva de sua memória, conferindo a ela palavras que se tornam portadoras de grande carga afetiva. Por isso, nos cemitérios de tradição Oitocentista encontramos essa abundância do dizer e do falar com palavras escritas. Morin, em *O homem e a morte*, conclui que a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida. *“Quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado e respeitado, isto é, ‘único’, mais a dor é violenta” e “não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo, que não era insubstituível.”* (1970, p. 31).

### 2.3 A palavra como expressão de sentimento

Dentre as possíveis funções da linguagem e da palavra, signo por excelência, se encontram também a generalização e a comunicação e também a de ser reguladora do comportamento e planejadora das ações e, na medida em que está relacionada às emoções, leva sempre à memória. Por isso, pode-se afirmar que as palavras são afetadas pelas emoções. Elas se constituem no signo e nele se realizam como *“fenômeno ideológico da vida e da experiência humana”* (p. 161). Isso as torna fenômeno essencialmente humano, na medida em que o seu problema e o seu domínio dentro do comportamento humano é redimensionado pela função do signo dentro da perspectiva de Vygotsky. É assim que elas emergem dentro das relações humanas como expressão do sentimento. Em sintonia com Magiolino:

A palavra signo por excelência, impacta, transforma, redimensiona a emoção humana. A sensação visceral, o nó na garganta, o choro... são então, uma emoção com sentido e significado – saudade. Significação e emoção se encontram numa perspectiva histórica e cultural do desenvolvimento humano (2010, p. 162).

Em *A construção do Pensamento e da Linguagem* (2001), Vygotsky deixa entrever a relação entre afeto e intelecto e afirma que a relação palavra/signo

proporciona uma relação de unidade que se faz possível pelo sentido que se relaciona ao contexto, às necessidades, aos motivos e às emoções. *“A palavra, microcosmo da consciência, torna-se signo por excelência”*. Ela condensa e mobiliza os sentidos. Ela constitui sujeito, pensamento e emoção. No dizer de Smolka:

A palavra como signo por excelência, como modo mais puro e sensível de relação social é, ao mesmo tempo, material semiótico da vida interior. Constituindo uma especificidade do humano – viabiliza modos de interação e de operação mental – possibilita ao homem não apenas indicar, mas nomear, destacar e referir pela linguagem; conhecer (se), tornar-se sujeito: objetivar e construir a realidade. A emergência do verbum constitui um acontecimento de caráter irreversível (1997, p. 42).

A palavra, dentro deste aporte teórico se faz ação, *verbum*, signo por excelência e torna-se material semiótico da vida interior, como ensina Bakhtin. Assim, a emoção humana sem sentido e significado *“é como a lágrima do ator de Diderot que cai do cérebro. É um som vazio – uma sensação que se expressa, mas não se sente como uma emoção”*, no dizer de Magiolino (op. cit., p. 163). *“É a palavra um veículo que possibilita a canalização das emoções e dos sentimentos humanos e, por isso ela tem importância histórico-social”*. Não sentimos simplesmente, mas sentimos com sentido e significado. Complementa Viscott (1982, p.11) afirmando que *“os sentimentos formam uma linguagem bem própria. Os sentimentos são nossa reação ao que percebemos e, por sua vez, eles colorem e definem nossa percepção do mundo.”*

Nas relações entre arte, psicologia e pedagogia configura-se o problema da palavra e do afeto para Vygotsky. Ele buscou compreender o mistério das palavras e o seu impacto sobre o homem. Isto pode ser observado em sua análise sobre o conto de Bunin, traduzido como *Respirar Tranquilo*: *“Não podemos sentir, nos emocionar, chorar, sorrir, amar sem as palavras para dizer? Se não temos palavras, objetos, instrumentos para compreender e extravasar a dor, como saber o que se sente e como sentir?”* (op. cit., p.166).

Em sua obra *Teoría de las emociones – Estudio histórico-psicológico* (2004), Vygotsky afirma que *“não basta haver lágrimas nos olhos para que logo venha a tristeza, porque a tristeza não consiste em simples lágrimas mas em toda uma série de sintomas internos e externos que em dado momento estão ausentes”* (op. cit., p.130). É assim que podemos visibilizar a sua busca de compreensão das emoções e sentimentos humanos que acontecem nas relações que se dão entre o

sujeito e o mundo que o circunscreve. No entendimento de Bakhtin, isso se cumpre dentro de uma região limítrofe em que o sujeito e o mundo se encontram pela palavra, que sendo signo se faz fonte de compreensão e sentido. Magiolino reitera:

Palavra, emoção, signo, sentido, significado. A emoção, esse processo (in) visível encarnado, é o sentido (vivido, experienciado...) significado na e pela história (social e pessoal) e cultura humana. A trama vigotskiana se materializa: da palavra à emoção, da emoção à palavra – a significação (2010, p. 171).

As significações proporcionadas pelas palavras resultam principalmente dos símbolos que induzem associações de sentidos e podem estar ligadas às representações sociais que se fundamentam na experiência corporal e emocional do indivíduo. Assim, a maioria das vezes a comunicação não transmite significações abstratas e mútuas, mas invoca para cada um, todo um universo de representações que o animam, atraem, repelem, comovem e lhe provocam um conjunto de atitudes (PEREIRA, 2008, p. 51).

Quando comunicamos temos que levar em conta que a comunicação é também um processo psicológico e que a recepção da mensagem nunca se dá de maneira passiva, mas é sempre ativa, na qual interferem fatores variados que vão direcionar a interpretação da mensagem. Isto significa que a análise da linguagem de um grupo ou sociedade necessita de ser mais ampla, compreendendo não só o aspecto linguístico, mas também o aspecto social e cultural. Ensina Maingueneau que é preciso estudar a linguagem *“pondo-a em relação com o referencial social, psicológico e histórico, considerando-a como atividade de sujeitos que interagem em situações determinadas.”* (apud LOPES, 1999, p.185).

Assim, de acordo com Maingueneau (2004, p. 19), a linguagem é um sistema de regras e categorias e lugar de investimentos psíquicos e sociais. Deve-se considerar que cada enunciado é sempre portador de um sentido estável, que lhe foi conferido pelo locutor. É esse sentido que deve ser decifrado pelo receptor que conhece o mesmo código e a mesma língua.

Com base nessa concepção de atividade linguística, o sentido se encontra de alguma forma inscrito no enunciado, e sua compreensão depende essencialmente de um conhecimento do léxico e da gramática da língua; o contexto desempenha um papel periférico, fornecendo os dados que permitem desfazer as eventuais ambiguidades dos enunciados. O autor citado também lembra que todo ato

de comunicação é fundamentalmente assimétrico, na medida em que sempre que uma pessoa interpreta um enunciado ela reconstrói o seu sentido a partir das indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Desse modo, compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário. “*É mobilizar saberes diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável.*” (MAINGUENEAU, 2004, p. 20).

O autor acrescenta que a ideia de um enunciado que possua um sentido fixo fora do seu contexto é insustentável já que fora de um contexto não podemos falar do sentido de um enunciado. Fora do contexto podemos falar de “*coerções para que um sentido seja atribuído à sequência verbal proferida em uma situação particular.*”

De tal modo em consonância com as ideias arroladas, ao falar das mensagens que são colocadas sobre os túmulos, chamadas de epitáfios, devemos começar por considerá-las como sequências de signos, mais precisamente como sequências verbais, ou seja, enunciados. Isso implica atribuir-lhes uma fonte enunciativa; no caso, um sujeito que, servindo-se de sua própria língua, teria a intenção de transmitir um certo sentido a um destinatário. Por isso é que “*as condições materiais de apresentação*” desempenham um papel essencial para que o enunciado receba de fato tal estatuto. Assim, precisamos sempre levar em consideração o lugar onde se encontram estes escritos (o cemitério), a disposição dos mesmos e o modo como foram escritos. A isso tudo Maingueneau chama de “*ancoragem da enunciação*”.

No que se refere à manifestação dos sentimentos e emoções relacionados à morte, faz-se sumamente importante considerar os estudos sociológicos de Da Matta, em sua obra *A casa e a rua* (1991). Em seus estudos, Da Matta, observa que existem maneiras diferentes de se lidar com a realidade da morte e que as sociedades podem ou não enfatizar questões relacionadas à morte e ao morto, havendo sistemas que privilegiam a primeira e outros que ignoram o segundo, enquanto, em outros, ocorre o inverso, sendo o morto colocado como centro de todas as atenções.

Nas sociedades modernas, em que grassa o individualismo, prevalece sempre uma postura existencial que apresenta o homem como único agente da história, deixando-se de levar em conta qualquer referência metafísica. Nesse universo individualizado e dessacralizado, a morte perde o seu caráter ritual e

comunitário, ou seja, *“nada mais significa além do que mostra o ato concreto de um óbito.”* (op. cit., p. 150). E, por isso, ela passa a ser representada como a expressão do fracasso humano no que tange ao controle da natureza e como algo dissociado dos processos naturais da vida. De tal maneira que, nestas sociedades, pode-se observar uma negação do fato real da morte – o morto e sua memória – que é esquecido e ignorado, considerando qualquer referência ao morto como doentia e mórbida. No entanto, dentro de uma situação paradoxal, ocorre nestas sociedades a valorização de questionamentos e pensamentos a respeito da morte, tomada sempre como questão teórica relevante. Nas palavras do autor citado: *“discutir a imortalidade, o tempo, a eternidade e, sobretudo, tomar a morte como algo isolado, é uma questão moderna.”*

Nas sociedades tradicionais, onde as relações sociais têm prevalência sobre os indivíduos, pode-se observar que existe uma grande elaboração da morte no que se refere a um silêncio contemplativo da mesma e uma evidente obsessão pelos mortos. Estes são chorados, invocados, lembrados, cultuados. Há aqui uma negação intelectual da morte. Esta, de acordo com Nascimento (1999, p. 24), *“atesta a prevalência moral e ideológica das relações sociais obrigatórias, por meio das quais as percepções da vida e da morte são interpretadas e mortos e vivos adquirem realidade e sentido”*. Desta maneira, o luto, os funerais e tudo o que se liga ao morto e à sua família, nada mais são do que formas coletivas de ritualização do fato concreto da morte, que se impõe ao indivíduo, de fora para dentro, mostrando que o domínio sociocultural tem ascendência sobre o individual.

Da Matta aponta que a sociedade brasileira se insere no modelo das sociedades relacionais, privilegiando o morto em detrimento da morte. É assim que os mortos e vivos compartilham do mesmo espaço, habitando casas, oratórios e igrejas numa grande proximidade que favorece *“a proximidade moral de vivos e mortos”* (op. cit., p.155). Desta forma, os vivos assumem diversas obrigações com os seus mortos e estas se compõem de periódicas homenagens tais como missas e orações, visitas aos cemitérios e cuidados com os túmulos e ossos etc. Ocorre nesta relação uma partilha de vida, quando se efetuam pedidos de proteção e ajuda, numa *“permanente relação entre vivos e mortos”* (op. cit., p.157). O morto passa a ser referência aos vivos, *“vivificando e dando forma concreta aos elos que ligam as pessoas de um grupo ou comunidade, dependendo do morto e de sua qualificação social, umas com as outras”* (op. cit., p.167).

A diferenciação da manifestação de sentimentos e emoções pelas palavras diante da morte, pode ser observada conforme se considerem os sistemas sociais classificados como tradicionais ou modernos, no que tangem à postura ética da elaboração da morte e à maneira como se lida com ela. No entendimento de Morin (1997, p.37), *“o horror da morte depende estreitamente do afastamento do indivíduo em relação ao seu grupo, como, reciprocamente, a presença imperativa do grupo aniquila, reprime, inibe ou adormece a consciência e o horror da morte.”*

Ao rever e apresentar neste capítulo alguns aspectos sobre a importância da palavra como comunicação, memória e sentimento, visamos tecer um nexo entrelaçador com o uso da palavra nos epitáfios, já que o homem sem memória e sem sentimentos é um ser perdido no mundo, sem identidade e sem parentesco. Quando ele se defronta com a morte, remodela e reinterpreta o passado a partir de seu imaginário e dos significados que experimenta. Assim, pelos escritos dos epitáfios, as pessoas falecidas das épocas passadas tornam-se vivas em virtude da palavra que se torna instrumento da memória e canal de sentimentos, que se manifestam pela saudade. No capítulo que segue trataremos dos aspectos hermenêuticos que se ligam à interpretação desta palavra.

## **CAPÍTULO III**

### **A HERMENÊUTICA**

A hermenêutica pode ser identificada como *“a arte da interpretação”*, isso porque o termo *“interpretação”* vem do verbo grego *hermeneuein*, que tem dois sentidos importantes: o primeiro designa, ao mesmo tempo, o processo de elocução (enunciar, dizer, afirmar algo) e o da interpretação (ou de tradução). A origem provável da palavra *hermêneia* (interpretação), parece se relacionar a Hermes, deus dos limiares, da tradução e das transações entre reinos (PALMER, 1999).

Em ambos os casos, estamos diante de uma transmissão de sentido, que pode se operar em duas direções: do pensamento ao discurso ou do discurso

para o pensamento. Para Grondin (2012, p. 18), “*atualmente, só falamos de interpretação para caracterizar o processo que se vincula o discurso ao pensamento*”. Entretanto, já os gregos pensavam a elocução como um processo hermenêutico de mediação de sentido, então designado pela expressão ou pela tradução do pensamento em palavras. Desta forma, o termo hermenêutica serve também para representar o enunciado que afirma algo. Essa interpretação do sentido do discurso interior que se esconde para além das palavras nos ajuda a ver que toda interpretação deve sair em busca do sentido, que remonta ao discurso exterior para o seu interior.

A etimologia mostra que a palavra “*interpretação*” provém do termo latino *interpretare* (inter-penetrare), significando penetrar mais para dentro. Há aqui uma alusão à prática primitiva de feiticeiros e adivinhos, os quais introduziam suas mãos nas entranhas de animais mortos, a fim de conhecer o destino das pessoas e obter respostas para os problemas humanos. Podemos ainda acrescentar que o vocábulo “*hermenêutica*” tem a sua raiz na mitologia mais antiga voltada para Hermes, o deus-alado que na visão da antiguidade ocidental era responsável pela mediação entre os deuses e os homens. Hermes, a quem se atribui a descoberta da escrita, atuava como um mensageiro, unindo a esfera divino-transcendental à civilização humana.

A metáfora do deus Hermes é mesmo compatível com o objeto das especulações suscitadas pela hermenêutica no que se refere à interpretação, já que o intérprete atua como intermediário na relação estabelecida entre o autor de uma obra e a comunidade humana nos variados planos da apreensão cognitiva. Podemos então afirmar que a Hermenêutica é um tema central para o conhecimento, tendo em vista que tudo o que é apreendido, apropriado e representado pelo sujeito cognoscente necessita da prática interpretativa. É pela palavra – como vimos no capítulo II deste trabalho – que o ser humano toma consciência do mundo, fazendo da linguagem a sua primeira interpretação, de tal modo que para ele conhecer é interpretar.

Palmer (op. cit., p43-44) demonstra que a Hermenêutica penetrou de forma gradativa no domínio das ciências humanas e da filosofia adquirindo a partir da modernidade diversos significados. O autor elenca os seguintes significados assumidos ao longo do tempo por esta ciência:

- 1 – Teoria da exegese bíblica;
- 2 – Metodologia filológica geral;

- 3 – Ciência de toda compreensão linguística;
- 4 – Fenomenologia da existência e compreensão da existência;
- 5 – Sistema de interpretação utilizado para alcançar o significado dos mitos e símbolos.

Esses significados revelam que cada concepção hermenêutica está situada em um momento histórico ligado ao ato de interpretação, principalmente no que se refere à interpretação dos textos.

Esta abordagem, no presente capítulo faz convergir o problema para a visão de **Paul Ricoeur (1913-2005)** sobre a questão, e também para as concepções que ele apresenta e que foram utilizadas como ancoradouro para esta pesquisa.

### 3.1 A interpretação em Paul Ricoeur

O ser humano, como vimos, é um ser que se constitui pela linguagem. É pela linguagem que o homem se comunica com o mundo e com os outros. É pela linguagem que ele manifesta os seus sentimentos e a sua capacidade de lembrar. É partindo do pressuposto da linguagem como elemento fundante da vida social que podemos entender o pensamento hermenêutico de Paul Ricoeur. Inicialmente, ele assume uma postura crítica diante das filosofias do sujeito da tradição cartesiana que legitimava o pensamento a partir da subjetividade. Seu ponto de partida será a linguagem. A partir dela, critica o primado do sujeito sem, contudo, rejeitar a questão do sujeito enquanto tal. Preocupa-se com a questão do sujeito, e indaga pelo seu lugar na discussão hermenêutica. *“Não há dúvidas, para Ricoeur, de que a linguagem é a base da legitimação de todo pensamento e conhecimento humanos, porque constitui o limite indepassável de toda discussão teórica”* (TOLFO, 2009, p. 10).

Ricoeur argumenta a favor dessa postura crítica diante das filosofias reflexivas, afirmando que o sujeito apenas se constitui e se manifesta na objetivação da linguagem. É ela que nos põe a “*caminho*” do sujeito. A linguagem é o ponto de partida, e o sujeito, livre e consciente, pode, no máximo, ser apenas a meta, somente alcançável ao final do percurso pela linguagem. Deste jeito, ele propõe sem desconsiderar os ganhos da tradição romântica e da virada ontológica da hermenêutica, a retomada do debate epistemológico. A sua ideia fundamental é de que é necessário pensar conjuntamente duas hermenêuticas: aquela que se apropria do sentido tal qual ele se dá à consciência na expectativa de orientação e aquela que se distancia da experiência imediata do sentido para reconduzi-la a uma economia mais secreta.

Em Ricoeur (2000, p. 99), a questão da compreensão que, na hermenêutica de **Friedrich Schleiermacher**<sup>5</sup> (1768 – 1834) ocupara um lugar de destaque, vê-se transferida para o fim, como fator terminal, e não como fator introdutório. Também a noção de compreensão do *Dasein* de **Martin Heidegger**<sup>6</sup> pertence ao que Ricoeur designa a via curta da ontologia da compreensão. É uma orientação que afasta as questões relativas à metodologia do compreender e incide em uma “*ontologia do ser finito, para nele reencontrar o compreender, já não como um modo de conhecimento, mas como um modo de ser*” (RICOEUR, 1978, p. 22). A compreensão do ser, como modo de existir do ser-aí, não se processa de forma gradativa, mas por meio de uma analítica existencial desse ser mesmo, ou seja, por uma ontologia direta.

A via ricoeuriana não se apresenta propriamente em oposição a esta orientação, uma vez que a questão do ser se encontra no horizonte de suas preocupações. O termo visado da compreensão do ser, todavia, é mediado por uma epistemologia da interpretação, pelo que Ricoeur sugere designar o seu caminho de via longa. Para ele, a compreensão do ser opera-se graças a uma reflexão sobre o

---

<sup>5</sup> Na hermenêutica idealista do romântico Friedrich Schleiermacher, os processos baseiam-se claramente nas operações fundamentais da compreensão. Então, a hermenêutica transforma-se verdadeiramente numa arte de compreensão.

<sup>6</sup> Na visão de Heidegger (1889 – 1976) o enfoque de toda a Filosofia reside no ser-aí, vale dizer, no ser-no-mundo, ao contrário dos julgamentos definitivos acerca das coisas-no-ser ou coisas-lá-fora. A ideia central de seu pensamento filosófico é o conceito de *dasein*, ou seja, a realidade que tem a ver com a natureza do próprio ser. Heidegger rompe, desta maneira, com o dualismo sujeito-objeto em favor de um fenômeno unitário capaz de contemplar o eu e o mundo, conciliando as diversas dimensões da temporalidade humana – passado (o que foi), presente (o que é) e futuro (o que vai ser) – como momentos da experiência hermenêutica.

sentido do texto. Ricoeur (op. cit., p. 14) parte “do plano em que a compreensão se exerce pela linguagem do texto”, a fim de descobrir aí os sinais do seu enraizamento no ser.

Ricoeur se aproximou da linguagem para detectar nela a riqueza de seus usos, desconfiando de todos os autores que postulavam e pressupunham uma linguagem “correta” na tradução das outras linguagens, numa perspectiva reducionista.

No pensamento de **Hans-Georg Gadamer**<sup>7</sup> ele encontrará uma antinomia, e dela vai se apropriar para resolver o problema entre pertencimento e distância. Por isso, Ricoeur vai buscar superar esta antinomia estruturando a noção de texto no centro de sua discussão hermenêutica. Para ele (1990, p.44) o texto “é o paradigma do distanciamento na comunicação.” Na expressão de Tolfo (op. cit., p.11) a interpretação “será uma tarefa bem sucedida se conseguir dar um sentido positivo ao distanciamento”, juntando os dois pólos da oposição: distanciamento alienante e pertença.

Como síntese desta evolução de ideias, desenvolve-se a fundamentação hermenêutica de Paul Ricoeur. Ele toma a referida dicotomia complementar (distanciamento alienante e pertença) através da consideração do fenômeno humano como intermédio simultaneamente estruturante (o intencional e o possível) e estruturado (o involuntário e o explicável), articulando a pertença ontológica e a distância metodológica.

Deste modo, ele procura consolidar um modelo dialético que enlace a verdade como desvelamento (ontologia da compreensão) e a exigência crítica representada pelos métodos rigorosos das ciências humanas (necessidade de uma explicação). Assim, o escopo da interpretação deve ser o de reconstruir o duplo trabalho do texto através do círculo ou arco hermenêutico: no âmbito da dinâmica interna que preside à estruturação da obra (sentido) e no plano do poder que esta obra para se projetar fora de si mesma, gerando um mundo (a referência).

Em decorrência, com a interpretação de um texto abre-se um mundo, ou seja, vislumbram-se novas dimensões do nosso ser-no-mundo, já que a linguagem

---

<sup>7</sup> Para Gadamer (1900 – 2002) a atividade interpretativa pode ser compreendida como uma situação humana. A interpretação, antes de ser um método, é a expressão de uma situação do homem. O hermeneuta ao interpretar uma obra está já situado no horizonte que foi aberto por ela, o que Gadamer denominou de círculo hermenêutico. Para Gadamer (2008) o significado emerge à medida que o texto e o intérprete envolvem-se num permanente diálogo, balizado pela sua pré-compreensão.

mais do que descrever a realidade revela também um novo horizonte para a experiência humana.

Ao explicitar que o texto se constitui em “*paradigma do distanciamento na comunicação*”, ele reconhece que esse distanciamento produzido no texto enraíza-se num fenômeno ainda mais profundo e absolutamente primitivo da própria linguagem. A dinâmica da linguagem traz em si mesma a marca do distanciamento. Mesmo no discurso oral, adverte Ricoeur, há um caráter absolutamente primitivo de distanciamento. Ele inicia a análise da questão a partir da efetuação da linguagem como discurso, caracterizando o distanciamento como dialética entre evento e significação.

Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência. E, no entanto, algo se passa de um sujeito para outro sujeito, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública. A comunicação é, deste modo, a superação da radical não-comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida (RICOEUR, 2000, p. 27). O que, portanto, merece ser destacado no diálogo é a significação, pois o evento, enquanto tal, perde-se com o tempo, como o vento que se vai, mas o que se pretende deixar é o seu significado para que mais pessoas possam interpretar de maneira diferente, uma vez que minhas experiências vividas não podem ser repassadas. O evento é a ocasião em que o ser humano, fazendo uso da palavra, procura dizer e mostrar o que realmente pretende fazer, falando diretamente a outros seres semelhantes, que estão ali fazendo parte do evento enquanto tal, de modo que possam, também estes, interromper e tomar a palavra, se porventura não estiverem entendendo ou entrando em um acordo, ou ainda, se alguém se sentir prejudicado com o pronunciamento de alguém.

Entretanto, o significado é o que a escrita quer passar para o leitor, contudo não mais tendo a presença do outro. A escrita, assim, não só preserva as marcas linguísticas da enunciação oral, mas também acrescenta sinais distintivos suplementares como os sinais de citação, os pontos de exclamação e de interrogação, para indicar as expressões fisionômicas e gestuais, que desaparecem quando o locutor se torna um escritor (RICOEUR, 2000, p. 29). Neste contexto quem transporta o significado é a frase, também elaborada e empregada no discurso oral. A pretensão

de passar um significado ocorre em ambas as partes, no discurso oral e na obra escrita.

A escrita é a grande responsável por tornar o texto autônomo, frisando-se, entretanto, que a escrita não é tudo. Depende também da interpretação de cada indivíduo que sabe ler. O discurso feito obra é o resultado de um trabalho de produção de ações humanas, que passam de um *“campo desconhecido”* para um *“novo estado de ser”*, a obra feito texto. Expressando em outras palavras, é a saída do campo virtual para a entrada no campo empírico, no qual as demais pessoas podem entrar em contato por estarem ao alcance de novos sentidos. A passagem da fala para a escrita leva à ação, quando o discurso passa a ser escrito. Isso no entanto, não quer dizer que venha a cancelar toda a estrutura que aparece no discurso e sim que a escrita é a sua plena manifestação. *“O que acontece na escrita é a plena manifestação de algo que está num estado virtual, algo de nascente e incoativo, na fala viva, a saber, a separação da significação relativamente ao evento.”* (RICOEUR, 2000, p. 37).

O problema da escrita é idêntico ao da fixação do discurso em qualquer suporte exterior, seja a pedra, o papiro ou o papel, que é diferente da voz humana. Esta inscrição, que substitui a expressão vocal imediata, fisionômica ou gestual, é em si mesma uma realização cultural tremenda. O fato humano desaparece e as *“marcas”* materiais transportam a mensagem (RICOEUR, 2000, p. 38). Por conseguinte a escrita pode salvar a instância do discurso porque o que ela efetivamente fixa não é o evento da fala, mas do *“dito”* da fala, isto é, a exteriorização intencional constitutiva do par *“evento-significação”*. Com a escrita, podemos fixar o dito em algo à parte, possibilitando retomá-lo. A escrita toma o lugar da fala no intuito de conservar memórias vivas através do tempo.

Em consequência, a relação, contida no diálogo, é substituída pela escrita. Desaparece desta maneira o estar frente a frente com o sujeito do diálogo, e permanece somente o seu resultado, pelo fato de ser escrito. Elucidar esse resultado escrito é próprio da hermenêutica e o seu conteúdo agora passa a interessar mais aquilo que o próprio autor quis expressar pela escrita.

Recorremos ao texto quando o autor não está mais presente para ser interrogado. E esse conceito de autonomia semântica é de significativa importância para a hermenêutica, já que o texto nos proporciona outras possibilidades, tendo em vista que o trabalho de deixar gravado por meio da escrita uma mensagem, ocorre

pelo fato de não vivermos infinitamente. De tal modo que, mediante a escrita textual, ansiamos levar adiante a “*coisa do texto*”, para que possa projetar por intermédio da interpretação algo sempre renovado. Se, no diálogo, a mensagem é dirigida diretamente à outra pessoa, posta ali no momento do discurso, na escrita, em um suporte material, lançada ao mundo, tal como nos epitáfios tumulares que se mostram nos cemitérios ela, segundo Ricoeur (2000, p. 42), dirige-se a um leitor desconhecido e, potencialmente, a quem quer que saiba ler. Esta universalização do auditório é um dos efeitos mais notáveis da escrita e pode expressar-se em termos de paradoxo porque o discurso está ligado a um suporte material, torna-se mais espiritual, no sentido de que é liberado da estreiteza da situação face a face. Neste sentido, Ricoeur explica:

A dialética da significação e acontecimento é exibida na sua plenitude pela escrita. O discurso é revelado como discurso pela dialética do endereço que é, simultaneamente, universal e contingente. Por um lado, é a autonomia semântica do texto que abre o âmbito de leitores potenciais e, por assim dizer, cria o auditório do texto. Por outro, é a resposta do auditório que torna o texto importante e, por conseguinte, significativo (2000, p. 43).

O procedimento de transmitir a mensagem na forma escrita possibilita a emergência de inúmeras interpretações, abrindo novos caminhos e alargando o círculo de sua abrangência, fazendo nascer novos modos de comunicação, diferentemente daquela que se dá somente entre duas pessoas, no momento da troca de informações. É neste aspecto que o texto escrito no papel, na pedra e no túmulo é muito mais que isto, ele é algo que está “*aberto*” a todos os que saibam ler, pois “*o direito do leitor e o direito do texto convergem numa importante luta, que gera a dinâmica total da interpretação. A hermenêutica começa onde o diálogo acaba.*” (RICOEUR, 2000, p. 43).

Em decorrência, podemos afirmar que, na medida em que adentramos em um texto, além de entendermos seu significado, sempre introduzimos mais interpretações. E é isto que enriquece o mundo, e abrindo mais caminhos para outros projetos. Aqui, Ricoeur (2000, p. 49) retoma Heidegger: “*o que primeiro entendemos num discurso não é outra pessoa, mas um ‘projeto’, isto é, o esboço de um novo modo de estar-no-mundo.*”

Uma vez fixado pela escrita, o texto está sempre à espera de leitores, aberto para a sua leitura e para novas interpretações; torna-se autônomo, como

alguém ou algo que se separou de seu autor. Está desvinculado de sua origem. Para Ricoeur, está claro que o texto não é apenas um meio de comunicação, mas possui aspectos importantes, resultando que é o *“paradigma do distanciamento na comunicação. Por esta razão, revela um caráter fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, que ela é uma comunicação na e pela distância.”* (RICOEUR, 1990, p. 44).

Por ser autônomo, o texto não depende mais de seu autor. Este já lhe deu *“vida própria”* no momento em que dele se separou. Dessa maneira, no transcorrer do curso de vida, *“o escrito conserva o discurso e faz dele um arquivo disponível para a memória individual e coletiva”* (RICOEUR, 1989, p.143). Assim, o texto interessa mais de que o seu autor, de tal forma que para Ricoeur, em relação ao texto, o interessante é que o leitor simplesmente o compreenda, pois mesmo o autor, depois de ter produzido sua obra, tem outras ideias a respeito do seu próprio texto. Estabelece-se deste jeito que o desafio da hermenêutica é simplesmente compreender o texto como tal, ou mais precisamente, as possibilidades de ser que dele emergem.

Em consonância com Ricoeur podemos perceber que a Hermenêutica tem a ver com textos simbólicos de múltiplos significados e, por isso, os discursos textuais podem configurar uma unidade semântica que tem – como os mitos – um sentido mais profundo. A Hermenêutica seria o sistema pelo qual o significado se revelaria, para além do conteúdo manifesto e o desafio hermenêutico é o de tematizar reflexivamente a realidade que está por detrás da linguagem humana.

Considerando os epitáfios como textos que têm autoria e que, por isso, encarnam significados e emoções, a compreensão dos mesmos pode ser explicitada através da interpretação. Reconhecer as inúmeras formas de dizer-se do ser, em diálogo com a voz do pesquisador, implica adotar uma postura de abertura e entendimento que privilegia perceber sentidos e significados para a perda e a morte, para o luto e a dor. De tal modo, em confluência com Kublikowski (2001, p. 84) a pesquisa qualitativa, que se faz suporte para a nossa análise, recorre à hermenêutica, em busca de subjetividades, permitindo construir uma ponte entre a palavra – a memória, o sentimento e o luto. No próximo capítulo, procederemos uma explanação mais detalhada do gênero textual epitáfio, visando apresentar as suas principais características.

## CAPÍTULO IV

### PALAVRAS PARA O MORRER: O GÊNERO EPITÁFIO

Ensina Marcuschi (2008, p. 195) que “*gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais*”. Como produtos históricos-sociais são sujeitos a uma constante influência da motivação social que os fez surgir e estão em constante processo de mudança.

Nos estudos dos gêneros, dentro de uma perspectiva literária, a obra *Quoting Death in early modern English: the poetics of epitaphs beyond the tomb* (2009), do inglês Scott L. Newstock é pioneira no que se refere a investigação dos epitáfios e sua interpretação dentro de um contexto bastante variado.

Quando perdemos um ente querido, temos necessidade de fazer um tributo de nossa condolência, homenageando-o. “*Imaginariamente, nos colocamos em su lugar y pensamos que ningún amor ni simpatía podrán confortar al difunto, con*

*excepción, quizá, de su reconocimiento en la memoria colectiva de la generación actual o de las venideras*” (MALISHEV, 2002, p. 52). Emerge, neste momento, um desejo de realizar um reconhecimento póstumo que vem à tona como um único remédio para salvar os que morreram do esquecimento absoluto. Ansiamos “*salvá-los*” em nossa memória. De modo igual, a angústia perante o fim atormenta o ser humano que, em algum momento de sua história, se pergunta sobre o seu desaparecimento. Talvez, por isso, durante milênios, a humanidade tenha elaborado inúmeras maneiras de reconhecimento para com os seus entes queridos que morreram.

É assim que vamos encontrar, no culto aos mortos, o consolo pela memória histórica, a retratação artística, o orgulho pela glória e santidade, bem como a identificação dos descendentes. Esta é uma maneira de aprender a lidar com a realidade da morte e de tentar também prolongar a existência humana. A morte como a vida em um significado que vai além da dimensão biológica, na medida que tentamos simbolizá-la, perpetuando a memória daqueles que morreram. Esse registro simbólico se opõe ao desaparecimento, esquecimento, solidão, insensibilidade, incomunicabilidade, esterilidade, indiferença (MALISHEV, 2002, p. 53). Na expressão de Castoriadis (1998), este registro simbólico pode ser chamado de “*significação imaginária social*”.

Destarte, podemos compreender os cemitérios como moradas dos símbolos. As se desvincularem, como vimos, do interior das igrejas, por questões relacionadas ao sanitarismo e à falta de espaço, eles levaram consigo uma parte do mobiliário da igreja. Por isso, neles encontramos de forma abundante uma iconografia religiosa e uma “*mística eclesial*” que evoca o sagrado e faz dele um “*campo santo*”. Ainda que historicamente a separação do espaço do cemitério com o espaço da igreja só tenha acontecido a partir do século XIX, os cemitérios continuaram a ser construídos ao redor delas, tornando “*quase osmótica esta relação*”, como aponta Oliveira (2009). Assim, ao sair para a periferia, “*a morada dos mortos*” trouxe consigo as imagens dos santos e dos anjos, e a envolvente iconografia religiosa católica. Igualmente o cemitério passou a ser também um lugar “*devocional*” marcado pela simbologia da fé.

A linguagem, em todas as suas formas de manifestar, garante para si a propriedade de distanciar-se do real para que algo possa ser simbolizado. Sua condição de existência é a própria ausência e a palavra é uma presença feita de

ausência. Oliveira (2009) ao falar disso, apresenta o seguinte exemplo que se encontra descrito na obra freudiana *Além do Princípio de Prazer* (1920): uma criança sentindo falta de sua mãe permite a simbolização dessa falta com uma brincadeira infantil que utiliza um carretel, que aparece e desaparece, permitindo que a criança trabalhe a ausência real da mãe pela utilização do símbolo. É como se a utilização das palavras proporcionasse uma mediação com a realidade, colocando o signo em movimento. No dizer de Morin, “*com a palavra (signo) o homem antropomorfiza a natureza: ele lhe atribui determinações humanas, e as recorta em coisas.*” (1997, p. 94).

O homem diante da morte utilizou-se de vários artifícios para lidar com essa realidade, nem sempre aceita facilmente e, entretanto, inevitável. Através da palavra escrita ele buscou um significado para a sua dor. Para cultuar os seus mortos, ele se utilizou dos ícones e das imagens para fazer prevalecer a memória, ergueu monumentos para perpetuar no tempo os seus mortos. A palavra monumento tem origem na língua latina, do verbo *monere*, que traduz a ideia de “*fazer recordar*”, lembrar. O *monumentum* “*é um sinal do passado*” (LE GOFF, 2003). Deste modo, o monumento funerário se situa dentro de uma perspectiva paradoxal, na medida em que ele é um atestado de morte e um desejo de perpetuação na vida pela memória. Tal como os monumentos de guerra que celebram a morte em combate e permanecem como uma reivindicação de recordação.

Dentro do caráter monumental instalador da memória, a inserção simbólica mais expressiva para assegurar a individualidade *pos mortem* é a criação de locais como os cemitérios que possuem o objetivo de reverenciar a memória do morto. Se a morte conduz ao não-ser, é pela representação simbólica que, ligada à lembrança, podemos obter a garantia de uma plenitude de vida póstuma. Assim, os cemitérios se tornam propícios para os monumentos que, associados à arte e à religião, constituem a história viva de um povo e de uma comunidade. É como se nele houvesse “*em céu aberto*” um mapeamento cronológico marcadamente histórico que se mostra no discurso epigráfico e iconográfico das lápides que se espelham entre os jazigos e os túmulos. Datas, nomes e mensagens. Palavras que têm em si a intenção de serem atemporais. Palavras geradas pela dor e pela angústia da morte. Palavras ditas como compensação do que não foi dito em vida para o morto. Palavras de desespero e de esperança. Palavras de desabafo. Palavras que revelam desejos e idealizações.

As inscrições funerárias estão, de acordo com Gagnebin (2006) entre a memória, a escrita e a morte e, na concepção de Le Goff, “a pedra e o mármore servem de suporte a uma sobrecarga memorialística” (2003, p. 428). Tal suporte apresentava um caráter de publicidade insistente, apontando na ostentação e duração da memória lapidar e marmórea. Os epitáfios, talvez por isso, sempre apresentavam a inscrição in memoriam, como que a evocar algo que o tempo não pudesse destruir.

A palavra epitáfio, *Epitáfios* (do grego antigo **ἔπιτάφιος** [epitáfios], “sobre a tumba”), tem a sua origem na junção de dois radicais gregos: *epi* (sobre, em cima) e *taphos* (tumba, túmulo) são frases escritas sobre túmulos, mausoléus e campos cemiteriais para homenagear pessoas ali sepultadas. Normalmente, os dizeres são colocados em placas de metal ou pedras, identificando o lugar onde um morto foi sepultado (CUNHA, 1986). Em sua estrutura podemos ainda salientar que este gênero textual pode ser composto com textos curtos, em versos ou em prosa, homenageando a pessoa que morreu ou também meditando ou até questionando a vida; ou também transmitindo uma palavra de esperança ou de fé. Têm composição multiforme e variada: um poema, um verso de uma música, um trecho de obra literária, frases escritas em primeira ou terceira pessoa (SANTOS, ROCHA, OLIVEIRA).

O epitáfio, como gênero *post mortem* tem a intenção de integrar o morto em um novo lugar social, vinculando a sua memória à posteridade. De acordo com Santana (2011, p.42), o epitáfio, em sua forma estrutural, tem por finalidade atingir os seguintes objetivos: chamar a atenção para a existência de um corpo, que não é precisamente o mesmo (aquele que era atuante na vida social); convencer, por meio do enaltecimento acerca da pessoa de quem se fala, de que as virtudes sobressaem-se na morte; provocar uma meditação sobre a finitude da vida e a mortalidade humana e compartilhar o luto dos sobreviventes com outros membros da comunidade à qual pertence o morto.

Podemos afirmar que o surgimento do epitáfio situa-se na Idade Antiga como maneira de exaltação aos nobres, heróis e religiosos por ocasião da sua morte.

Os historiadores ressaltam que os primeiros epitáfios tiveram origem no Egito e que tinham uma certa uniformidade em sua composição: começavam por uma prece invocando uma divindade, usualmente Osíris ou Anúbis, em seguida se colocava o nome do falecido com a sua ascendência e títulos. Os egípcios tinham o

costume de gravar nos sarcófagos informações biográficas que podiam notificar uma oração aos deuses para proteção do cadáver ou certa veneração pelos mortos.

Na época Clássica (Greco-romana), os escritores do período acrescentaram ao epitáfio um valor literário com o panegírico dos defuntos em forma de verso e mais tarde em forma de prosa. De acordo com Santana (2011), alguns poetas gregos de epigramas são Leonidas de Tarento, Luciano de Samósata e Antípatros de Sídon. Além de epitáfios a grandes vultos, como Homero, há poemas notáveis de autores anônimos a gente pobre e do povo. A partir desse momento, o epitáfio aproximou-se do epigrama, da elegia e do pranto. Essa forma de epitáfio podia incluir uma prece aos deuses, não só para proteção das almas, mas eventualmente para avisar os vivos, caso se referisse a um indivíduo amaldiçoado.

Os romanos, na elaboração dos epitáfios, não se preocupavam como os gregos com a expressão literária, mas apenas colocavam o nome da pessoa falecida e os fatos ligados à história da vida dessa pessoa. Utilizavam, usualmente, das expressões “*Siste viator*” (“*Detém-te, viajante*”) ou “*Aspice, viator*” (“*Olha, viajante*”). O uso da palavra escrita era de tal modo comum que até para as sepulturas dos escravos eram dadas inscrições. Um dos epitáfios romanos mais conhecidos foi aquele elaborado de maneira satírica para a cruz de Cristo: *Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus). Uma das formas epitáficas mais generalizadas era *Sit Tibi Levis* (“*Que a terra te seja leve*”), quase sempre representada pelas letras iniciais: STL. Na sociedade romana a preocupação com a elaboração dos epitáfios estava ligada a um desejo de se manter presente no mundo dos vivos, ainda que depois de morto. Esta preocupação pode ser visibilizada dentro do caráter testamentário.

Na Idade Média, ainda que esta fase tenha como característica a forte tradição oral, o epitáfio fez-se presente na forma oracional ou biográfica e escrito em Língua Latina. Entretanto, na Idade Moderna, o epitáfio ganhou um caráter estereotipado, quando a terminologia “*aqui jaz*” se fez homogênea, ao buscar identificar o local onde o indivíduo foi sepultado. O uso do epitáfio se fez exacerbado no período oitocentista, em que para além dos textos identificatórios, vamos encontrar composições textuais mais longas, em que predominam os elogios e as orações, por vezes marcadas por uma retórica eloquente em que a verve romântica ajunta as palavras. Já, no século seguinte, os epitáfios eram construídos de maneira breve e

concisa, evidenciando um sentimento de amortização e também de desprendimento à morte e ao luto (ARIÈS, 1982).

Como todo gênero é suscetível às transformações do tempo, não podia ser diferente com o epitáfio que era *“um breve elogio ao morto”* e evoluiu de um breve epigrama para uma elegia (poema consagrado ao luto e à tristeza) para uma breve mensagem contendo a biografia do falecido, isto é, nome, data de nascimento marcado pela estrela (\*) e de morte marcado pela cruz (+). Enquanto alguns são expostos como as últimas palavras do defunto ou *“um canto”* oriundo dos amigos ou entes queridos, outros contêm apenas pequenos trechos bíblicos. Sabemos que entretanto, mesmo sujeito às mudanças, ele jamais perdeu a sua importância e funcionalidade, já que a sua função primordial sempre foi a de representar simbolicamente um ator social de determinada época e contexto, trazendo visibilidade para o caráter representativo de um grupo social dentro de um período histórico.

Os poetas e literatos encontram nas palavras uma forma de expressão da alma e a arte se torna manifestação dos anseios e inquietações humanas. *“En cuanto sujetos, todos estamos animados por pulsiones, deseos, fantasmas. Lo único que difere es la capacidad de expresarlos”* (RAIMBAULT, 1997, P. 9). Consequentemente, o luto se transforma em oportunidade de criação e na arte a vida se reconcilia com a morte.

Em a *Câmara Clara* (1980), o filósofo francês Roland Barthes escreveu uma belíssima obra sobre a fotografia cuja motivação maior se deu pelo encontro de uma fotografia de sua mãe já falecida. Jean Allouch, psiquiatra francês, escreveu a *Erótica do Luto* em *Tempos de Morte Seca* (1996) depois que perdeu a sua filhinha. Na expressão de Raimbault, *“Luto, morte são sinônimos de perda e ruptura de um vínculo. Esta perda pode ser fermento para gerar uma criação artística, literária, musical, científica conforme os dons do sujeito envolvido”* (1997, p. 9). É assim que o luto leva à arte e à escrita, promovendo um estranhamento da realidade, e fazendo confluir os pressupostos da Arte nas mobilizações simbólicas que conduzem ao ato de escrever, tornando a escrita intimamente relacionada com a memória e a morte.

Rainer Maria Rilke (2009) escreveu que, nos derradeiros anos de sua vida, tivera que aprender sobre muitas experiências íntimas da morte, *“mas a cada pessoa arrancada de mim, as tarefas ao meu redor só aumentaram”* e que, como poeta, não se deve fazer da desgraça uma amante, mas *“transferir toda a aflição e*

*toda a felicidade para a obra*". O poeta diz que ninguém deve consolar-se pela perda de alguém querido mas sim, "*experimentar a peculiaridade, e a unicidade justamente dessa perda, e o seu efeito dentro da vida*". E prossegue dizendo que "*deveríamos adotar a nobre avidez de enriquecer o nosso mundo interior precisamente com essa perda, com o seu significado e o seu peso...*". E o conhecido escritor brasileiro Rubem Alves interroga:

Que sabedoria nos ensina a morte? É simples. Ela só diz duas coisas. Primeiro, aponta-nos o crepúsculo, a chama da vela, o rio, e nos diz: *Tempus fugit* – o tempo passa e não há forma de segurá-lo. E, logo a seguir, conclui: *Carpe diem* – colha o dia como quem colhe um fruto delicioso, pois esse fruto é a dádiva de Deus. Os poetas e artistas têm sabido sempre disso. Porque a arte é isso, pegar o eterno que cintila por um instante no rio do tempo (2012, p. 90).

Constata-se, assim, que a escrita está intimamente relacionada à memória e à morte, já que o luto não apenas promove um estranhamento da realidade, mas mobiliza as representações simbólicas, sobretudo no ato de escrever. Por isso, a palavra *afeto* exerce um papel importante nessa pesquisa, por ser fundadora de inúmeros elementos estruturais que sustentam a tarefa memorial conferida à escrita dos epitáfios. O afeto ao falecido e a ligação dos seus entes queridos com ele, bem como a forma com que morreu e também ao legado moral e espiritual que deixou produzirá, em maior ou menor escala, a memória deste. Constatamos que, quanto mais amada e mais bem relacionada for a pessoa falecida, maior será a importância conferida às palavras e à mensagem que a representa. As palavras contêm uma carga afetiva que ajudará no processo do luto, na tentativa de ocupar o vazio que o morto deixou na vida dos seus entes-queridos ou da comunidade que conviveu com ele. As palavras tornam-se significativas para que a lembrança dele seja perpetuada.

Nas palavras emerge uma lembrança dos familiares do morto e, a cada novo olhar, uma lembrança reatualizada por parte dos familiares, fazendo com que o falecido seja representado de diversas maneiras, a partir da consciência da realidade presente. Por conseguinte, as palavras cumprem nos epitáfios uma função memorial, na medida em que, a partir da lembrança do finado, elas evocam a sua vida e tudo o que ele representa afetivamente na memória dos seus entes queridos.

A função da recordação do ausente pelas palavras é criar coerência e perpetuar o sentimento de pertencimento, exorcizando a finitude do ser humano em geral e também do próprio eu. Como se verifica, se a memória é instância construtora

e solidificadora de identidades, a sua expressão coletiva também atua como instrumento e objeto de poder, quer mediante a seleção do que se recorda, quer do que, consciente ou inconscientemente, se silencia (CATROGA, 2001, p.55).

Essa estreita relação entre memória, identificação, filiação e distinção conduz a uma memória impregnada de afetos, pois é uma memória de família. Sendo assim, pode-se chamar de memória afetiva, que para David Lowenthal (1998) “é a mais difícil de se esquecer, pois trabalha, quase sempre, com fatos de intensa carga emocional e singular”.

Dessarte, podemos afirmar que a função do signo funerário é a de ser metáfora do corpo, como que num processo de imaginário que se manifesta como recusa da morte e objetivação dos desejos compensadores de sobrevivência nascidos da condição humana que exige “*um desejo de eternidade*” para equilibrar-se. É como se, diante do incompreensível que resulta da morte, nascesse, pela memória um gesto de compensação, já que pela morte do outro podemos antever também a nossa morte. E na recordação do finado e na forma como a representamos, vemos também a nossa morte futura, nossos medos, nossos anseios e nossos questionamentos.

O signo funerário refere-se ao túmulo. A função do túmulo é a de ser devoradora do cadáver. Segundo a etimologia popular, esta palavra teria origem na inscrição latina *Caro Data Vermibus* (“*carne dada aos vermes*”). Logo, o túmulo pode ser compreendido segundo uma perspectiva totalizante que conjuga e articula uma dupla dimensão: a invisível (em seu interior) e a visível (que pode ser contemplada). A primeira tem a função de esconder o trabalho de higienização da inevitável corrupção do corpo humano; a segunda, é semiótica e atua também com a finalidade de esconder o cadáver, possibilitando a perpetuação da memória do falecido através de signos que possibilitem essa representação. Essas duas dimensões articulam uma linguagem cemiterial que remete a uma poética da ausência. Como ressalta Catroga: “*uma dimensão veritativa ao ausente*” (2012, p.168).

A maneira como a família elabora o luto de um familiar acontece dentro de um movimento simbólico em que o sentido criado pelas celebrações memoriais evoca um sentimento de comunhão e pertença em que a socialização do grupo é fecundada pela identificação e filiação dos seus membros. É como se a linha da memória fosse costurando e unindo as partes do tempo pretérito ao presente e ao futuro. De tal modo que até a ideia de irreversibilidade da morte e do fim seja inserida na possibilidade da fé numa “*filiação escatológica*” que perpassa as gerações, num

claro desejo de sobrevivência na e pela memória dos antepassados. Na visão de Ricoeur, *“a memória individual e a memória coletiva se amalgamam e recordar é em si mesmo um ato que conduz à alteridade, já que a exigência de fidelidade ao outro faz com que se apele sempre para as recordações do que foi vivido em comum”* (2012, p.9).

Assim sendo, neste capítulo, vimos que, no estabelecimento do signo funerário, o simbólico se instaura de maneira soberana sobre o real, visto que sem a demarcação simbólica não há morte. É assim que, pela instituição do simbólico, através das imagens ou palavras, ocorre a demarcação de um fim, a cessação da vida. Outrossim, a preocupação de enterrar os mortos e de tecer homenagens a eles testemunha o advento da civilização, deixando bem clara a importância do domínio simbólico sobre a morte, de tal maneira que é como se o ser humano na não aceitação do fim instituísse o simbólico para amenizar o impacto da morte sobre a realidade. Na **parte III** – O chão, ansiamos apresentar o corpus selecionado, procedendo uma análise hermenêutico-interpretativo, tendo como base o arcabouço teórico apresentado e as ideias arroladas. Por isso, de modo sucinto, no **Capítulo V**, caracterizamos os cemitérios de São João Del Rei, de onde foram colhidos os epitáfios analisados.

### PARTE III – O CHÃO

*E nada vibrou...  
Não se ouviu nada...  
Nada...*

*Mas o cristal nunca mais deu o mesmo som.*

*Cala, amigo...  
Cuidado, amiga...  
Uma palavra só  
Pode tudo perder para sempre...*

*E é tão puro o silêncio agora!*

## CAPÍTULO V

### CEMITÉRIOS DE SÃO JOÃO DEL REI

Na parte II deste trabalho, vimos a importância da palavra no que se refere à memória e ao sentimento em relação à morte e os principais aspectos motivacionais que se ligam à importância do gênero textual epitáfio. Nesta parte, nomeada de “O *chão*”, inicialmente desejamos caracterizar o contexto cultural da cidade de São João Del Rei – MG, onde foram colhidos os epitáfios que apresentamos.

São João Del Rei é uma das cidades mais antigas de Minas Gerais e sua origem pertence ao ciclo do ouro e da mineração. A região que conhecemos pelo nome de Minas Gerais permaneceu desabitada de “*cristãos*” até finais do século XVII e a descoberta do ouro e dos diamantes contribuiu decisivamente para o crescimento da região. Logo, o aparecimento das muitas “*minas*” patrocinou o topônimo Minas Gerais.

De acordo com Carvalho (2012, p.75), o surgimento do Estado de Minas decorreu sob o signo da mineração. A busca pelas pedras e metais preciosos fez acontecer o devassamento do seu território desde o século XVI. Entretanto, com o tempo e a escassez do ouro e a crise da mineração, o título de “*Minas Gerais*” tornou-se mais adequado pela generalidade dos minerais do que pela quantidade das minas de ouro. A mineração foi predominante até cerca de 1770. Posteriormente, a

economia firmou-se com base na agricultura e na indústria. De acordo com os historiadores, os primeiros aglomerados humanos que deram origem aos arraiais e depois às vilas mineiras, inicialmente localizavam-se nas bordas dos ribeiros onde era explorado o ouro de aluvião. Depois, após o esgotamento desse tipo de ouro, passou-se à busca do ouro dos barrancos e aos veios subterrâneos. Nessa fase foi que começaram a surgir aglomerados humanos nas encostas das montanhas. Por isso, em Minas Gerais, algumas das mais típicas cidades de montanha são justamente aquelas que se criaram em torno de arraiais de extração do ouro. É por isso que as vilas e cidades que se originaram nessa época situam-se em vales profundos, junto aos rios e córregos, onde o ouro se misturava ao cascalho e à areia, rodeadas de paredes montanhosas.

Em consonância com Fonseca (2003) foi no ano de 1710, no rastro da pacificação emboaba, que a Coroa criou a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro e dividiu a área do sertão de Cataguases em duas Comarcas: a do Ouro Preto, com sede em Vila Rica e a do Rio das Velhas (Sabará), com seus Ouvidores-gerais. Mais tarde, pelos idos de 1711 a 1720, foram criadas as primeiras Vilas e mais duas Comarcas, a do Rio das Mortes (São João d'El Rei) e a do Serro Frio, sediada na Vila do Príncipe (hoje Serro).

O objetivo maior da criação das vilas e comarcas foi o de melhor ordenar e controlar a população das minas de ouro para evitar conflitos. A população assim organizada tornava a vigilância da Coroa mais atuante e possibilitava a aplicação eficaz de medidas punitivas quando estas se fizessem necessárias. A sociedade que se formou em Minas Gerais compunha-se de um grande número de escravos, um tanto de homens livres e pobres, geralmente pardos e uma pequena classe dominante branca constituída de portugueses, que ocupava os melhores cargos.

Neste contexto, o surgimento da Arraial de São João Del Rei, se liga aos fins do século XVII, quando Tomé Portes del Rei, procedente de Taubaté, passou a morar numa localidade às margens do rio da Mortes. Este lugar por ser passagem de todas as embarcações passou a identificado pelo nome de "*Porto Real*". A ele, desde 1701, havia sido conferido o direito de cobrança de passagem no rio das Mortes. Sucedeu-o seu genro Antônio Garcia da Cunha. Até 1703, a importância do povoado decorria de sua situação como ponto de ligação com os Sertões do Caeté e a região das minas do Carmo, Ouro Preto e Sabará.

De 1703 a 1704, o português Manuel João de Barcelos descobriu, nas fraldas dos montes, ricas manchas de ouro e os paulistas Pedro do Rosário e Lourenço da Costa iniciaram ali os trabalhos de faiscação. Forasteiros e aventureiros começaram a afluir para o local. E nas encostas do Morro da Forca, erigiram os paulistas a primeira igreja, consagrada a Nossa Senhora do Pilar. Assim, por sua posição geográfica e pela sua riqueza aurífera, surgiu o Arraial do Rio das Mortes que deu origem à cidade e foi fundado entre 1704 e 1705.

Em 8 de dezembro de 1713 o arraial alcançou foros de vila com o nome de São João Del-Rei, clara homenagem a D. João V. Em 1714 passou a ser a sede da recém criada Comarca do Rio das Mortes. O ouro, a pecuária e a agricultura permitiram o desenvolvimento e progresso da vila, elevada à categoria de cidade a 8 de dezembro de 1838.

Em Minas Gerais, conseqüentemente, junto com as cidades dos vivos foram surgindo também as *“cidade dos mortos”* e há até quem diga que, em Minas Gerais, foram as *“cidades dos mortos”*, ou seja, os cemitérios, que fizeram surgir muitas cidades. *“Isso porque o sepultamento de um membro da família levava à fixação humana naquele local, e assim facilitava a prestação do culto aos antepassados”* (RIBEIRO, 2006, p. 35).

Conforme Barbosa (1971, p.25), os cemitérios além de oferecer pistas para o surgimento das cidades mineiras também são fontes históricas que atestam os primeiros sepultamentos cristãos ocorridos, já que os sesmeiros, com suas famílias, em pleno *“deserto”*, como costumavam dizer, em seus documentos, sentiam necessidade de assistência espiritual, fazendo surgir assim, as ermidas, as capelas e a Aplicação. A ermida era uma capela particular construída por um fazendeiro. Ela tinha que ter a licença do bispo para ser erguida e esta licença devia ser renovada periodicamente. Já a capela era pública, e para a sua construção era necessário a doação de um patrimônio que se constituía de uma porção de terras doadas ao santo de devoção de quem tomava a iniciativa. Ao redor da capela surgiam as casas, uma venda e, aos poucos, formava-se um povoado. Essa capela passava, então, a ser *“curada”* e tornava-se uma Aplicação. Esta era uma capela que tinha um cura ou capelão. E os *“fregueses”* (membros daquela freguesia) eram os aplicados. Assim, a capela ou igreja tornava-se o centro das principais celebrações da fé cristã e também da vida social, lugar de encontro aos domingos e festas religiosas. Por isso, grande parte das cidades mineiras surgiram desta maneira: ao redor das capelas e igrejas.

Por conseguinte, ao lado, ou no interior das igrejas, edificavam-se os cemitérios que eram “*sumamente*” necessários para qualquer povoação, já que ninguém podia ficar sem “*um lugar digno*”. Ninguém devia morrer, como ressalta Lima Júnior (1965, p.153), como “*cachorro*” ou ser “*atirado em um lugar qualquer*” como “*herege, mouro ou judeu*”. Destaca-se, fundamentalmente, nas Minas do Ouro, o papel das Confrarias e Irmandades que muito colaboraram para a fundação e criação dos cemitérios.

## **5.1 Irmandades e Confrarias: assistindo aos homens na vida e na morte**

Na sociedade colonial brasileira as associações leigas – Irmandades de Caridade e Confrarias Laicas da Misericórdia – foram muito importantes e prestigiadas. Estas nasceram como instituições basilares nas Colônias Portuguesas tendo como modelos as existentes na Metrópole. Havia nestas associações um processo seletivo rigoroso em que se privilegiava o ingresso dos brancos de ascendência portuguesa e os católicos, no claro desejo de fazer gerar e perpetuar uma elite colonial. Explica Nascimento (1999, p. 44) que: “*A Câmara e as irmandades leigas, como parte de um sistema social inclusivo, altamente hierquizado e excludente, tinham seu caráter elitista preservado pela investigação minuciosa dos antecedentes sociais, étnicos, morais e religiosos de seus membros*”. Entretanto, as Irmandades revelam também o vínculo religioso desta sociedade e a sua natureza sacral, em que são tênues as diferenciações entre o público e o privado e entre o sagrado e o profano.

Os princípios que orientavam a ação destas irmandades e confrarias se fundamentavam nas *14 obras de misericórdia de Santo Tomás de Aquino*. Conforme Wernet (1992), estas, se subdividem em espirituais e corporais. As primeiras incluíam o ensino aos simples; o bom conselho; o castigo aos que erram; o consolo aos tristes; o perdão aos que falham; o sofrimento das injúrias com paciência e a oração para os vivos e os mortos. As segundas, consistiam em: dar de comer aos famintos; dar de beber aos sedentos; vestir os nus; curar os enfermos; resgatar os cativos e visitar os presos; acolher os peregrinos e enterrar os mortos.

As irmandades leigas nas colônias portuguesas e espanholas tiveram atuação diversificada, com objetivos devocionais e filantrópicos variados. Entretanto, elas se destacaram de maneira hegemônica na promoção de obras de impacto social. Desta maneira, podemos observar que a Coroa Portuguesa conferiu a elas um grande poder administrativo no que se refere ao ultramar, tornando-as responsáveis por atribuições próprias da Coroa, tais como a construção e manutenção das igrejas, o patrocínio das procissões e festas religiosas, a administração dos hospitais, asilos e cemitérios. É assim que as classes mais pobres vão encontrar apoio de ordem espiritual e material nestas associações. E, de uma maneira um tanto clara, podemos observar que os conflitos inerentes a uma sociedade multirracial e fortemente hierarquizada, foram minimizados pela ação unificadora das irmandades, que foram utilizadas como eficientes instrumentos de controle e de integração sociais.

Na análise histórica de Boschi (1986, p. 59): a primazia do laicato, no catolicismo implantado no Brasil, foi consequência de dois fatores principais: precariedade dos processos de evangelização, resultante do distanciamento das hierarquias eclesásticas – instaladas no litoral, em conventos, seminários e mosteiros – e do impedimento da entrada de ordens religiosas, no interior da Colônia, por determinação régia. As irmandades substituíram, em grande parte, o Clero e o Estado, em suas áreas de competência. Ao primeiro subtraiu a ação evangelizadora; ao segundo, a manutenção do culto – como contrapartida aos dízimos coletados – e a assistência social. Finalmente, evitou ou postergou o embate direto do clero contra a instituição do Padroado Real, na medida em que tomou para si as responsabilidades da Coroa em relação à Igreja.

Poucas irmandades, com o passar do tempo e as mudanças ocorridas, conseguiram se manter atuantes e independentes. É o caso da Irmandade da Misericórdia, que se mantém até hoje, em função de sua natureza essencialmente filantrópica e social e também pelo seu papel assistencial junto à rede médico-hospitalar, gozando de plena autonomia. Sobreviveram também, talvez pela condição abastada de seus confrades e pelo apoio à Igreja, as irmandades ligadas às Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco, bem como a do Santíssimo Sacramento. Uma irmandade ligada às classes menos favorecidas que sobreviveu aos dias de hoje é a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada em 1711.

O sentimento coletivista dos Setecentos torna-se nítido na sociedade mineira, embora sob a divisão de raças e classes. A Ordem do Carmo é indicada por

historiadores modernos como a Ordem dos Homens Ricos, tanto em Vila Rica como noutras vilas.

Em Portugal e, depois no Brasil, existiram também as irmandades das chamadas “*raças exóticas*”, mouros, negros e índios, tais como a de Nossa Senhora do Rosário, para os negros e a de São Tomé, para os índios, que eram utilizadas pela Coroa como instrumento de integração social. Os negros expandiram suas irmandades, adotando como oragos: São Benedito, Santa Ifigênia, São Jorge, São Gonçalo e Nossa Senhora do Rosário, a mais difundida. Segundo Boxer (1969, p.281), estas confrarias representaram para as classes humilhadas e desprezadas uma fonte de apoio e conforto mútuos e uma possibilidade de sobrevivência cultural para os negros face à dominação do colonizador branco.

Quase todos os cemitérios das irmandades Mineiras são da terceira e quarta década do século passado (VALLADARES, 1972, p. 149). Alguns historiadores<sup>8</sup> mencionam uma certa unidade arquitetônica que possibilita aproximar estas construções cemiteriais da civilização mediterrânea antiga, quando os muros eram erigidos para os sarcófagos nas catacumbas primitivas.

### Imagem 01 – Cemitério do Carmo



<sup>8</sup> Estes historiadores são: TRINDADE, Cônego Raymundo. Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana. Rio de Janeiro: SPHAN, p. 378, 1945; VASCONCELOS, Sylvio de. A Arquitetura Colonial Mineira. 1º Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte: UFMG, 1951; PASSOS, Zoroastro Vianna. Em torno da História de Sabará. Publ. SPHAN. Rio de Janeiro: MEC, n. 5, 1940.

**Fonte:** Foto do Cemitério do Carmo – São João Del Rei-MG., tirada pelo autor.

Em São João Del Rei, visitamos os cemitérios ligados a essas irmandades para coletar os epitáfios apresentados neste trabalho. Visitamos o **Cemitério do Carmo**, fundado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Este é um dos raros cemitérios antigos do país que possui cobertura. O extremo cuidado com este cemitério deu origem ao jocoso comentário de que “a irmandade de Nossa Senhora do Carmo cuida bem melhor dos mortos do que dos vivos”. Este cemitério apresenta uma planta quadrangular, semelhante aos cemitérios espanhóis (OLIVEIRA, 1998, p. 109), com área de 321, 18m<sup>2</sup> e está localizado do lado esquerdo da Igreja do Carmo, mantendo as proporções e características primitivas de sua construção; sistema de muros fechados para carneiras longitudinais e quadras centrais destinadas a catacumbas (sepulturas)<sup>9</sup> com campas<sup>10</sup>. Foi tombado pelo IPHAN<sup>11</sup>.

Este cemitério difere dos outros cemitérios mineiros por ser construído em galerias arqueadas cobertas por telheiros em dois claustros. As galerias são utilizadas para ossuários, comportando exemplos de estatuária em mármore importado, da arte tumulária do século XIX. Suas catacumbas encontram-se em pleno uso. Tem um portão requintado e trabalhado com rica serralheria. O ático é de arco abatido com desenhos em relevos de jarros e flores aparentemente esculpidas em pedra. O portão de ferro destaca-se como uma grade de sacrário, com desenhos rendilhados em dez molduras de arabesco, tendo em cada seis rosetas interligadas.

<sup>9</sup> Catacumbas: conhecidas como os mais antigos reagrupamentos sepulcrais da cristandade, são formadas por criptas subterrâneas e colocadas em antigas covas abandonadas. Localizadas ao longo das galerias estreitas e sinuosas, eram dispostas pela altura da parede. Em Minas Gerais, ficou sendo o tipo de cemitério erigido fora do corpo da igreja, de muro alto de alvenaria, com espessura de mais de um metro e com carneiros longitudinais geralmente em três e quatro pisos. Para Valladares (1972, p. 123), as campas e catacumbas mineiras apareceram nos cemitérios das Ordens Terceiras, na primeira metade do século XIX, por determinação da carta Régia e muito antes da Lei Imperial para todo o país, em virtude das epidemias de febre amarela de 1850 e do cólera de 1855.

<sup>10</sup> Campas: em Minas Gerais eram as primitivas sepulturas dos recintos das igrejas. Eram de tabuado e sem inscrições.

<sup>11</sup> O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por preservar a diversidade das contribuições dos diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira e seus ecossistemas. Esta responsabilidade implica em preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações. (Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10&sigla=Institucional&retorno=paginaAlpha>)

A alegoria da morte constitui o ornato principal deste ático datado de 1836. Neste cemitério encontramos túmulos com ossuários, campos de chão e catacumbas e muitos escritos epigráficos de estilos variados.

**Imagem 02** – Cemitério de São Francisco de Assis



**Fonte:** Foto do Cemitério de São Francisco de Assis – São João Del Rei-MG., tirada pelo autor.

A construção do **Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Assis** foi requerida à sua Majestade o Rei Dom João VI em 1820, mas somente em 1829 foram demarcados os seus muros. Entretanto, consta, de acordo com Oliveira (1998, p. 127) que mesmo já tendo os seus muros erguidos em 1847, os enterramentos registrados se deram a partir de 1857. O cemitério possui planta retangular, sendo extremamente simétrico e contornado por altos muros com caixas

ossuárias nas laterais. Na parte mais antiga, há a construção dos mausoléus perpétuos e nas quadras superiores, junto à rua do meio e as primeiras fileiras de frente encontram-se as carneiras e nas outras ruas ou passagens, as carneiras de chão. Dos lados direito e esquerdo, ao fundo, encontram-se construídas as catacumbas, em boa parte demolidas para dar lugar aos jazigos perpétuos. No fundo e nos lados da capela, existem duas coberturas de telhas com uma estreita galeria que protege os ossuários perpétuos. Seu portão é largo, de ferro batido trabalhado, embutido numa construção de alvernaria em arco, tendo nas laterais gradil de ferro redondo com ponteiras. À esquerda do portão há uma placa que marca a visita do presidente francês François Mitterrand ao túmulo do presidente Trancredo de Almeida Neves (16/10/1985). Este cemitério possui dois velórios edificadas ao fundo da Igreja e é também tombado pelo IPHAN. Nele percebemos uma diversidade de tumulos monumentais e uma profusão de epitáfios que se espalham em quase todos os túmulos e lápides.

### **Imagem 03 – Cemitério das Mercês**



**Fonte:** Foto do Cemitério das Mercês – São João Del Rei-MG., tirada pelo autor.

O **Cemitério das Mercês** foi fundado pela Arconfraria de Nossa Senhora das Mercês. Construído ao lado da Igreja das Mercês e perto da Santa Casa de Misericórdia, este cemitério é monumental e bem espaçoso, com áreas para tumulos e galerias, sendo que na parte mais antiga e tradicional, existem mausoléus perpétuos e nas quadras superiores, encontram-se as carneiras e muitos túmulos construídos verticalmente, como que formando paredes dos lados direito e esquerdo. É um cemitério muito bem cuidado e nele encontramos uma grande variedade de escritos, de épocas diferentes.

#### Imagem 04 – Cemitério do Rosário



**Fonte:** Foto do Cemitério do Rosário – São João Del Rei-MG., tirada pelo autor.

Já o **Cemitério do Rosário** é um cemitério que tem duas entradas. Percebemos que, embora esteja sendo reformado, há um ar de abandono e os túmulos estão muito descuidados e alguns até em precárias condições. Entretanto, continua recebendo sepultamentos, ainda que toda a sua área esteja ocupada. O portão traz a data de fundação como o ano de 1952. Ele foi fundado e pertence às

seguintes Irmandades: Passos, São Miguel e Almas, Nossa Senhora da Boa Morte, Santíssimo Sacramento e Santo Antônio. Há um corredor de túmulos na entrada e, depois, pode-se entrar na parte mais antiga. Ao lado, dentro de um muro fechado está uma área destinada aos suicidas. Nele, pudemos coletar também interessantes mensagens.

### Imagem 05 – Cemitério de São Gonçalo



**Fonte:** Foto do Cemitério de São Gonçalo – São João Del Rei-MG., tirada pelo autor.

Por último estivemos visitando o **Cemitério de São Gonçalo** situado ao lado da igreja do mesmo santo. A Confraria de São Gonçalo Garcia, ao receber as terras de seu patrimônio na segunda metade do século XVIII, ergueu uma capela na margem do Córrego do Lenheiro. Era uma simples e sem torres que, em meados do século XIX, passou por uma série de reformas que alterou o seu aspecto original e a conclusão da igreja que vemos hoje está datada no ano de 1903. Ao seu lado, num

portão bem discreto, fica o cemitério que possui muitos túmulos. É um cemitério retangular que abriga muitas placas com mensagens variadas e de estilos diferentes.

Lembra Reis (2002, p. 190) que o local da sepultura era um aspecto importante da identidade do morto e falar do funeral incluía sempre dizer quem era o morto, quando tinha morrido e onde fora enterrado. Sem falar na convicção que havia e que temia a morte sem sepultura e que *“morror sem enterro era virar alma penada”*.

Em Minas, como em quase em todo o Brasil colonial, a igreja e o padre eram imprescindíveis para uma morte tranquila e confortada pelos sacramentos, com a encomendação do corpo e a sepultura garantida no recinto da igreja. No dizer de Reis (2002, p. 141), *“vivos e mortos faziam companhia uns aos outros”* nos velórios em casa, em seguida atravessavam juntos ruas familiares, os vivos enterravam os mortos em igrejas onde estes haviam sido batizados, tinham casado, confessado, assistido a missas e praticaram suas devoções.

As cidades das minas setecentistas, de modo particular São João Del Rei, refletem essa ligação com a Igreja Católica que vinculava o enterro dos mortos ao interior dos templos e ao redor dos mesmos. Sabemos que, até o início do século XIX, era comum a prática dos sepultamentos dentro das igrejas já que *“a igreja dava segurança contra o demônio”* (LIMA JÚNIOR, p.153). Sobre isso detalha Reis,

Ter uma cova dentro da igreja era também uma forma de os mortos manterem contato mais amíúde com os vivos, lembrando-lhes que rezassem pelas almas dos que se foram. E aqui a proximidade de casa era fundamental, uma vez que facilitaria a permanência do morto na memória da comunidade e dos vizinhos. Assim os mortos vieram a ocupar os mesmos templos que frequentavam em vida, onde haviam recebido o batismo e o matrimônio, e onde agora testemunhariam e influenciariam os negócios corriqueiros da comunidade – pois naquela época as igrejas serviam de recinto eleitoral, sala de aula, auditório para debates políticos e sessões de tribunal. Os vivos pisavam sobre as sepulturas enquanto ali participavam dessas atividades (2002, p. 125-126).

O recinto do templo (*ad sanctos*) e o seu entorno (*apud ecclesiam*) constituem a materialização da Jerusalém Celeste na terra, é a morada de Deus, o lugar da presença real. É assim que a mentalidade da época refletia e, de acordo com Arantes Campos (1994), a proximidade com o templo, na vida e na morte, é também hierarquizada, tanto do ponto de vista sagrado quanto social. Conforme a historiadora citada, em Minas, a partir da metade do século XIX, com a proibição de enterrar os mortos dentro das igrejas, houve a difusão dos carneiros, tidos como *“sepultura privilegiada”* que aboliram a proximidade dos mortos socialmente diferentes e

acabavam com o contato do cadáver com a terra. Isso se deu por razões religiosas e econômicas, como aponta Vieira (2007) quando lembra que “a secularização da morte significava um duro golpe nas finanças eclesiásticas, visto que com a proibição dos sepultamentos nas igrejas as rendas seriam subtraídas”. Entretanto, ainda que a proibição tivesse prevalecido, aos mortos foi dado o direito de um espaço sagrado, quando os cemitérios passaram a ser construídos ao lado das igrejas e templos e localizados no perímetro das cidades, como é o caso de São João Del Rei e de outras cidades históricas mineiras.

Em Minas Gerais, desde o século XIX, os cemitérios eram quase todos acoplados às igrejas e capelas e não e raramente eram cercados, o que muitas vezes facilitava as profanações (muitas vezes apontadas pelos escritos dos prelados nas visitas pastorais). Mesmo, posteriormente separados por muros e portões continuaram a ser lugares tidos como sagrados.

Nos cinco cemitérios visitados pudemos visibilizar a vinculação com o sagrado e também o poder da Igreja, pela construção ao lado dos templos e também pela disposição tumular e das lápides<sup>12</sup> jazigos e urnas ossuárias<sup>13</sup>. Pudemos perceber que, neles existe uma grande abundância de palavras e mensagens do gênero epigráfico, como em nenhuma outra cidade de Minas Gerais.

Podemos, portanto, intuir que a abundante utilização das palavras e das mensagens é um reflexo da “*cultura letrada*” que existiu nas minas auríferas e que até hoje tem ressonância. Além do mais, nos quatro cemitérios de São João Del Rei podemos perceber questões sociais que desvelam diferenças classiais que remontam às irmandades religiosas. Estas foram importantes para o surgimento destes cemitérios geminados aos templos católicos.

Todavia, o cemitério é, como vimos, um lugar onde predomina o mundo simbólico. Os túmulos, mausoléus, a arquitetura tumular em sua elaboração fazem emanar ideias, sentimentos e valores relacionados à morte e ao culto dos que

---

<sup>12</sup> Lápide: é a pedra que recobre a cova onde o corpo fora depositado, constituindo a fronteira dura que separa o mundo de cima do de baixo. (Ariès, 2003, p.255). As lápides tumulares mencionam as datas de nascimento e falecimento das pessoas enterradas. Estas lápides, salvo em casos de translados como ocorre com os ossuários ou em caso de reformas posteriores, conservam a data do primeiro enterramento, além de informações históricas, testemunho de pessoas, condição social e biografia do morto. (Fonte: CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 465).

<sup>13</sup> Urnas ossuárias: jazigos onde foram realizados um ou mais sepultamentos secundários, ou seja, onde foram dispostos os ossos desarticulados de uma ou mais pessoas, retirados das carneiras de chão, após o processo de decomposição.

morreram. Na tentativa de preservar a memória dos antepassados ocorre a expressão das expectativas e dos confrontos que os vivos experimentam face à morte dos seus entes queridos. A porta da vida se fecha para que a porta da morte se abra, por isso, é como se neste ambiente estivessem cristalizadas as projeções para o além desta vida nos emblemas, nas lápides e nas palavras que ornamentam os túmulos. Enxergar o espaço cemiterial como um “*campo de palavras*” que guardam significados e sentidos é, sob nosso ponto de vista, uma possibilidade de compreensão e valorização deste lugar. O cemitério é um campo semântico onde como num jardim, podem se ver flores; nele podem ser vistas as metáforas florescendo e suscitando interpretações. Por isso, os cemitérios, sobretudo os que surgiram a partir do século XVIII foram nomeados pelos portugueses como “*cemitérios românticos*”, e se tornaram locais onde se pode ver a expressão de uma mentalidade e onde a arte se faz presente como forma de expressão para lidar com a dor da perda.

Em São João Del Rei os cemitérios construídos ao lado das Igrejas continuam ativos e constituem um memorial vivo que trafega entre o passado e o presente, guardando monumentos que remontam ao século XIX, tempo do Brasil Colônia, onde havia uma aristocracia imperial. Podemos ali encontrar túmulos de barões e baronesas e também das famílias importantes de Minas de ontem e de hoje, lápides e covas que remontam aos escravos, autoridades religiosas e civis que permitem traçar um quadro diacrônico histórico desta região mineira e de sua influência no cenário nacional.

A profusão dos epitáfios do passado e do presente permite dizer que a palavra como veículo expressivo é atemporal e permite ao ser humano a expressão, não somente do conteúdo memorial, mas também dos sentimentos e das emoções, na busca de um sentido para a sua vida.

Em contrapartida, os cemitérios em São João Del Rei parecem ocupar uma visão intermediária no que tange a relação do sagrado com o secular, porque ao mesmo tempo que se ligam à Igreja através das Irmandades, eles trazem em seu bojo uma individualidade romântica, já que as expressões artísticas, sobretudo pela palavra, revelam uma independência subjetivista. Podemos afirmar que estes cemitérios se nasceram atrelados à Igreja, numa visão cristã fundamentada na misericórdia e nos princípios doutrinários católicos, hoje, entretanto, se constituem exemplo do aporte conceitual moderno que postula a necessidade de discriminação de “*mundos*”, de propriedade privada (lugar para o morto), ostentação de recursos e

prestígio social (artes tumulares que eram um símbolo da importância do morto e de sua família). Além dos elementos da dor pela separação da morte, os cemitérios de São João Del Rei constituem-se também pontos turísticos por causa da beleza variada dos seus monumentos e do patrimônio histórico que carregam, constituindo um espaço da memória social de Minas Gerais.

Assim sendo, considerando o desenvolvimento deste breve apanhado histórico, no capítulo seguinte vamos proceder a análise hermenêutica interpretativa com base no *corpus* selecionado que pode ser visto no Apêndice deste trabalho.

## CAPÍTULO VI

### ANÁLISE E DISCUSSÃO

Tendo como pressuposto norteador a teoria do círculo hermenêutico explicitada por Paul Ricoeur apresentada no capítulo III deste trabalho, é que apresentamos uma proposta de análise para os epitáfios coletados nos cemitérios de São João Del Rei. Para o autor citado é pela leitura, pelo querer compreender e pelo interesse de entender que podemos adentrar em um texto para perceber, além da busca pelo seu significado, introduzir novas interpretações. É isto que enriquece o mundo e possibilita a abertura para outros projetos.

*“Ler e interpretar é uma forma de viver em outra época”* afirma Tolfo (2009, p. 22). É perdendo-me no texto, isto é, deixando-me levar pelo texto, que me transporto e vivo o texto. Desta forma, podemos afirmar que épocas diferentes podem ser vividas por nós, e que a janela do texto proporciona abertura para fatos ocorridos no passado e que afetam as gerações que viveram antes de nós.

Foi com essa intenção que fomos visitar os cemitérios de São João Del Rei e neles coletamos os textos epigráficos (epitáfios) que mais nos pareceram interessantes em relação à estrutura composicional, no que se refere à originalidade, poesia e sentimento, e também na maneira como se encontram dispostos nas lápides tumulares, possibilitando variadas leituras e interpretações. De tal maneira que os textos selecionados para a análise suscitaram em nós uma proposta interpretativa que, dentro da perspectiva ricoreana, ora apresentamos. É claro que é uma proposta interpretativa em meio a muitas outras possibilidades de interpretação, já que a construção de um texto comporta *“as vontades de verdades”*, questões essas que sempre vão continuar a ser revistas por alguém que desejar e tiver essa vontade.

No modelo constitutivo do cemitério romântico, ocorre sempre uma situação que privilegia a expressão da identidade, na medida em que esta pode ser vista na individualização das sepulturas e nas palavras e mensagens veiculadas pelos

epitáfios, que funcionam como mecanismo de preservação da memória dos mortos, reconstituindo o sentido existencial dos que ficam. As homenagens e as palavras em sua função memorialística visam à exaltação do falecido, de tal maneira, como num filtro de percepção, há uma seletividade de conteúdos, prevalecendo somente aqueles que são considerados essenciais para os vivos e para a recomposição do sentido da vida. A continuidade da vida dos mortos é estabelecida pela memória dos vivos que na pedra, na lápide, imprime significados e valores, desejos e sonhos, interrogações e expectativas, medos e esperanças. Por isso, a individualização de cada túmulo e cada sepultura é construída mediante a arquitetura, a escultura e a composição das palavras.

Nos cinco cemitérios sanjoanenses, ainda que as sepulturas e os túmulos sejam semelhantes no que se refere à construção arquitetônica, detectamos uma certa preocupação na diferenciação dos mesmos pela utilização das palavras na elaboração dos escritos epigráficos. É como se estas palavras constituíssem uma representação de alteridade, nas quais são combinados fragmentos da memória, com o uso do epitáfio. Entende-se que estas representações de alteridade nas construção das mensagens demonstram não apenas a singularidade dos sepultados, mas também as trajetórias da coletividade na qual estavam inseridos. O epitáfio é um gênero que foi criado para “*homenagear*” os falecidos e que se torna uma fronteira entre a vida e a morte, uma vez que, pelos traços linguísticos, estabelece um nexo entre aquele que vive com aquele que morreu. É notável que, mesmo entre mudanças estilísticas e estruturais que se deram no correr da temporalidade, ele não perdeu a sua essência, permanecendo atado ao seu sentido original de conservar a memória e homenagear os mortos por meio das palavras.

Em consonância com o que foi apresentado no capítulo II, deste trabalho, há uma estreita relação entre identificação, filiação e distinção que conduz a uma memória impregnada fortemente de afetos, pois é uma memória de família. Sendo assim, pode-se chamar a isso de memória afetiva que trabalha com carga emocional e singular. Se os epitáfios são memória e ficções que os vivos criam em sua resistência contra o aniquilamento, deles é possível lançar mão para se compreender os sentimentos que brotam no advento da morte e na experiência dos enlutados.

A leitura destes escritos permite o vislumbre da multiplicidade de sentimentos e experiências de luto que orientaram a sua composição. Investigar as

representações que as palavras escondem é permitir que, no simulacro das mensagens aflore um retrato dos vivos e dos mortos que dialogam entre si diante da realidade da morte. Podemos, numa perspectiva fundamentada na hermenêutica de Paul Ricoeur, levantar algumas palavras chave que combinam entre si os epitáfios apresentados. Paul Ricoeur jamais deixou de pensar a separação entre o tempo da escrita, que pertence ao tempo mortal de uma vida singular, e o tempo da publicação, que abre o tempo para *“uma durabilidade que ignora a morte”*. Assim, os escritos epigráficos estão isentos do *“tempo mortal”* e inscrevem-se no tempo trans-histórico *“da recepção da obra que ainda vive e quem tem o seu tempo próprio”*. E esse fechamento da obra é a condição de possibilidade da sua abertura à interpretação, como Ricoeur jamais deixou de afirmar em relação às obras em geral, que se libertam das intenções do autor e do seu contexto inicial. Desta maneira, os escritos epigráficos que nos propomos a ler mantêm algo de inacabado que funcionam como um projeto, algo que é vivo e que está em ação, com tudo aquilo que têm de fugaz, de vulnerável e de efêmero.

Estas palavras funcionam de modo paradigmático na construção das mensagens e, numa analogia, é como se a agulha da memória fosse atando os retalhos do tecido da vida no tecido da morte, numa costura que tenta enfeixar as partes e emprestar uma certa beleza ao que é difícil de ser aceito e compreendido com a partida de alguém querido. Por isso, afetos e sentimentos se veiculam nas palavras que transbordam o imaginário social, permitindo que estas sejam expressões de saudade, afeto, fé, esperança e gratidão. Ora, na abordagem do método hermenêutico, é fundamental considerar a influência do imaginário social nas ações sociais, dado que alguns aspectos dos discursos e ações se impregnam das expressões do imaginário, da ideologia e da utopia.

Para Ricoeur, como mostramos no capítulo III, as ações que suscitam o imaginário social estão embasadas nos paradigmas da ação e dos discursos, paradigmas capazes de aflorar possibilidades ontológicas. Neste sentido, o imaginário funciona como ligação profunda e anímica do sujeito com seu inconsciente – considerado na psicanálise como o lugar de resíduos de energias, mas também de forças propulsoras para a manutenção e organização da vida. É possível notar também nestas mensagens um pseudo-diálogo entre vivos e mortos quando parece endereçar um texto a uma pessoa que não o poderá ler, como no caso de um falecido.

Entretanto, um diálogo entre vivos e mortos só pode ser compreendido numa sociedade que acredita em vida após a morte.

Os epitáfios são um meio de afirmação da individualidade diante do perecimento, da decomposição e do esquecimento. A perturbação e o trauma da morte geram a consciência do acontecimento futuro e irremediável que é o fato de morrer. Neste sentido, pode-se dizer que as palavras são utilizadas como ferramentas para amenizar o sentimento de temor, referente ao provável esquecimento de quem é atingido pela morte e como meio de “*exorcizá-la*”.

Diz-se que é no inconsciente que brotam as energias fundamentais para a sobrevivência e para as mais variadas formas e expressões criadoras. Por isso, a noção de inconsciente é fundamental nessa perspectiva, visto que, para Ricoeur, é do inconsciente que brotam as expressões maiores do imaginário social, tais como a ideologia e a utopia, que possibilitam, por exemplo, compreender as mediações simbólicas, de acordo com as ações dos indivíduos, grupos, classes e sociedade. O inconsciente e o imaginário, na perspectiva hermenêutica, são relevantes para a compreensão da problemática de um texto, que começa quando o indivíduo se pergunta como fazer para seguir uma história ou, melhor, o que fazer para ver uma ação ou o ser dessa ação se manifestar. Essa situação requer, segundo o autor, uma construção específica a fim de compreender uma história, sendo necessário refazer a operação discursiva do texto.

À guisa de uma interpretação hermenêutica do *corpus* apresentado, selecionamos e classificamos as mensagens epigráficas dentro das seguintes perspectivas: 1 – Saudade, 2 – Afeto, 3 – Fé, 4 – Esperança, 5 – Gratidão. Cumpre relevar que estas mensagens são sempre performativas, na medida em que visam construir uma ação, um ato, uma resposta diante da morte. Há nesta classificação uma tentativa de interpretar os sentimentos que se encontram sob as palavras, já que saudade, fé, gratidão e esperança se entrelaçam e se manifestam mediante o afeto que subjaz à construção das mensagens e das expressões utilizadas.

## **1 – Saudade**

Uma das expressões emocionais mais intensamente sentidas diante da perda de alguém a quem devotávamos um profundo amor é a saudade. No dicionário de Língua Portuguesa (CUNHA, 1986), consta que saudade é um étimo que provém do português antigo *soedade*, *soidade*, *suidade*, sob a influência de saúde e saudar, tendo como origem o latim *solitas*, *solitaris*, e descreve uma mistura dos sentimentos de perda, distância e amor sob a forma de dois significados principais: lembrança triste e suave das pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhadas do desejo de as tornar a ver ou a possuir; ou pesar pela ausência de alguém que nos é querido. O processo do luto pela morte de um ente querido se dá pela melancolia e carinho com que é identificada a memória de alguém de quem nos encontramos apartados definitivamente. A emoção que ressalta da enunciação das palavras corresponde a uma tentativa de aceitação da perda, após ter-se vivido todos os tormentos do choque, da descrença e do reconhecimento da perda, trabalhamos os sentimentos para colocar num espaço do coração os destroços da tristeza. Ela impõe o anseio de encontrar o ausente, o que é mesmo impossível na morte, mas que poderá se dar na outra vida. Este sentimento afigura-se, em termos gerais, como o caminho mais seguro para se viver. Ter saudade não significa que eu tenha de viver no passado, mas que eu tenha no presente o que vivi. Nas palavras de Kuhn (1986, p. 41): “A saudade é o único paraíso do qual não podemos ser expulsos”. Quem lê o livro de suas recordações consegue suportar bem o silêncio. Existem recordações benéficas, que curam as nossas feridas. O filósofo Max Scheler diz o seguinte, a respeito do poder curativo da recordação: “*Recordar é o início da liberdade do poder oculto exercido pela coisa recordada ou pelo acontecimento recordado*” (cit. por NOUWEN, 1999).

Podemos caracterizar a saudade como “*categoria-mãe*” porque o seu significado é muito abrangente e abarca todas as outras categorias apresentadas. É pela saudade que o afeto, a fé, a esperança e a gratidão se manifestam. É pela saudade que as outras categorias gravitam e encontram razão para ser.

Nos epitáfios selecionados, podemos identificar a expressão da saudade nas seguintes mensagens:

### **Quadro 03 – Epitáfios Expressivos de Saudade**

<b>SAUDADE</b>
----------------

<i>"A memória de D. Anna Izabel Moreira Rodrigues cujos restos mortais aqui repousam."</i>
<i>"Tributo de saudade de sua filha adotiva."</i>
<i>"Tributo conjugal e filial"</i>
<i>"Neste momento, alguém que gostaria de estar conosco está ausente, mas a lembrança de sua presença, o som de sua voz, sopram suaves na memória, num murmúrio triste de lamento e saudade. Ele se foi num adeus eterno, mas está aqui. Lembrado, presente, eterno."</i>
<i>"Saudades de seus pais, irmãos, sobrinhos e parentes."</i>
<i>"Sempre haverá amor e fé acalentando o silêncio de nossa saudade."</i>
<i>"A quem sempre foi exemplo de amor e alegria. Saudade eterna de seus familiares e amigos."</i>
<i>"Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém. Saudade eterna de sua filha e familiares."</i>
<i>"A tristeza de tê-lo perdido jamais nos fará esquecer a alegria de havê-lo possuído. Eterna saudade."</i>
<i>"Um elo de nossa corrente partiu. Nossas eternas saudades."</i>
<i>"Nosso amor, nossa saudade"</i>
<i>"Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém."</i>
<i>"Amor eterno. Saudade infinita."</i>
<i>"Saudade o amor que fica".</i>
<i>"Para sempre em nossos corações."</i>
<i>"O tempo foi pouco O amor foi demais A saudade é imensa."</i>
<i>"Sempre haverá amor e fé acalentando o silêncio de nossa saudade. Saudade de esposa, filhos, netos, noras, genro, irmãos e amigos."</i>
<i>"Saudades de seus familiares. Eu não tenho mensagens, minha mensagem é minha vida"</i>
<i>"Sempre haverá amor e fé acalentando o silêncio de nossa saudade. Saudades de seus familiares e amigos."</i>
<i>"Sempre haverá amor e fé acalentando o silêncio da saudade de seu pai, mãe, irmã, parentes e amigos."</i>
<i>"O tempo foi pouco, o amor demais, a saudade é imensa".</i>
<i>"Aqui jaz um grande sábio e humilde homem sinto muita saudade".</i>
<i>"Saudade palavra triste quando se perde um grande amor..."</i>
<i>"Imensa saudade".</i>
<i>"Naquela mesa está faltando ele e a saudade dele está doendo em nós".</i>
<i>"Eles foram árvores plantadas nas margens de águas correntes deram frutos na época própria. As suas folhagens, nunca secaram e nem murcharam para nós, pois sempre permanecem vivos em nossos corações. Saudades familiares e amigos."</i>
<i>"Saudade de seus irmãos, filhos, amigos e parentes! Descanse em paz, sua missão foi cumprida!"</i>
<i>"Deste mundo levo muitas saudades."</i>

<i>“Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém”.</i>
<i>“Eternas saudades”</i>
<i>“O tempo foi pouco, o amor foi demais, a saudade é imensa, ninguém pode negar”.</i>
<i>“A saudade é imensa, mas a grandeza de sua fé, suas palavras carinhosas, sua alegria e seu amor ao próximo ficarão eternizados em nossos corações, dando-nos a certeza que Antônio está junto ao pai olhando e rezando por nós.”</i>
<i>“Mesmo na eternidade jamais será esquecido.”</i>
<i>“Descanse em paz, você viverá eternamente em nossos corações.”</i>
<i>“Sempre haverá amor e fé acalentando o silêncio da saudade de seu pai, mãe, irmã, parentes e amigos.”</i>
<i>“Saudade é solidão acompanhada, é quando o ar ainda não foi embora, mas o amado já.”</i>
<i>“Se pela força da distância tu te ausentas... Pelo poder que há na saudade, voltarás.” Pe. Fábio de Melo, SC)</i>
<i>“Você sempre será presença viva em nossos corações.”</i>
<i>“Nem a ausência, nem o tempo apagarão de nossos corações a sua lembrança.”</i>
<i>“Mãe, a você nossas preces e saudades!”</i>
<i>“Quem semeia amor, deixa sempre saudade.”</i>
<i>“Saudade, palavra triste, quando se perde um grande amor.”</i>
<i>“Nem a ausência e nem o tempo apagarão de nosso corações sua saudosa lembrança.”</i>
<i>“Tenho razão de sentir saudade, tenho razão de te acusar. Houve um pacto implícito que rompeste e sem te despedires foste embora.”</i>
<i>“Nem a ausência, nem o tempo apagarão de nossos corações a sua saudosa lembrança...”</i>
<i>“Quando a brisa dos ventos lhes tocar no rosto, não chorem, são minhas saudades a lhes beijar silenciosamente.”</i>

## 2 – Afeto

No conceito de luto está bem presente o conceito de afeto. O luto só existe por causa da vinculação que se tem com o que se perdeu. De acordo com Freud sobre o processo do luto, torna-se oportuno examinar dois conceitos fundamentais para a compreensão do fenômeno. Trata-se do afeto e da melancolia. Segundo o autor, existem no nosso corpo forças inatas que originam uma dinâmica psicológica que gera tensões. Estas forças são conhecidas como pulsões ou instintos. Essas tensões vão-se acumulando no corpo sob a forma de energia, designada libido, que necessita ser descarregada. O afeto, em decorrência, seria o modo como se exprime a quantidade de energia do instinto. Com relação à melancolia, o autor considera-a

como “*uma perda na vida pulsional*”, uma quebra da força que nos conduz ao prazer. Assim, para Freud, o anseio que demonstramos em reaver alguém que nos proporcionava prazer exprime a dimensão da força de instinto perdida. Por outras palavras, o luto que efetuamos por uma pessoa mede o bem-estar que ela nos concedia através da vinculação.

Todas as sociedades veem a morte como uma transição relativamente à pessoa que morre. A forma como as pessoas se preparam a si próprias para esta transição e a forma como se comportam os sobreviventes varia muito de acordo com a cultura (PARKES, 2003, p. 17). A morte afeta a família e a comunidade, da qual o defunto é parte integrante. As disposições tidas para como o morto e o acompanhamento do luto quase sempre se transformam num acontecimento social, ou mesmo público, e a família enlutada é encorajada a manifestar abertamente a sua dor. Tais expressões de dor pública são vistas com frequência como possuidoras de uma função catártica para os indivíduos de luto e, como tal, terapêutica. As palavras utilizadas no discurso epigráfico estão repletas de afetos. Ser humano significa retirar o não ser do silêncio e fazer que sejam todas as coisas na palavra. E palavra aqui não significa apenas a expressão dos signos das vozes, mas refere-se ao movimento do sentimento humano que deseja conhecer. Assim, a palavra é, ao mesmo tempo, manifestação do ser humano e instrumento pelo qual o homem cria a si mesmo. Sair do silêncio é fazer-se palavra, criar-se pela palavra, não a palavra enquanto signos da voz, mas a palavra significativa de um movimento da alma (SILVA, 2008, p. 41).

Segundo Franco (2002), a morte é um grande desorganizador cultural. As respostas a ela surgem por meio dos rituais que juntam as pessoas, dão uma condição segura para a expressão dos afetos e ajudam no processo de construção do significado. Os escritos epigráficos auxiliam os enlutados na reorganização da vida após a perda de alguém significativo, já que ciclo da vida que contém a morte é concretizado nessa passagem por meio das palavras. Segundo Ritner (2004), evocamos “*por meio da memória do nosso coração*”, como eram as coisas antes do momento em que partiram nossos entes queridos e segundo Parkes (1998, p. 205-206) as pessoas “*têm necessidade de expressar seus sentimentos e pensamentos sobre a perda*”. Uma inibição ativa pensamentos e sentimentos sobre um trauma e requer trabalho físico e, com o tempo, age como estresse acumulado, aumentando o risco de doenças e problemas relacionados ao estresse. Para suprimir

um pensamento, ele precisa ser reconhecido em algum nível e aí tem início um processo ativo. Por outro lado, a expressão de pensamentos e sentimentos pode interromper esta sequência e ter efeitos terapêuticos. Há um “*nível ótimo de enlutamento*”, que varia de pessoa para pessoa. Alguns choram e soluçam, enquanto outros traem seus sentimentos diferentemente. O importante é permitir que pensamentos e sentimentos emergjam à consciência. Assim, selecionamos nos epitáfios coletados as seguintes frases que destacam muito bem a dimensão do afeto:

#### Quadro 04 – Epitáfios Expressivos de Afeto

<b>AFETO</b>
<i>“O ‘adeus’ é uma ilusão no que se crê... É sofrer crendo num amor mais lindo, quando, a chorar se diz adeus sorrindo...”</i>
<i>“Mãe, é um anjo de amor... Santa sem paz... Prêmio ardente que o céu há de roubar, mas Deus, que falta amarga ela nos faz!” Jorge C. Sade</i>
<i>“Viver é lutar.”</i>
<i>“Amor para sempre.”</i>
<i>“Tá ótimo!”</i>
<i>“Foste tirado do nosso mundo, como uma flor colhida antes do tempo.”</i>
<i>“Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi. Saudades de seus familiares e amigos.”</i>
<i>“O ideal que nos acalentou irá renascer em outros corações.”</i>
<i>“Dai-lhe Senhor, em felicidade no céu, o que ele nos deu em ternura na terra.”</i>
<i>“Que a alegria de tê-lo possuído, seja maior que a tristeza de tê-lo perdido.”</i>
<i>“Sempre fostes firme, mas dentro de ti existia um coração que do seu jeito sabia amar.”</i>
<i>“Não há ponto final para o amor. Amor é vida e vida é eternidade.”</i>
<i>“A tristeza de tê-la perdido jamais nos fará esquecer a alegria de tê-la amado.”</i>
<i>“Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém.”</i>
<i>“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha, removendo pedras e plantando flores”.</i>
<i>“Nunca morrem aqueles que vivem em nossos corações.”</i>
<i>“Longe de nossos olhos, dentro de nossos corações”.</i>
<i>“O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído... NOSSO GUERREIRO Filho ‘sempre presente’, marido ‘companheiro inseparável’, pai ‘dedicado e incansável’, irmão e amigo ‘sincero e de todas horas’.”</i>
<i>“Senhor estamos te devolvendo o presente que nos destes.”</i>
<i>“Eu vou para Deus, mas, não esquecerei aqueles que amei aqui na terra. Saudades de familiares e amigos.”</i>

<i>“Dai-lhe Senhor em felicidade no céu o que ela nos deu em ternura na terra.”</i>
<i>“Há momentos na vida em que sentimos tanta falta de alguém que o que mais queremos é tirar essa pessoa de nossos sonhos e abraça-la.” C. Lispector</i>
<i>“O dedo de Deus tocou e ele adormeceu. Ficou os momentos inesquecíveis as coisas inexplicáveis e as saudades dessa pessoa incomparável.”</i>
<i>“Amou a vida, a Deus, a família e a música.”</i>
<i>“Partiu de olhos fechados mas de coração aberto.”</i>
<i>“Você estará eternamente presente em nosso meio.”</i>
<i>“Tudo que é bom, dura o tempo necessário para se torna inesquecível.”</i>
<i>“Quando nasceu, todos sorriam, só ele chorava, viveu. Agora ao morrer, todos choram, só ele sorri na vida eterna.”</i>
<i>“Ninguém morre enquanto vive no coração de todos nós.”</i>
<i>“Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração.”</i>
<i>“Tudo que é bom, dura o tempo necessário para ser inesquecível.”</i>
<i>“Mãe, te amamos”.</i>
<i>“Nosso amor será: eterno, incondicional, generoso e sem limites.”</i>
<i>“Não podemos mais ouvi-lo mas podemos sentir seu amor.”</i>
<i>“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem, por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”</i>
<i>“Tudo penso, nada falo, Tenho medo de chorar. Saudades de esposa e filhos.”</i>
<i>“Saudade do seu eterno (Chu) filhos e irmãos. Maldito tempo que se acaba quando estou contigo.”</i>
<i>“...O correr da vida embrulha tudo a vida é assim ... Esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” Guimarães Rosa</i>
<i>“Tudo que é bom, vive o tempo necessário para se tornar inesquecível.</i>
<i>“Você brilhou tanto entre nós na terra, que Deus te recolheu para ser uma estrela no céu ...”</i>
<i>“Os dias e anos se passaram, tristeza e saudade aumentaram Deus levou o anjo da minha vida. Saudades de sua mãe.”</i>
<i>“Ivana, você viverá eternamente em nossos corações.”</i>
<i>“O tempo foi pouco o amor foi demais.”</i>

### 3 – Fé

É fato interessante que, nas mais diversas culturas, a morte é abordada em termos de mitos, teorias e doutrinas teológicas, tendo, assim, muitas interpretações, que podem ser de caráter de celebração ou de interdição. As noções

de morte no ocidente e no oriente, por exemplo, são totalmente diferentes, e os rituais presentes em cada uma delas se relacionam à forma como a morte é concebida em cada uma dessas culturas. Kóvacs (1992, p.48) afirma que, no ocidente, “*a morte é vista como fim, ruptura, fracasso, como interdita, oculta, vergonhosa*”, daí a postura, em face dela, de seu ocultamento, vergonha, raiva e temor. Por outro lado, na visão oriental, a morte surge, fundamentalmente, como um estado de transição e principalmente de evolução, para o qual deve haver um preparo. Essa arte de morrer, no dizer da autora, é pouco conhecida e raramente praticada pelos ocidentais. De fato, o que se observa, nessa cultura, é uma relutância comum em morrer. A despeito dessas diferentes visões, não se pode negar o fato comum de que a morte é uma realidade presente durante toda a vida da espécie humana, fazendo-se acompanhar de ritos e de representações as mais diversas. Como explica Kóvacs (1992, p. 1-2):

As religiões e a filosofia sempre procuraram questionar e explicar a origem e o destino do homem. Por tradição cultural, familiar ou mesmo por investigação pessoal, cada um de nós traz dentro de si uma morte, ou seja, a sua própria representação da morte. São atribuídas a esta, personificações, qualidades, formas. A morte sempre inspirou poetas, músicos, artistas e todos os homens comuns. Desde os tempos dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio.

O ser humano cresce e evolui em um espaço e em um tempo, em relação com o meio ambiente, em um diálogo permanente com o mundo. Porém, todos os seus movimentos fluem do núcleo de sua interioridade. Esse é o centro dinâmico, do qual procede qualquer atuação, ao qual é referido e no qual é reunido tudo que o indivíduo recebe e sofre. É a força do ser vivo que lhe permite ligar-se ao exterior, é o poder de inclusão e de relação. As conexões são feitas de dentro para fora e, portanto, uma relação só existe quando há um mundo interior; é onde e a partir de onde existe. O campo no qual se expressam é o mundo, de modo que só o ser vivo, com sua interioridade, tem mundo e não só está no mundo (GRIFFA & MORENO, 2001, p.158).

O problema sobre o que distingue o morrer humano do acabar puramente animal e biológico é que o morrer humano transcende a dimensão natural e biológica, incidindo em toda a existência humana. Para aquele que tem fé, o entendimento da vida humana vai além da dimensão do *bios* e extrapola em outras possibilidades de vida. Para o cristão isso se dá com a Ressurreição. O caráter escatológico da morte se coloca dentro da dimensão da temporalidade. A morte traz

a constatação de que tudo o que existe no mundo tem o seu tempo e há de chegar a seu fim. A morte no mundo é a expressão do tempo que atravessa toda vida e a limita. A morte, entretanto, é parte do ritmo da vida, em seu compasso final. Por isso, ela se faz possibilidade para uma outra vida fundamentada na imortalidade. Em decorrência disso, a morte não pode ser compreendida como um conceito contrário à esta vida, mas complementar.

De acordo com Brustolin (2001, p.120), no confronto com a escatologia católica, a ressurreição dos mortos distingue-se da acentuação protestante em relação ao destino individual. A escatologia reformada interessa-se pelo final dos tempos de forma especial porque não concebe um tempo intermediário entre a morte individual e o juízo final dos mortos. Nesta percepção, os mortos estão num sono eterno até o dia da ressurreição final na parusia de Cristo. O pensamento católico sobre o tema remonta à declaração de Bento XII realizada no Concílio de Trento na sessão XXV, quando rejeita a opinião de que os mortos dormiriam na esperança de serem ressuscitados no advento de Cristo. Sustenta-se, no entanto, que cada ser humano é julgado imediatamente após a morte. É o juízo particular que antecipa individualmente o juízo universal. Há dois juízos, conforme a doutrina católica: um particular, subitamente após a morte, e outro universal, na *parusia*, quando haverá a destruição da morte e iniciarão o novo céu e a nova terra.

Na morte expressamos aquilo que nos comoveu durante toda a vida. É impossível dizer algo mais bonito acerca da morte do que aquilo que S. João afirma sobre a morte de Jesus: *“Ele que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até o fim”* (Jo. 13,1). A morte é a consumação do nosso amor: é uma dádiva que já não é encoberta ou ofuscada por quaisquer intenções secundárias. Na morte somos um só com todas as outras pessoas. Todos nós temos de morrer. Na morte unimo-nos a toda a humanidade. A morte nos conduz à solidariedade com os outros, a nossa morte pode tornar-se uma celebração da nossa união com toda a humanidade. A morte não é simplesmente o fim que nos ameaça. Pode ser um novo começo. Espera-nos a vida eterna. Mas primeiro temos de morrer juntamente com as pessoas que nos são familiares e temos de aceitar a morte por elas. A finitude da vida leva o espírito humano à sua essência, a transcender. O ser humano deseja transcender os limites de seu corpo, de sua alma, conhecer Deus.

No culto romântico dos mortos, no cemitérios que seguem esta tradição, procura-se, ao mesmo tempo, a negação da morte e a *“vivência trágica do*

luto”. E, para negá-la, entende-se a morte como “sono”, ou como uma “viagem”. Ao negar-se a morte, o túmulo, o epitáfio, manifestam atitudes que, ao mesmo tempo, dissimulam a morte e tornam presente o morto, na tentativa de re-presentificar o ausente. Seleccionamos as seguintes sentenças que manifestam a dimensão da fé nos epitáfios:

#### Quadro 05 – Epitáfios Expressivos de Fé

FÉ
<i>“Na eternidade da paz do Senhor encontram-se.”</i>
<i>“A morte não é mais do que o regresso à verdadeira vida.”</i>
<i>“... o que se vê é transitório mas o que não se vê é eterno.”</i>
<i>“Ergueu este monumento o amor conjugal de José da Costa Rodrigues Eu! Quae lustra geris quatuor binos super anos te Deus in pace susdipiat dominus.”</i>
<i>“Sou uma imensidão do nada, muito vaga... Dispersão amontoada de um instante, num ponto nulo dentro da eternidade!” Jorge C. Sade</i>
<i>“Receba mãe terra a crisalida daqueles que já voaram para a casa do pai.”</i>
<i>“Dai-lhe, Senhor, em felicidade no céu, o que ele nos deu em ternura na terra.”</i>
<i>“Sua misericórdia se estende de geração em geração, sobre os que o temem.”</i>
<i>“A vós Senhor, elevo a minha alma.”</i>
<i>“O vento do meu espirito soprou sobre a vida e tudo que era efêmero se desfez. E ficaste só tu que és eterno.” Cecília Meireles</i>
<i>“Intercedendo por nós.”</i>
<i>“Combati o bom combate. Cumprí minha missão. Guardei a fé.” (São Paulo)</i>
<i>“Foi levado à paz do reino de Deus. Viveu a vida que nos é destinada e participou do plantio das capinas e da colheita.”</i>
<i>“A tua vontade, Senhor e não a minha.”</i>
<i>“Deus o acolherá, Saudades de seus familiares.”</i>
<i>“A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará para sempre sua alegria, inteligência e bondade.”</i>
<i>“O Senhor é meu pastor e nada me faltará.”</i>
<i>“A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará para sempre sua alegria, inteligência e bondade.”</i>
<i>“Esvazie-me de mim Enche-me de ti Transborda-me de Deus.”</i>
<i>“Deus o abençoe As almas santas benditas o acompanhem.”</i>

<i>“A longanimidade não se revolta com o infortúnio, a doença e a dor. Levanta os olhos ao céu cheios de lágrimas, mas jamais se revolta. Vinde a mim todos vós que estais sobrecarregados porque eu vos aliviarei.” Mt. 11.28-30</i>
<i>“O sol que brilhou para ela não conhecerá o ocaso.”</i>
<i>“Dorme em paz estou com DEUS.”</i>
<i>“Tudo fizemos para que sua vida não se extinguísse, Você não partiu, pois quem está perto de Deus não está longe.”</i>
<i>“Se o Senhor é por nós. Quem será contra nós? Saudades esposa, filhos e familiares.”</i>
<i>“Em vossas mãos Senhor entrego meu espírito. Saudade de sua esposa, filhos, familiares e amigos.”</i>
<i>“Fui para Deus, mas não esquecerei os que amei aqui na terra.”</i>
<i>“Não temas porque eu te resgatei, Chamei-te pelo teu nome: Tu és meu.” (Is. 43.1)</i>
<i>“Amou suas filhas, sua terra e a sua gente e com ela glorificou Jesus.”</i>
<i>“Eu vou para Deus.”</i>
<i>“Você não morreu, começou uma vida nova em Deus. Saudades de esposa, filhas, genros, netos, irmãos e familiares. Na minha vida tive dó de todos, mas alguns não tiveram dó de mim”.</i>
<i>“Lutou pela vida e ganhou a vida eterna.”</i>
<i>“A morte não é nada, somente passei para o outro lado do caminho”.</i>
<i>“Que Deus brilhe para ele vossa luz”. Eterna saudade de sua esposa, filhos e netos.</i>
<i>“Plantou durante a sua vida sementes de amor e otimismo iluminando sempre o seu espírito. Agora foi para Deus viver a felicidade eterna.”</i>
<i>“Acoberta, amigo, o nosso frio sono no manto aquecido de uma prece.”</i>
<i>“Nosso corpo ressuscitará, nossa vida será eterna. Nós e todos os que vivem em Cristo, estaremos juntos em Jesus.”</i>
<i>“Uma criança tirada da vida passageira, é sinal que Deus precisa de anjos para o servir.”</i>
<i>“A paz é o fruto do espírito. Saudade da esposa e filhos.”</i>
<i>“Deus é a fonte da vida.”</i>
<i>“Orai por ela.”</i>
<i>“Dai-lhe Senhor, o repouso eterno e brilhe para ele a vossa luz.”</i>
<i>“Aquele que crê em mim, ainda que morto vivera. Pais, irmã, sobrinhos, familiares e amigos.”</i>
<i>“Disse Jesus, eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá.” João 11:25</i>
<i>“Senhor mostrai-nos a vossa face e seremos salvos.” Sl. 79</i>
<i>“Em ti Senhor confio.”</i>
<i>“O céu, consiste em possuir Deus, viver de Deus, perder-se e encontrar-se em Deus.”</i>
<i>“Seja feita a vossa vontade.”</i>
<i>“O Senhor é meu pastor nada me faltará.”</i>

<i>“De minha pequenez fez ele um instrumento para levar almas para o céu.”</i>
<i>“Vinde benditos de meu Pai, recebei a coroa de glória que vos foi preparada desde toda a eternidade.”</i>
<i>“A vós, Senhor, elevo minha alma.”</i>
<i>“Eu vi Jesus e ele disse que me ama.” (Lilinha)</i>
<i>“Com Maria minha alma glorifica o Senhor e meu espírito exulta em Deus meu Salvador.”</i>
<i>“Que Deus nos ajude a continuar acreditando na vida eterna e fortaleça nossa fé. Saudade é tudo que nossos olhos viram e o coração não esqueceu. Esposa, filhos e netos.”</i>
<i>“Eu vos peço que não chores por mim, fui porque Deus me chamou.”</i>
<i>“Dai-lhes Senhor o repouso eterno e brilhe para elas a vossa luz.”</i>
<i>“Viver feliz em Deus Coroado por suas boas obras.”</i>
<i>“Eu sou a ressurreição e a vida quem crê em mim viverá eternamente.”</i>
<i>“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim.”</i>
<i>“Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” 2 Timóteo, 4.8</i>
<i>“Só em Deus a minha alma repousa, porque dele vem a minha salvação.” Salmo 62.1</i>
<i>“Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem eu amei aqui na terra. Quem crê em mim mesmo que esteja morto ainda viverá.” Oração de Santo Agostinho</i>
<i>“Aquelas pessoas que guardamos no coração de Deus não perdemos jamais.”</i>
<i>“Que você descubra no céu a paz e a felicidade que por ventura não tenha descoberto aqui na terra.”</i>
<i>“Não existe ninguém igual a você, Deus quis você o único.”</i>
<i>“Vos que me amais, não olheis para a vida que termineis, mas sim para a que comecei.”</i>
<i>“Eu fui para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra.”</i>
<i>“Em vossas orações, lembrai-vos de boníssima alma.”</i>
<i>“Não cai uma folha, sem que a mão de Deus tenha tocado nela. Vou para Deus, mas não esquecerei aqueles que amei.”</i>
<i>“Vós que me amais, não olhais para a vida que terminei, mas sim para a que comecei.”</i>

## 4 – Esperança

Se escrever exige cuidado com as palavras, ao adentrarmos o caminho do pensamento faz-se ainda mais necessário cuidar da escritura, pois cada uma delas pode significar um modo de pensar o mundo e, no discurso epigráfico, as

palavras estão grávidas de esperança. Para além da palavra morte, uma outra palavra salta como contraponto impertinente no cenário da vida que é a palavra esperança. A dignidade do homem, como filho de Deus destinado à imortalidade, projeta-se no porvir e é por isso alimentada por esse sentimento inefável que os doutores da Igreja elevaram como virtude teológica. A esperança é um sentimento coletivo e solidário, uma espécie de incenso que perfuma as situações mais insólitas. Existimos com e na esperança de transcender a morte. Tentamos, de diferentes modos, superá-la: seja na recordação de nossa família ou amigos, seja na criação de uma obra de arte ou na realização de um projeto nosso; seja, talvez, na última sementeira de flores para uma primavera que não veremos. Há aqueles que transcendem a morte enquanto desejam e esperam outra vida, já não sujeita à matéria, à dor, à doença, que lhes permita alcançar e contemplar o Absoluto, Deus (GRIFFA & MORENO, 2001, p.119). O ser vivo temporal está no presente, que por sua vez é simultaneamente passado e futuro. Não é um simples fluir fugaz para o nada. Ou, dito de outra forma, o passado está no presente, que por sua vez avança para o futuro e permite o vir a ser do vivente. Podemos identificar nas frases seguintes a dimensão da esperança:

#### Quadro 06 – Epitáfios Expressivos de Esperança

<b>ESPERANÇA</b>
<i>“E, lá do alto, sorrindo fico à espera de infinita e sublime primavera, que nos reúna outra vez sem mais porque!” Jorge C. Sade</i>
<i>“Depois da convivência a saudade, e nela depositamos a esperança do reencontro.”</i>
<i>“Eu não estou longe apenas do outro lado olhando por vocês.”</i>
<i>“Morrer não significa terminar uma vida e sim começar uma nova vida.”</i>
<i>“Hoje mesmo estarei com o pai no paraíso.”</i>
<i>“Descanse em paz.”</i>
<i>“Morreu na terra, nasceu no céu para a vida eterna. Saudades dos familiares.”</i>
<i>“Não olheis a vida que terminei, mas sim, a vida que comecei. Saudade de seus familiares.”</i>
<i>“Além do horizonte existe um lugar Bonito e tranquilo pra gente sonhar...”</i>
<i>“Não estou longe, apenas do outro lado olhando por vocês.”</i>
<i>“A vida não é só isso que se vê, é um pouco mais que os olhos não conseguem perceber, as mãos não ousam tocar, os pés recusam pisar.”</i>
<i>“Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra.”</i>
<i>“Na grande saudade que todos nós sentimos, há uma grande esperança de nos reencontrarmos um dia.”</i>

<p><i>“Na grande saudade que todos nós sentimos, há uma grande esperança de nos reencontrarmos um dia. Saudades de seus familiares e amigos.”</i></p>
<p><i>“Dai consolo e silêncio, simpatia e veneração aos que se abeiram do túmulo. Eles não são múmias torturadas que os vossos olhos contemplam, destinada a lusa que a poeira carcome... São filhos do céu preparando retorno a pátria prestes a transpor o rio da verdade. A cujas margens onde um dia também vos chegareis.”</i></p>
<p><i>“Eu vou para Deus, mas não esquecerei os meus pais que deixei na terra. Descanse em paz, até um dia.”</i></p>
<p><i>“Com alegria recebi a vida, com amor a entrego, na certeza de que não será destruída, mas transformada.”</i></p>
<p><i>“Coragem; alegria, a vida é linda, e lá do outro lado a paz será infinita.”</i></p>
<p><i>“Lutou pela vida, ganhou a vida eterna.”</i></p>
<p><i>“Eterna saudade e paz à vida que começa.”</i></p>
<p><i>“Fé, esperança de vida nova!”</i></p>
<p><i>“Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.”</i></p>
<p><i>“Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do caminho...”</i></p>
<p><i>“Não olheis para a vida que terminei, mas sim para a que comecei.”</i></p>
<p><i>“Morre a imagem, mas não semelhança com Deus, por isso estou sempre agradecida e tranquila. A morte não deve inspirar medo, mas esperança. Tenho certeza que verei Deus com os meus próprios olhos.”</i></p>
<p><i>“A jornada Pensam todos que morreste Que viúvo me deixaste. Quando apenas na jornada Mais depressa um pouco andaste.</i></p> <p><i>Após de ti eu caminho, Na mesma senda prossigo, Meu passo não é tardio; Bem cedo serei contigo.”</i></p>
<p><i>“Dizem que a gente não morre... Fica encantado”.</i></p>
<p><i>“Na esperança de um dia estar em tua companhia...”</i></p>
<p><i>“Adeus = A Deus. Não é uma despedida, é entregar nas mãos de Deus aquele de quem não podemos mais cuidar. Cada final é um ponto de partida e um dia nos reencontraremos.”</i></p>
<p><i>“Que você descubra no céu a paz e a felicidade que por ventura não tenha descoberto aqui na terra.”</i></p>
<p><i>“Meu Deus! Doe muito a partida, mas a certeza de nos encontrarmos um dia nos alega e nos conforta.”</i></p>
<p><i>“Adeus Victória, um dia nos encontraremos na vida espiritual.”</i></p>
<p><i>“Meu deus! Doe muito a partida, mas a certeza de nos encontrarmos um dia nos alega e nos conforta.”</i></p>
<p><i>“Não olheis para a vida que terminamos, mas, sim, para a vida que começamos.”</i></p>

*“Fostes tirado do nosso mundo como uma flor colhida antes do tempo. Sabemos que tu estás feliz nos jardins do teu Salvador.”*

## 5 - Gratidão

A saudade não nos coloca apenas em contato com o passado, mas nos ajuda, aqui e agora, a aceitar a nossa situação. A saudade é uma bengala, quando a força da vida já não nos ampara. A nossa esperança baseia-se em nossas saudades e, sem saudades não existem expectativas. A saudade precisa da gratidão, para fazer bem às pessoas. E essa gratidão gera a paz. Quem recorda o passado com gratidão, torna-se uma pessoa tranquila. Irradia o silêncio que traz consigo um saudável desejo de superação do luto.

Nos epitáfios emergem palavras e expressões de gratidão da família para com os seus entes queridos. O luto é uma experiência que atinge a família. Uma característica basilar da morte romântica, segundo Ariès, seria a crença na reunião familiar após a morte. Essa crença provocaria mudanças de atitude frente à representação do céu. A imagem do céu como lugar de eterna adoração a Deus perde importância, pois o paraíso torna-se o lugar do reencontro da família e dos amantes. Tal acontecimento pode ter elevados custos para a estabilidade desta célula da sociedade, como resultado do sofrimento profundo e do desequilíbrio emocional dos seus membros. Por vezes, estes fenômenos são tão intensos que a família não tem capacidade de os apaziguar e acaba por ser a grande vítima da perda, decompondo a sua unidade e chegando mesmo a desagregar-se. Diversos fatores poderão pesar na ruptura familiar. Dentre eles, destacam-se: a idade de cada um dos seus membros, incluindo a da pessoa falecida; o papel que esta desempenhava na hierarquia familiar, se era um dos pais ou filho ou outro grau de parentesco. É preciso levar em conta também o modo de envolvimento afetivo com os membros da família, se era reservado ou carinhoso, e a forma como comunicava, se era distante ou benevolente. Tendo em consideração o estado de debilidade emocional que cada membro da família atravessa, conforme o seu papel (filho, pai, mãe, irmão etc.), os diferentes sentimentos em relação à pessoa perdida convertem-se em comportamentos de luto variados.

A vivência do luto e a maneira como os sentimentos se expressam permitem vislumbrar a organização familiar no que se refere à sua estrutura emocional. Essa diferenciação pode se dar na medida em que uma família não tolera a expressão aberta dos sentimentos e os seus membros não partilham o seu cotidiano individual e não conversam sobre os problemas comuns, reprimindo habitualmente as emoções. Nesta situação o perda se torna tabu e quase sempre, o choro e a tristeza não são tolerados. Numa família em que os sentimentos são expressos de forma aberta, quando um membro passa por um desgosto ou qualquer conflito emocional, a família inteira se envolve com o problema e a pessoa se sente completamente apoiada em suas decisões. Em face da perda, estas famílias lidam mais facilmente com o processo do luto, partilhando as suas inquietações e repartindo as responsabilidades, mantendo-se coesa, mesmo em meio aos sofrimentos da perda. Os seus membros se sentem apoiados para empreenderem os seus processos individuais de luto. Em qualquer tipo de família, entretanto, é preciso ter muita atenção com o luto coletivo, dentro de um sistema onde diferentes elementos interagem. Rebelo (2010, p.102) ressalta que para se avaliar a dimensão do luto em família é preciso considerar o papel desempenhado pela pessoa falecida no que se refere ao equilíbrio familiar em todos os seus aspectos; o modo como esta família gere as emoções, valorizando o diálogo e a partilha de tudo, em todas as circunstâncias. Nas seguintes sentenças podemos detectar os sentimentos de gratidão:

#### **Quadro 07 – Epitáfios Expressivos de Gratidão**

<b>GRATIDÃO</b>
<i>“Aqui jaz uma excelente mulher Ninguém morre enquanto permanecer vivo na memória de alguém.”</i>
<i>“Quem cultivou uma flor, embelezou o mundo e fez alguém feliz.”</i>
<i>“Deus o tenha na sua glória. Gratidão perene dos Salesianos e amigos.”</i>
<i>“Terra minha amada, tu terás os meus ossos o que será a última identificação do meu ser com este rincão abençoado.” TN.</i>
<i>“Eis a mulher forte, coluna de apoio para sua família.”</i>
<i>“Exemplo de vida com amor, desprendimento e dedicação. Saudades.”</i>
<i>“Desta vida nada se leva, por isso</i>

<i>apenas deixei saudades, exemplos, minha missão cumprida.”</i>
<i>“Saudades e gratidão sempre.”</i>
<i>“Nossa gratidão.”</i>
<i>“Gratidão e saudade, sempre.”</i>
<i>“Exemplo de dedicação, pilares de nossa família.”</i>
<i>“A você a nossa gratidão, pelo o que somos e nos tornamos.”</i>
<i>“É grato, para mim, pensar em ti. Embalar o teu doce nome num berço de saudade...”</i>
<i>“Deus deu, Deus tirou, Louvado seja Deus!”</i>
<i>“Nosso inesquecível ferroviário, Deixou-nos exemplo de vida e amor, na dimensão do próprio infinito o qual descansa.”</i>
<i>“Vivi com alegria. Lutei com bravura.”</i>
<i>“Parto confiante de que um honroso exemplo lhes deixei.”</i>
<i>“Mãezinha querida, são tuas as nossas vitórias.”</i>
<i>“Fostes tirado do nosso mundo como uma flor colhida antes do tempo. Sabemos que estás feliz nos jardins do teu Senhor. Pequeno grande homem.”</i>
<i>“O Senhor cumpriu sua missão, venceu suas batalhas. Descanse da guerra. Vá em paz Vô.”</i>
<i>“Em curta vida realizou grande existência. Homenagem dos professores, cadetes aeronáutica, alunos colégio Bias Fortes de Barbacena.”</i>
<i>“Abnegado servidor dos pobres, símbolo da caridade ficará sempre na lembrança de seus contemporâneos.”</i>
<i>“Durante toda sua existência teve como lema: o trabalho, a honra e a honestidade.”</i>
<i>“Gratidão e reconhecimento da venerável arquiconfraria de N. Senhora das Mercês.”</i>
<i>“Ao grande maestro de nossas vidas, saudades sempre, amor eterno.”</i>
<i>“Ao nosso grande mestre saudades de seus discípulos.”</i>
<i>“Cumpru seu papel no dia a dia, fortaleceu e engrandeceu nossas vidas. Foi um exemplo a ser seguido, um presente de DEUS.”</i>
<i>“Se Prudência, Bondade, Alto Critério, Couzas que o Céu reclama para si, Podéssem repousar num cemitério, Jazeriam aqui: Singela, nobre, límpida existência! Mais de oitenta annos sem ninguém magoar! Patria, exulta se della a descendência Sempre em tudo a imitar.”</i>
<i>“Você se foi, mas deixou uma lição de vida para todos nós!”</i>
<i>“Ele continua entre nós, nas nossas histórias, memórias, trabalho... Enfim, em nossas vidas. Nosso espelho de alegria de viver, de retidão e de amor ao próximo.”</i>
<i>“Vida no Amor!”</i>

<i>Serviço, doação generosidade.”</i>
<i>“Obrigado Mamã, pelo seu amor, dedicação e exemplo. Para sempre nos corações de seus filhos, netos, bisnetos, genros e noras.”</i>
<i>“Esposa e mãe exemplar.”</i>
<i>“Mulher guerreira, corajosa, exemplo de vitória. Parabéns.”</i>
<i>“Aqui repousa um anjo.”</i>
<i>“Esteve e está presente entre nós para sempre. Você é o nosso HERÓI. Deus à frente...”</i>
<i>“Aqui jaz um homem temente a Deus. Amava a família, a música e o trabalho. Dele, saudades dos seus.”</i>
<i>“Sua vida foi um exemplo de fé e humildade”.</i>
<i>“Exemplo de amor, fé e caridade. Reconhecimento pleno, gratidão, descanse em paz.”</i>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte existe em nossas vidas como uma sombra, colocando em pauta questões como a perda dos que amamos e o fim dos nossos projetos e de nossa existência terrena. O medo maior, talvez, não esteja tanto na morte em si, mas no desconhecido de suas circunstâncias, no não saber quando e como acontecerá. Ao mesmo tempo, sentimos que já estamos vivenciando essa realidade a todo instante, por meio da morte do outro – e a dor da separação - mas também pela morte dos nossos sonhos, ideais e projetos. Em consequência, podemos afirmar que a forma como vivemos a vida determina como vivemos a finitude. Só quando integramos – e aceitamos – a morte, podemos viver plenamente a vida.

E essa busca por compreender a vida – quem somos, de onde viemos, para onde vamos – e por descobrir seu sentido é algo essencial, que vem ao encontro do ser humano de maneira diferenciada ao longo de toda a sua existência e que se manifesta pelas palavras. De modo muito particular – experimentamos essa dor - quando perdemos alguém que amamos e que conspirava conosco, repartindo o calor e afeto. Um dia, no confronto com a morte, aquele corpo amado, deixa de mover-se e já não nos responde. Prepará-lo para essa partida definitiva de nunca mais poder vê-lo, nem tocar-lhe a pele e nem escutar as suas palavras e deixá-lo sob a lápide, no cemitério é, certamente, uma das experiências mais pungentes e dolorosas. Nas poéticas palavras de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe: “- *Tu compreendes. É muito longe. Eu não posso carregar este corpo. É muito pesado. Mas será como uma velha concha abandonada. Não tem nada de triste numa velha concha...*”

Por isso, as palavras, diante da morte, veiculam mensagens de vida e, como vimos, nas mensagens dos escritos epigráficos, elas estão prenhes de afeto, saudade, esperança, fé e gratidão. Transbordam sentimento e luto e, por isso, são tristes, mas não somente tristes, porque são também curativas.

Assim, a hermenêutica ricoeuriana revela ser de grande valia, sobretudo porque todos os seus percursos – justamente por versarem sobre a existência humana – se negam a se encerrar numa *theoria* desconexa da *praxis*. Trata-se de uma proposta que interpreta o mundo (todo o horizonte da preocupação do si) para, a partir de sua explicação e compreensão, vislumbrar novos modos de ser com base nos quais podemos atuar a transformação desse mesmo mundo.

Ao apresentarmos e analisarmos o corpus dos epitáfios coletados nos cemitérios de São João Del Rei, podemos afirmar que, diante da morte, o fenômeno de conhecer e procurar a verdade, uma explicação, um consolo e um sentido surge

com o mistério da palavra. As coisas sempre recebem uma explicação e um nome e a história da humanidade é caracterizada pela busca incessante de dizer o que as coisas são. Tanto a percepção sensorial quanto a representação mudam em termos qualitativos com o surgimento da linguagem, pois esta se liga indissolavelmente ao pensamento. Pela linguagem, a pessoa fixa, apreende o mundo e tem uma visão panorâmica dele. Não é por acaso que o desenvolvimento da linguagem começa com a função de nomear, quando a criança já ficou de pé e começou a andar de cabeça erguida e as mãos livres. Com essa visão panorâmica, a linguagem transforma-se em um instrumento humano, em um meio de lidar com o mundo e orientar-se nele. Com a aplicação da palavra ao mundo, a pessoa se distancia dele, o que permite a organização, a ordenação e a clarificação daquilo que é percebido no espaço vital. Graças à linguagem, a pessoa não só pode sair de sua intimidade, da prisão do mutismo, seja expressando seus sentimentos, como no caso de quem sofre, seja descrevendo a realidade, como o cientista, ordenando ou impedindo uma ação ou produzindo uma realidade, como um sacerdote.

A análise dos epitáfios dos cemitérios sanjoanenses mostrou que os epitáfios se constituem tanto a partir de elementos da memória e dos modelos mentais afetados pela ideologia de um determinado contexto (memória social compartilhada). Isso é perceptível nas expressões de fé cristã que se manifestam nos monumentos e nas palavras utilizadas. Em todas elas percebemos a ideologia da fé cristã, de modo muito acentuado, da fé católica. E a cognição nessa conjuntura tem o importante papel de intermediar as relações entre o discurso e a sociedade. Dessa forma, a representação mental do conceito de morte é construída através da intermediação da cognição.

A construção do ideário da morte na sociedade, portanto, é fruto das representações mentais da memória social e essa perspectiva em relação à morte é evidenciada nos epitáfios, refletindo através das palavras e dos campos semânticos a visão de mundo de determinado grupo social. No caso estudado, de uma visão fundamentada na ideologia cristã de fé e de esperança da vida eterna, que se entrelaçam na composição das mensagens epigráficas.

A percepção do uso das palavras nos epitáfios e o discurso que neles se veicula fez-nos constatar que essas práticas respondem a uma necessidade social e cultural do homem de lidar com o corpo/cadáver daqueles que já deixaram de agir em todas as esferas do cotidiano social e precisam ser inseridos em um novo lugar

social. As palavras, neste aspecto se prestam ao enlutado como um remédio que o ajuda na superação e no enfrentamento de sua dor. Tornam visível, diante da morte, os propósitos da vida, com os significados e sentimentos que afluem no mar de desolação diante da perda do ser amado.

Desta forma, os cemitérios com palavras são cemitérios que exaltam os sentimentos humanos, permitindo que a dor, ao se tornar pública, ao ser escrita e comunicada, ela seja também “*canalizada*”, como numa relação terapêutica, proporcionando alívio e compreensão, saúde e integração pela composição do discurso epigráfico dentro do processo morte e vida.

No mundo contemporâneo que nega a morte, tem hoje importância um cemitério sem palavras e sem monumentos. Um cemitério jardim que dispensa o discurso iconográfico e epitáfico, substituindo tudo pela monotonia do verde. O cemitério converteu-se em espaço agradável e sem memória. Bastam o nome e as datas de nascimento e morte. É um cemitério que dissimula a morte de maneira totalizante. É quase um espaço de lazer. Nele não há espaço para a memória e em decorrência, não há espaço para os sentimentos. Na expressão de Ariés (1990), o “*nada*” se impõe de forma incompleta, retirando os monumentos e as palavras, deixando somente o nome, tal como uma resistência que se apoderou do morto, como se fosse um elo fixado na pedra para não ser retirado e apagado pela temporalidade.

Existe também hoje a tendência a patologizar e a psiquiatrizar os sentimentos de tristeza, enfraquecendo qualquer positividade neles existente, mesmo quando suas manifestações fazem parte de um pensar elaborativo, por exemplo, em um processo de luto. Essa atitude fortalece, por um lado, a tendência à medicalização, por vezes inadequada, na tentativa de eliminar sentimentos de tristeza que deveriam ser vividos. Imprime-se assim um ponto de vista de acordo com o qual a “*alegria*” deve estar presente mesmo quando há ausência de felicidade: portanto, uma visão de alegria e felicidade que jamais comportaria a tristeza. No entanto, sabemos que a tristeza é um dos elementos do existir do homem – de sua condição ontológica -, portanto daquilo que o faz existir em sua humanidade.

Diversas mudanças na sociedade moderna afetam as celebrações rituais ligadas à morte. Isso se deve à influência da urbanização e da secularização dos valores, dos costumes, dos sentimentos e, também, do caráter da morbidade e da mortalidade, com a redução da incidência de doenças que prolongavam a agonia e prenunciavam o desenlace e com o sistema de hospitalização dos casos graves, em

vez do acompanhamento em casa. Essas mudanças são menos acentuadas nos meios mais conservadores das zonas rurais e no interior. Era costume, no Brasil, cercar o doente, especialmente quando à beira da morte, de parentes e amigos que já o vinham rodeando nas fases mais agudas da doença e nas enfermidades crônicas, para ajudá-lo a morrer, recitando-se, coletivamente, orações que os devocionários indicavam. O luto tinha a intensidade e a duração determinadas pelos laços de parentesco com o falecido. Destinava-se a demonstrar publicamente o sentimento de pesar pela perda de alguém, durante um período de um ano ou de meses, acentuado de restrições ao comportamento de contida exteriorização do riso e de expressões observáveis de alegria, de abstenção relativa de presença a festas e, principalmente, da obrigatoriedade do uso de sinais exteriores: para as mulheres roupas pretas ou roxas e combinação de tons escuros com o branco, numa fisionomia abatida e sem maquiagem. Para os homens, o fumo no braço direito ou na lapela, consistindo numa faixa negra sobre a roupa escura, cinza ou branca. Tal exteriorização funcionava para coibir, pela estranheza que causava, a presença e participação em reuniões e grupos que pudessem desrespeitar aqueles sentimentos pela risada, pela gargalhada ou pela música profana, pelo uso de cores fortes, como o vermelho e o amarelo. Dizia-se, assim, que o luto era, conforme a sua severidade, pesado ou aliviado. Hoje, tudo isso mudou. Há apenas um anúncio do óbito e convite para as celebrações religiosas e as reverências se aplicam conforme o status do falecido e de seus familiares.

Hoje a sociedade rejeita e proíbe o luto. Deixou de ser conveniente exibir ou sequer aparentar, qualquer sinal de desgosto. É possível, nos dias de hoje, a um jovem tornar-se adulto sem jamais ter visto alguém morrer. E aqueles que já viram um morto, adotam instantaneamente o comportamento dos que nunca viram e esquecem-no facilmente. Os funerais tradicionais e as manifestações exteriores de luto tornam-se pouco comuns, sobretudo nas cidades grandes, sendo até consideradas por alguns como práticas inconvenientes e supersticiosas. Em muitos países da Europa, entre outros do mundo, a cremação se impõe como o melhor meio para se desembaraçar dos mortos. É um processo rápido, higiênico, eficaz e ambientalmente correto, excluindo o culto dos cemitérios e a peregrinação aos túmulos.

Essa postura impõe um comportamento que a sociedade passa a exigir das pessoas no que se refere à manifestação dos sentimentos. Há uma mentalidade de que lidar com a morte pode “traumatizar” a pessoa. Por isso, ela não

deve deter nada e nem comprometer ninguém. A vida social deve continuar, sem a mínima interrupção ou necessidade de tempo para pensar a morte. Há um preconceito com relação à demonstração do luto e evita-se aproximar de alguém “*difícil de animar*”. Isso é extremamente contraditório, já que alguém que esteja deprimido ou psicologicamente triste precisa, mais do que nunca, de uma palavra de consolo e de ser compreendido em sua dor.

Em consonância com Oliveira (1999, p. 176), a recusa moderna do luto acarreta efeitos psicossociológicos terríveis e de consequências imprevisíveis: não expressando os seus sentimentos exteriormente, o indivíduo tem de os “*armazenar*” em si. Algumas pesquisas indicam que ele fica, então, mais fragilizado e propenso a desenvolver doenças, como o câncer – pois existe uma inter-relação entre o sistema nervoso e o sistema imunológico (pela interface entre os neurônios – células nervosas – e os linfócitos – células do sistema linfático). Existem pessoas que não sentem necessidade do luto. Mas esta não é a regra. E todos somos constrangidos a envergar uma máscara opressora. Este é o comportamento profissional de muitos médicos e enfermeiros num hospital. O único modo de um enlutado não ser excluído da sociedade é renunciando à sua solidão e continuando, sem interrupção, a sua vida de relações, ocupação e lazer. Na expressão de Ariès (1989, p. 162): a interdição do luto leva o sobrevivente a aturdir-se com trabalho ou, no limite da sem razão, a fingir viver na companhia do defunto, como se ele continuasse ali, ou também, a substituir-se a ele, imitando os seus gestos, palavras e manias, e por vezes, em plena neurose a simular os sintomas da doença que o vitimou.

Muitas são, pois, as contribuições que o desenvolvimento desta pesquisa nos concedeu. Primeiramente, ao mesmo tempo em que ela consistiu em um desafio no que se refere ao tema e à proposta de análise do *corpus*, entretanto, o aparato conceitual ricœuriano e o diálogo com diversos pensadores e correntes que tratam da questão da morte e do luto permitiu-nos expandir o cabedal de conhecimento e torná-lo mais diversificado e interdisciplinarmente enriquecido. O tratamento das temáticas e, sobretudo dos métodos hermenêuticos ofereceu-me, outrossim, grande subsídio para futuros estudos psicológicos e linguísticos, particularmente no que alude à questão do afeto. Disso, resta a lição de que o bom pensador deve estar aberto às diversas contribuições intelectuais, não para estar pronto a repeti-las, mas para reinterpretá-las e inová-las.

*Mãe:*

*Que desgraça na vida aconteceu,*

*Que ficaste insensível e gelada?*

*Que todo o teu perfil se endureceu*

*Numa linha severa e desenhada?*

*Como as estátuas, que são gente nossa  
Cansada de palavras e ternura,  
Assim tu me pareces no teu leito.  
Presença cinzelada em pedra dura,  
Que não tem coração dentro do peito.*

*Chamo aos gritos por tí - não me respondes.  
Beijo-te as mãos e o rosto - sinto frio.  
Ou és outra, ou me enganas, ou te escondes  
Por detrás do terror deste vazio.*

*Mãe: abre os olhos ao menos, diz que sim!  
Diz que me vês ainda, que me queres.  
Que és a eterna mulher entre as mulheres.  
Que nem a morte te afastou de mim!*

**Miguel Torga**

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, J. Capistrano. **Caminhos Antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, Cultura, Memória – Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte**. (TESE). UFMG, 2007.

ALMEIDA, Antônio Rodrigues de. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto editora, 2008.

ALVES, Rubem. **O médico**. Campinas: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre a vida e a morte**. São Paulo: Paulinas, 1995.

ANAUT, Marie. **La résilience**. Surmonter les traumatismes. Paris: Editions Université Nathan, 2002.

ANDERSON, E., MADDRELL, A., MCLOUGHLIN, K., VINCENT, A. **Memory, Mourning, Landscape**. Amsterdam-NewYork: Rodopi, 2010.

ANTUNES, João Lobo. **Inquietação interminável**: ensaios sobre ética das ciências da vida. Lisboa: Gradiva, 2010.

ARANTES CAMPOS, Adalgisa. **A terceira devoção do Setecentos mineiro – o culto a são Miguel e Almas**. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1994.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. A Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1961.

ARCHER, J. Theories of grief: past, present, and future perspectives. In: STROEBE, S., et alli. **Handbook of bereavement research and practice**: advances in Theory and Intervention. Washington: American Psychological Association, 2008.

ARIÉS, Philippe. **O homem diante da morte**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2006.

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO. **Primeiros Descobridores das minas de ouro na Capitania de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1924.

ASSOCIATION FOR DEATH AND COUNSELING, THE THANATOLOGY ASSOCIATION. **The Essential Body of Knowledge for the Study of Death, Dying, and Bereavement**. Florence, Kentucky, USA: Routledge, 2007.

AUBERT, Jean-Marie. **E depois... Vida ou Nada?** Ensaio sobre o além. São Paulo: Paulus, 1995.

AZEVEDO, F. C. **Família sob as lentes da teoria sistêmica**. RedePsi. 2008. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2008/12/16/fam-ia-sob-as-lentes-da-teoria-sist-mica/>>. Acesso em: 04/abr./2011.

AZEVEDO, Thales de. **Ciclo da vida, ritos e ritmos**. São Paulo: Ática, 1987.

BACHELARD, Gaston. **La dialectique de la durée**. Paris: PUF, 1958.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALINT, Michael. **O médico, o seu doente e a doença**. Lisboa: Climepsi, 2000.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Saterb, 1971.

BARDI, Pietro Maria. **Pequena História da Arte**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **As vilas del-rei e a cidadania de Tiradentes**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1976.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Jardim regado com lágrimas de saudade: morte e cultura visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (Rio de Janeiro, Século XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. Lisboa: edições 70, 1976.

\_\_\_\_\_. **L'Échange symbolique et la mort**. Paris: Gallimard, 1976.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido Oculto dos ritos mortuários, morrer é morrer?** Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.

BECKER, Ernest. **La lucha contra el mal**. México: FCE, 1992.

BENVENISTE, Emile. **Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Gallimard. Tomo I, 1966.

BIRMAN, Joel. Escritura e psicanálise Derrida, leitor de Freud. In: **II Encontro de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise**. 2006. São Paulo: USP, nov. 2006.

BONANO, G. A.; KALTMAN, S. **Toward an integrative perspective on bereavement**. Psychological Bulletin, v. 125, n.6, p. 760-776, 1999.

BORGES, Maria Elízia. **Arte Funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da Arte Brasileira.** XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte. UFB, 2002. Disponível em: <<http://www.cbha.art.br/coloquios/2002/textos/texto26.pdf>>. Acesso em: 05/abr./2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil SA, 1989.

BOWLBY, J. **Apego e perda: Apego, a natureza do vínculo.** Vol. 1. Da triologia. São Paulo: Martins fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Apego e perda: Perda, tristeza e depressão.** Vol. 3. Da triologia. São Paulo: Martins fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Apego.** Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Formação e Rompimento de Laços Afetivos.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **La pérdida afectiva, tristeza y depression.** Barcelona: Paídos, 1993.

BOXER, C:R. **O Império Colonial Português (1415 -1825).** Lisboa: Edições 70, 1969.

BLANK, Renold J.. **Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus.** São Paulo: Paulus, 2001.

BLANK, Renold J.. **Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição.** São Paulo: Paulus, 2000.

BRAET, H.; VERBEKE, W. **A morte na Idade Média.** São Paulo: Edusp, 1996.

BROMBERG, M.H.P.F. (org.). **A Psicoterapia em Situações de Perdas e Luto.** 2. ed. Campinas-SP: Editorial Psy, 1997.

BROWN, F. H. O impacto da morte e da doença sobre o ciclo de Vida Familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia familiar.** 2 ed. Porto alegre: Artmed, 1995. P. 393 -414.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Quando Cristo vem...: a parusia na escatologia cristã.** São Paulo: Paulus, 2001.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, Maristela. **Construções tumulares e representações de alteridade: materialidade e simbolismo no cemitério municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011.** Revistainter-legere. Jan/jun./2013.

CARVALHO, Francisco de Assis. **Entre a Palavra e o Chão: memória toponímica da Estrada Real.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

CASELLATO, Gabriela. **Luto por abandono: enfrentamento e correlação com a maternidade.** Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2004.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the Network Society: the information Age.** Vol. I. Oxford: Blackwell, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **Los demonios del hombre.** Barcelona: Gedisa, 1998.

CASTRO, A. E. F. **Quando um filho morre antes dos pais.** Diário da mãe de um anjo. 2011. Disponível em: <<http://espacoangelical.blogspot.com.br/2011/07/quando-um-filho-morre-antes-dos-pais.html>>. Acesso em: 06/abr./2011.

CATECISMO DA IGREJA CATOLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.

CATROGA, Fernando. **O culto dos mortos como uma poética da ausência.** ArtCultura. Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun,2010. Disponível em: <[http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f\\_catroga\\_20.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf)>. Acesso em: 10/nov./2013.

CATROGA, Fernando (Org.). **História da História em Portugal, sécs. XIX-XX.** Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

CESAR, Constança Marcondes. **A hermenêutica francesa.** Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

CHERRY, Colin. **On Human Communication: a Review, a Survey and a Criticism.** Cambridge MA: The MIT Press,1996 [1957].

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CHIAVENATTO, J.J. **A morte – uma abordagem sociocultural.** São Paulo: Moderna, 1998.

COELHO, Antônio Matias. **Atitudes perante a Morte**. Coimbra: Livraria Minerva, 1991.

COELHO, Maria Renata Machado Vaz Pinto. **Palavras na Pedra: uma análise do luto a partir da elaboração e leitura de epitáfios**. (TESE). PUC-SP, 2000.

COMTE, Auguste. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Disponível em: <[http://www.ess.inpe.br/courses/lib/exe/fetch.php?media=wiki:user:andre.zopelari:colacao\\_-\\_os-pensadores\\_-\\_augusto-comte.pdf](http://www.ess.inpe.br/courses/lib/exe/fetch.php?media=wiki:user:andre.zopelari:colacao_-_os-pensadores_-_augusto-comte.pdf)>. Acesso em: 10/nov.2013.

COPAN, Paul. **The Routledge Companion to Philosophy of Religion**. London and New York: Routledge, 2010.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Jorge Teixeira da. **Bioética Breve**. Lisboa: Paulus, 2002.

D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves. **Os que partem, os que ficam**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1991.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DELALIBERA, Mayra Armani. **Adaptação e validação portuguesa de avaliação do instrumento de avaliação do luto prolongado: prolonged grief disorder**. 1981. 13 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Portugal. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2255>>. Acesso em: 21/abr./2012.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Escritura e diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mal de arquivo – uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. Mourir – s’attendre aux limites de la vérité. In: A.A.V.V. **Le Passage des Frontières**. Autour du travail de Jacques Derrida (Colloque de Cérisy), Paris: Ed. Galilée, 1994.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

DESPELDER; Lynne Ann; STRICKLAND, Lee. **The last dance: encountering death and dying**. New York: Mc Graw Hill, 2010.

DIAS, Maria Luiza. Suicídio. **Testemunhos de adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário das Ciências Humanas**. Lisboa: Climepsi Editores, 2004.

DURANT, Gilbert. **L’imagination symbolique**. Paris: PUF, 1964.

ELIAS, Norbert. **La Solitude des Mourants**. Paris: Christian Bourgeois Éditeur, 1998.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

EVERSTINE, D.; EVERSTINE, L. **The trauma response: Treatment for emotional injury**. Nova York: Norton & Company, 1993.

FAIRBAIRN, Gavin J. **Suicídio: a linguagem e a ética do dano pessoal**. São Paulo: Paulus, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FILIPAK, Francisco. **Teoria da Metáfora**. Curitiba: HDV, 1983.

FLORES, Luiz Felipe Nece. **Memoires migrantes**. Migration et idéologie de la mémoire sociale. *Ethnologie Française*, XXV, 1995, 1, p.45.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Des terres aux Villes de L’or – Pouvoirs et Territoires Urbains au Minas Gerais (Brésil, VXIII Siècle)**. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Loyola, abr. 2006.

FRANCO, Clarissa de. **A Cara da Morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo**. 2008. 210 f. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências da Religião). PUC-SP. Disponível em:

<[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6609](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6609)>. Acesso em: 21/abr./2012

FRANCO M.H. P. (org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas: Livro Pleno, 2002.

\_\_\_\_\_. Luto como experiência vital. In: SANTOS, F. S. (org.). **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto**. Natal: EDUFRN, 2006.

FREITAS, N.K. **Luto materno e psicoterapia breve**. São Paulo: Summus, 2000.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. (1920) **Além do Princípio do prazer**. Obras Completas. V. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. **Artigos sobre Metapsicologia**. (Luto e Melancolia/ 1917). Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. 5. ed. Petrópolis, RS: Vozes, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMES, Francisco José Silva. **Cristandade Medieval – Igreja e Poder: representações e discursos (Séculos IV – XI)**. Disponível em: <<http://refletindobrasil.files.wordpress.com/2010/11/cristandade-medieval.pdf>>. Acesso em: 10/nov./2013.

GREINER, Chistine, Org.: AMORIM, Cláudia. **Leituras da morte**. São Paulo: Annablume, 2007.

GRIFFA, Maria Cristina & MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento**. Tomo 1: vida pré-natal, etapas da infância. São Paulo: Paulinas, 2001.

GRINBERG, León. **Culpa e Depressão**. Lisboa: Climepsi Editores, 2000.

GROLLMAN, Earl. **Alguém que eu amava morreu**. Belo Horizonte, Crescer, 2002.

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial 2012.

GRUN, Anselm. **A sublime arte de envelhecer e tornar-se uma bênção para os outros**. Lisboa: Paulinas, 2007.

HAGMAN, G. Beyond deathecis toward a new psychoanalytic relationship and treatment of mourning. In: NEIMEYER, R.A. **Meaning reconstruction & the experience of loss**. USA: American Psychological Association, 2001. P. 13-31.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

\_\_\_\_\_. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1950.

\_\_\_\_\_. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

HEIDEGGER, Martin. **O ser e o tempo**. Vol. I e II. Petrópolis: Vozes, 2000.

HENNEZEL, Marie de. **A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La religion poue mémoire**. Paris: Cerf, 1993.

HOGAN, Nancy and SCHMIDT, Lee A. **Testing the Grief to Personal Growth Model Using Structural Equation Modeling**. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07481180290088338#preview>>. Acesso em: 01/mai./2012.

HOROURITZ, A. V. e WAKEFIELD, J. C. **Obsession: A History, and: The Loss of Sadness: How Psychiatry Transformed Normal Sorrow into Depressive Disorder, and: Shyness: How Normal Behavior Became a Sickness, and: Bipolar Expeditions: Mania and Depression in American**. Literature and Medicine. Volume 28, Number 1, Spring 2009, pp. 152-171 (Review) Culture (review). Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/lm/summary/v028/28.1.lewis.html>>. Acesso em: 20/out./2011.

HUAL, León. **Terapia eficaz para se levantar de uma recaída**. São Paulo: Paulus, 1997.

KABATEK, Johannes. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. In: Ciapuscio/Jungbluth/Kaiser/Lopes (eds.), *Sincronia y diacronia de tradiciones discursivas en Latinoamérica*, Frankfurt a.M. (Vervuert), 2006, p. 151-172.

KAUFFMAN, Jeffrey. **The Shame of Death, Grief, and Trauma**. New York-London: Routledge, 2010.

KIRSCHBAUM, E., JUNYENT, E., VIVES, J. **La tumba de San Pedro y las catacumbas romanas – Los monumentos y las inscripciones**. Madrid: La Editorial Católica, S.A., 1934.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Maria Cristina (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **A roda da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

\_\_\_\_\_. **La mort, dernière étape de la croissance**. Ottawa: Éditions du Rocher, 1985.

\_\_\_\_\_; KESSLER, David. **Os segredos da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

KUBLIKOWSKI, Ida. **A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade**. 2001. Tese (Doutorado). São Paulo: PUC-SP.

KUHN, J. **Aufbruch in ein neues Land**. Das Alter als Aufgabe, Estugarda, 1986.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor.** The University of Chicago Press. 1989.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live BY.** Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGER, S. **Filosofia em nova chave.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

LAPIERRE, Nicole. **Dialectique de la mémoire et de l'oubli.** Communications, n.49, 1989. p. 5-10.

LAURENT, F. **Lettres sur la question des Cimetières.** Paris: Librairie Internationale, 1864.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 200

\_\_\_\_\_. **O nascimento do Purgatório.** São Paulo: Estampa, 1995.

LELOUP, Jean-Yves. **Além da luz e da sombra: sobre o viver, o morrer e o ser.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica.** Petrópolis: Vozes, 1987.

LEVIN, Esteban. **A função do filho: espelhos e labirintos da infância.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **La pensée sauvage.** Paris: Plon, 1962.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **A Capitania das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. 1978.

\_\_\_\_\_. **História dos diamantes nas Minas Gerais – Século XVIII.** Rio de Janeiro/Lisboa: Edições Dois Mundos, 1945.

LOBB, Elizabeth A. et al. **Predictors of Complicated Grief: a systematic review of empirical studies.** Disponível em: <

LOPES, Amélia. **Libertar o desejo resgatar a mudança.** À construção de identidades profissionais em docentes do 1º CEB. 1999. 765 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais > Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Portugal.

MACEDO, João Carlos Gama Martins. **Educar para a morte.** Coimbra: Almedina, 2011.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Emoções Humanas e Significação numa Perspectiva Histórico-Cultural do Desenvolvimento Humano:** um estudo teórico da obra de Vigotski. 2010. 193 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2010. Disponível em: <[http://www.vigotski.net/ditebras/magiolino\\_2.pdf](http://www.vigotski.net/ditebras/magiolino_2.pdf)>. Acesso em: 06/mai./2012.

MAIN, Mary. Attachment: overview, with implications for clinical work. In: **Attachment Theory Social, developmental and clinical perspectives.** Goldberg, Muir & Kerr, Analic Press, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2004.

MALISHEV, Mijail. **En busca de la dignidad y del sentido de la vida.** Universidad Autónoma de Nuevo León. México: Ed. Plaza y Valdés, S.A., 2002.

MANNONI, Maud. **O nominável e o inominável, a última palavra da vida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MATOSO, José. **O Reino dos Mortos na Idade Média.** Lisboa: Editora Peninsular, 1996.

MELO, Rita [PDF] **Processo de Luto:** O inevitável percurso face a inevitabilidade da morte. 2004. Disponível em: <<https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/165439/1/Luto.pdf>>. Acesso em: 04/set./2011.

\_\_\_\_\_. **Amor e Perda:** as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus, 2009.

MERCER, Neil. **Words and Minds:** How we use language to think together. Londres: Routledge, 2000.

MIRANDA, Evaristo de. **Agora e na hora:** ritos de passagem à eternidade. São Paulo, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MONTAIGNE, Miguel de. **Ensaaios. Coleção Os Pensadores XI**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MORIN, Edgar. **L'homme et la mort**. Paris: editions seuil, 1970.

\_\_\_\_\_. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NASCIMENTO, Wlandir Vieira do. **Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo**: um projeto da elite católica na Velha República. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca-SP. 1999.

NEWSTOK, Scott L. **Quoting death in early modern England**: the poetics of epitaphs beyond the tomb. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

NORA, Pierre (org.) **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

NOUWEN, Henri J. M. **A voz íntima do amor**: uma jornada através da angústia para a liberdade. São Paulo: Paulinas, 1999.

NULAND, Sherwin B. **Como morremos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Abílio. **O desafio da morte**: convite a uma viagem interior. Lisboa: Notícias editorial, 1999.

OLIVEIRA, Leila Miria. **Cemitérios sagrados mineiros das cidades de Sabará, Ouro Preto e São João Del Rei – Séculos XIX e XX**. 1998. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca-SP. 1998.

OLIVEIRA, Lenise Grasielle de. **Da inscrição ao apagamento**: memória e morte. Revista Memento. N. 1, v. 1, jan.-jun. 2009. Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura. Três Corações: Unincor. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/memento/article/view/36/28>>. Acesso em: 04/set./2011.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-programática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2006.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para as crianças**. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2011.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

PANDOLFI, Aghata. **O que a morte não destruiu daquele que partiu**: a construção de significados no processo de luto materno. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). PUC-SP, 2012. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=15263](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15263)>. Acesso em: 20/out./2011.

PANGRAZZI, Arnaldo. **Convivendo com a perda de uma pessoa querida**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PANGRAZZI, Arnaldo. **Il lutto**: un viaggio dentro la vita. Torino: edizioni Camiliane, 1991.

PARKES, C. Murray. **Luto**: estudos sobre perdas na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.

\_\_\_\_\_. Luto como experiência vital. In: SANTOS, F. S. (org.). **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

PARKES, C. M.; LANGANI, P.; YOUNG, B.. **Morte e luto através das culturas**. Lisboa: Climepsi Editores, 2003.

\_\_\_\_\_. **Death and Bereavement Across Cultures**. London: Routledge, 1997.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEREIRA, Maria Aurora G.. **Comunicação de más notícias e gestão do luto**. Coimbra: Formasau, 2008.

PRIGERSON H. **Complicated grief**: when the path of adjustment leads to a dead-end. *Bereavement Care*, 23, pp 38-40, 2004.

\_\_\_\_\_. Time Will Tell: Pathways to Prolonged Grief, Pathways to Acceptance. Palestra apresentada no Oitavo Congresso Internacional sobre Luto na Sociedade Contemporânea, em Melbourne, Austrália, 2008. In: FRANCO, M.H. P. **Luto como experiência vital**. Apud: SANTOS, F.S. *Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, 2009.

RAIMBAULT, Ginette. **La muerte de un hijo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.

RANDO, T. A. **Parental loss of a child**. Champaign: Research Press Company, 1991.

\_\_\_\_\_. **The increasing prevalence of complicated mourning: the onslaught is just beginning**. Omega. V. 26, n. 1, p. 43-59, 1992/1993.

RANGEL, Alda Patrícia Fernandes Nunes. **Amor Infinito: histórias de pais que perderam seus filhos**. São Paulo: Vetor, 2008.

REBELO, José Eduardo. **Desatar o nó do luto: silêncios, receios e tabus**. Lisboa: Notícias editorial, 2010.

REIS, João José. **A morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. História da Vida Privada no Brasil. V. 2. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

RIBEIRO, Alessandra Monachesi. **Antonio Manuel – corpo, memória e morte**. ARS (São Paulo) vol. 6 n. 11, São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Dimas dos Reis. **Cemitérios sem mistérios**. A arte tumular do Sul de Minas – 1890 a 1925. Alterosa-MG: Editora do Autor, 2006.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira César. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Teoria da interpretação**. O discurso e o excesso de significação. Trad. por Artur Moão do original inglês Interpretation Theory: discourse and the surplus of meaning. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RILKE, Rainer Maria. **Da solidão e da doença, sobre a morte e sobre a vida**. Lisboa: Largebooks, 2009.

RIEMANN, Fritz. **Dies Kunst des Alterns**. Estugarda, 1981.

RITTNER, M. **Aprendendo a dizer adeus**: quando a morte machuca seu coração. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

RODRIGUES, A. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: achiamé, 1980.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além**: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RODRIGUEZ, I. **A Perda**. 2009. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1498>>. Acesso em: 20/dez./2010.

RUEDELL, Aloísio. **Da representação ao sentido**: através de Schleiermacher à hermenêutica atual. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

SANDERS, C. Grief. **The Mourning After**: Dealing with Adult Bereavement (2nd ed.). New York: John Wiley & Sons, Inc. 1999.

SANTANA, F.J.S. **A retórica fúnebre**: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. 2011. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco. Recife- PE. 2011. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2011/teses/tese-fabiola-santana.pdf>>. Acesso em: 10/nov./2013.

SANTANA, F.J.S.; **A tradição discursiva em lápides tumulares do século XIX**. Soletas Revista. nº 15. São Gonçalo: UERJ, jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletas/article/view/4837/3567>>. Acesso em: 19/set./2012.

SANTOS, Emerson Régio dos. **A Palavra escrita e os processos de produção de sentidos**. 2009. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Língua Portuguesa). PUC-SP, 2009.  
SANTOS, Franklin Santana. Cuidados paliativos: discutindo a vida a morte e o morrer. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

SANTOS, Joana Vieira. **Linguagem e comunicação**. Coimbra: Almedina, 2011.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1985 [1915].

SCHIMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SHAVER, P.R. & HAZAN, C. A based overview of the study of love. In: **Journal of Social and Personality Relationships**. Vol, 5, 473-501, 1988.

SIEGA, C. M. **Aspectos emocionais envolvidos no processo de perda e luto nas diferentes fases do ciclo de vida familiar**. 2008. 42 f. Monografia. Familiare Instituto Sistêmico. Florianópolis-SC. 2008. Disponível em: <[http://www.institutofamiliare.com.br/download\\_anexo/caroline-michels-siega-parte-2.pdf](http://www.institutofamiliare.com.br/download_anexo/caroline-michels-siega-parte-2.pdf)>. Acesso em: 19/set./2012.

SILVA, D.R. Famílias e situações de luto. In: OSÓRIO, L. C.; VALLE, M.E.P. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, Maurina Passos Goulart Oliveira da. **Palavra, Silêncio, Escrita**: a mística de um currículo a caminho da contemplação. 2008. 172 f.. Tese (Doutorado em Educação). PUC-SP, 2008. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6775](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6775)>. Acesso em: 20/set./2012.

SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Política & Trabalho. Ano 14, n.14, João Pessoa, PPGS-UFPB: Setembro 1998, pp. 177-182.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. **A representação da morte em epitáfios**. ReVel. v.11, n.20, 2013. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/14064981e27076e77c90048dac9fe5fa.pdf>>. Acesso em: 10/nov./2013.

SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. R. (orgs.) **A Significação nos Espaços Educacionais**. Campinas, SP: Papirus,1997.

SOARES, Emiliana Souza. **Epitáfio**: um gênero na fronteira entre a vida e a morte. In: I COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM. Nov. 2007, Natal. Anais em CD-ROM.

STEDFORD, A. **Encarando a morte**: uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

STROEBE, Margaret S. et al. **Handbook of Bereavement Research and Practice: Advances in Theory and Intervention**. Washington, DC, US: American Psychological Association, 2008.

THOMAS, Louis-Vicent. **Mort et Pouvoir**. Paris: Éditions Payot, 1999.

\_\_\_\_\_. **Le Cadavre.** De la biologie à l'antropologie. Paris: Éditions Complexe, 1980.

TIMPANARO, Mirtes. **A morte como memória: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás.** Dissertação (Mestrado em História Social). 2006. 246 f. USP-SP. São Paulo. 2006. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.theses.usp.br%2Ftheses%2Fdisponiveis%2F8%2F8138%2Ftde-16072007-112946%2Fpublico%2FTESE\\_MIRTES\\_TIMPANARO.pdf&ei=y8zPUq6XHcS3kQfytYDwAw&usg=AFQjCNEHoJw-Klfbh6XfPfEmsdlZqlu\\_vw&sig2=HAXFY0NUsI9FzU-umCOE1Q](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.theses.usp.br%2Ftheses%2Fdisponiveis%2F8%2F8138%2Ftde-16072007-112946%2Fpublico%2FTESE_MIRTES_TIMPANARO.pdf&ei=y8zPUq6XHcS3kQfytYDwAw&usg=AFQjCNEHoJw-Klfbh6XfPfEmsdlZqlu_vw&sig2=HAXFY0NUsI9FzU-umCOE1Q)>. Acesso em: 10/nov./2013.

TOLFO, Airton. **A interpretação em Paul Ricoeur: uma pedagogia do texto?** Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências). 2009. 59 f. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. UNIJUÍ. Ijuí-RS. 2009. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/390/Airton%20Tolfo.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10/nov./2013.

TOLSTOI, Leão. **A morte de Ivan Ilitch.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.

TRENHOLM, Sarah. **Thinking through Communication.** An Introduction to the Study of Human Communication. Boston: Allyn and Bacon, 2001.

TRINDADE, Cônego Raimundo Otávio da. **Um Pleito Tristemente Célebre nas Minas do Século XVIII.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1957.

URBAIN, Jean-Didier. Morte. In: **Enciclopédia Einaudi.** Vida/morte – Tradições – Gerações, v. 36, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997, p. 381.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros.** Conselho Nacional de Cultura. Rio de Janeiro-Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1972.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Encyclopedia Popular.** Campanha-MG: Typografia do "Monitor Sul-Mineiro", 1879.

VERNANT, Jean-Pierre. L'individu dans la cite. In: A.A. VV., **Sur l'individu.** Paris: Seuil, 1987.

\_\_\_\_\_. **L'individu, la mort, l'amour.** Paris: Gallimard, 1989.

VIEIRA, Luiz Alberto Sales. **Cemitérios sagrados de Minas Gerais: subsídio para a revisão historiográfica do processo de secularização da morte no Brasil (séc. XIX).** In: CAMPOS, A.P. et al. (Org.). Anais eletrônicos do congresso internacional

UFES/Université de Paris-Est; impérios, religiosidades e etnias. Vitória: GM Editora, 2007.

VILAS BOAS, Gislaine Aparecida de. **Metáforas conceituais de tempo, vida morte na construção colaborativa das leituras de um texto literário.** 2010.128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). PUC-SP, 2010. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=11536](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11536)>. Acesso em 20/set./2012.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias.** São Paulo: Melhoramentos, 1998.

VISCOTT, David. **A linguagem dos sentimentos.** São Paulo: Summus Editorial, 1982.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **L'heure des grand passage chonique de la mort.** Paris: Gallimard, 1993.

\_\_\_\_\_. **La mort et l'Occident: de 1300 à nos jours.** Paris: Gallimard, 1983.

VYGOSTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teoría de las emociones – Estudio histórico-psicológico.** Madrid: Ediciones Akal, 2004.

WATZLAWICK, Paul, Janet BEAVIN & Don JACKSON. **Pragmatics of communication: a study of interactional patterns, pathologies and paradoxes.** Nova Iorque: Norton, 1967.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1989.

WERNET, Augustin. **Antigas irmandades e novas associações religiosas.** Revista da SBPH, Curitiba: 1992.

WORDEN, J. **Grief Counseling and Grief Therapy.** A Handbook for the Mental Health Practitioner (2nd ed.). London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. **El tratamiento del duelo.** Asesoramiento psicológico y terapia. Barcelona: Paídos, 1997.

ZONABEND, Françoise. **Une champagne inventée.** Paris: Éditions de la Maison des Scienses del'Homme, 1990.

## APÊNDICE

### EPIGRAFIA E DESCRIÇÃO TUMULÁRIA

- |  |   |
|--|---|
| <p>1. Norma Lombardi Martini<br/>20/06/2008<br/>Jazigo perpétuo<br/>Família José Lombardi Filho<br/><b>NA ETERNIDADE DA PAZ DO SENHOR ENCONTRAM-SE:</b><br/>José Lombardi Filho<br/>23/11/1979<br/>Stela Lombardi Ruth Gomes Lombardi<br/>★25/11/1982 +21/10/1979<br/>Mário V. Lombardi Silvia Lombardi Silva<br/>★27/02/1988 +25/06/1985</p> <p>2. Milton José<br/><b>“A MORTE NÃO É MAIS DO QUE O REGRESSO À VERDADEIRA VIDA”.</b><br/>★17/09/1965 +15/01/2003</p> <p>3. Maria Luiza Rezende Pires<br/>★17/06/1954 +18/06/1992<br/><b>“... O QUE SE VÊ É TRANSITÓRIO MAS O QUE NÃO SE VÊ É ETERNO.”</b><br/>José Cláudio Chaves de Resende<br/>★06/06/1961 +5/03/2002</p> <p>4. A memória<br/>de<br/>D. Anna Izabel Moreira Rodrigues<br/>cujos restos mortais aqui repousam.<br/>Ergueu este monumento o amor conjugal<br/>de<br/>José da Costa Rodrigues<br/><b>EU! QUAE LUSTRA GERIS QUATUAR BINOS SUPER ANOS TE DEUS IN PACE SUSDIPIAT DOMINUS</b></p> <p>5. <b>TRIBUTO DE SAUDADE DE SUA FILHA ADOPTIVA</b><br/>Maria Jacintha Augusta Mourão</p> <p>6. D. Messias Cândido Carneiro das Neves<br/>Nascida</p> | <p>À 20 de janeiro de 1828<br/>E falecida<br/>11 de setembro de 1888<br/><b>TRIBUTO CONJUGAL E FILIAL</b></p> <p>7. Moema Tayer Lemos<br/>★07/06/1952 +28/05/1995<br/><b>O “ADEUS” É UMA ILUSÃO NO QUE SE CRÊ...</b><br/><b>É SOFRER CRENDO NUM AMOR MAIS LINDO, QUANDO, A CHORAR SE DIZ ADEUS SORRINDO...</b><br/>Geny Sade Fonseca<br/>★20/03/1928 +01/02/2002<br/>Saudades</p> <p>8. Nida Alex Sade<br/>★14/09/1906 +12/02/1988<br/><b>MÃE, É UM ANJO DE AMOR... SANTA SEM PAZ...</b><br/><b>PRÊMIO ARDENTE QUE O CÉU HÁ DE ROUBAR, MAS DEUS, QUE FALTA AMARGA ELA NOS FAZ!</b><br/>Jorge C. Sade<br/>Jorge Challa Sade<br/>★02/03/1927</p> <p>9. Jorge Challa Sade<br/>★02/03/1927 +12/02/1988<br/><b>SOU UMA IMENSIDÃO DO NADA, MUITO VAGA...</b><br/><b>DISPERSÃO AMONTOADA DE UM INSTANTE, NUM PONTO NULO DENTRO DA ETERNIDADE!</b><br/>Jorge C. Sade</p> <p>10. Munira Sade Taier<br/>★05/08/1941 +29/06/1991<br/><b>E, LÁ DO ALTO, SORRINDO FICO À ESPERA DE INFINITA E SUBLIME PRIMAVERA, QUE NOS REÚNA OUTRA VEZ SEM MAIS PORQUE!...</b></p> |
|--|---|

- Jorge C. Sade
11. **RECEBA MÃE TERRA A CRISALIDA DAQUELES QUE JÁ VOARAM PARA A CASA DO PAI.**
  12. Alfredo Pereira de Carvalho  
★10/03/1913 +30/03/1993  
**Saudades de seus filhos, noras, genro, netos e bisnetos.**  
**“NESTE MOMENTO, ALGUÉM QUE GOSTARIA DE ESTAR CONOSCO ESTÁ AUSENTE, MAS A LEMBRANÇA DE SUA PRESENÇA, O SOM DE SUA VOZ, SOPRAM SUAVES NA MEMÓRIA, NUM MURMÚRIO TRISTE DE LAMENTO E SAUDADE. ELE SE FOI NUM ADEUS ETERNO, MAS ESTÁ AQUI. LEMBRADO, PRESENTE, ETERNO”.**
  13. Mauro Rattton Sabino de Freitas  
★24/04/1952 +14/02/1996  
Saudades de seus pais, irmãos, sobrinhos e parentes.  
Maria Carmem Rattton Sabino de Freitas  
★12/02/1916 +30/09/2004  
Saudades de seus filhos, noras, netos e bisnetos.
  14. **SEMPRE HAVERÁ AMOR E FÉ ACALENTANDO O SILÊNCIO DE NOSSA SAUDADE.**
  15. **“DAI-LHE, SENHOR, EM FELICIDADE NO CÉU, O QUE ELE NOS DEU EM TERNURA NA TERRA”.**
  16. Maria Rizzuti  
★20/12/1924 +25/02/2009  
**“A QUEM SEMPRE FOI EXEMPLO DE AMOR E ALEGRIA”.**  
Saudade eterna de seus familiares e amigos.
  17. Jazigo da família Chaves de Resende  
**“SUA MISERICÓRDIA SE ESTENDE DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, SOBRE OS QUE O TEMEM”.**
  18. Maria Terezinha Santos  
★22/01/1944 +18/07/2013
19. Arlette Oliveira de Araujo  
★05/01/1935 +15/05/2013  
**NINGUÉM MORRE ENQUANTO PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE ALGUÉM.**  
Saudade eterna de sua filha e familiares.
  20. Lúcia Helena A. Almeida  
Aqui jaz uma excelente mulher  
**“NINGUÉM MORRE ENQUANTO PERMANECER VIVO NA MEMÓRIA DE ALGUÉM”.**
  21. Rubens Silva (nonô)  
★25/02/1931 +26/03/1996  
**A TRISTEZA DE TÊ-LO PERDIDO JAMAIS NOS FARÁ ESQUECER A ALEGRIA DE HAVÊ-LO POSSUÍDO.**  
Eterna saudade  
Esposa, filhos, netos.
  22. Cyro Steigleder  
★01/03/1931 +29/11/2004  
**UM ELO DE NOSSA CORRENTE PARTIU.**  
Nossas eternas saudades.
  23. Luiza de Oliveira Barbosa  
1898/1991  
**“QUEM CULTIVOU UMA FLOR, EMBELEZOU O MUNDO E FEZ ALGUÉM FELIZ”.**
  24. Marcos A. Resende  
**“VIVER É LUTAR”**  
★21/02/1946  
+22/06/2000
  25. Tuffy Hallak  
**AMOR PARA SEMPRE.**
  26. João Bosco de Araújo  
★10/10/1942 +29/06/1999  
**“NOSSO AMOR, NOSSA SAUDADE”**  
Romilda Oliveira da Mata
  27. **O VENTO DO MEU ESPIRITO SOPROU SOBRE A VIDA E TUDO QUE ERA EFÊMERO SE DESFEZ. E FICASTE SÓ TU QUE ÉS ETERNO.**

- Cecília Meireles  
Hugo Cardoso Vale
28. Eduardo Antônio Rihan  
★18/08/1951 +30/01/1991  
**DEPOIS DA CONVIVÊNCIA A SAUDADE, E NELA DEPOSITAMOS A ESPERANÇA DO REENCONTRO.**
29. Paulo Horta Rodrigues  
Laudelino Ramão Vilamaior  
**NINGUÉM MORRE ENQUANTO PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE ALGUÉM.**
30. Geraldo Araújo  
★30/07/1915 +02/10/2001  
Beatriz Andrade (Ribeiro) Araújo  
★30/01/1919 +25/06/1996  
**“INTERCEDENDO POR NÓS”.**  
Roberto Francisco Elizabethete
31. Pe. Frane Eigman  
+07/04/1950  
**“DEUS O TENHA NA SUA GLÓRIA”.**  
Gratidão perene dos Salesianos e amigos.
32. Herculano Veloso  
Francisca das Chagas Veloso  
**Saudades**
33. Maria Bárbara de Assis Almeida  
+12/01/1963
34. Aristides Martins  
Conceição Regal Martins  
**Saudades de seus filhos e netos.**
35. Jesuina Maria dos Santos  
Agrisino Coelho dos Santos  
**Saudades.**
36. Maria do Carmo Gonçalves de Paula  
★28/02/1949 +13/07/2010  
**“AMOR ETERNO”.**  
Saudade infinita.
37. Risoleta Tolentino Neves  
1917 – 2003  
**“COMBATI O BOM COMBATE. CUMPRI MINHA MISSÃO.**
- GUARDEI A FÉ”.** (São Paulo)  
Tancredo A. Neves  
1910 – 1985  
**TERRA MINHA AMADA, TU TERÁS OS MEUS OSSOS O QUE SERÁ A ÚLTIMA IDENTIFICAÇÃO DO MEU SER COM ESTE RINCÃO ABENÇOADO. TN.**
38. João Bosco d’Angelo  
★03/11/1937 +05/07/2010  
**“SAUDADE O AMOR QUE FICA”.**
39. Ruth Simões Coelho  
+ 08/01/1986  
**“FOI LEVADA À PAZ DO REINO DE DEUS. VIVEU A VIDA QUE NOS É DESTINADA E PARTICIPOU DO PLANTIO, DAS CAPINAS E DA COLHEITA”.**  
Saudade
40. Adenor Simões Coelho  
★04/06/1895 +12/06/1970  
Olga Simões Silva  
★26/03/1927 – +18/10/1977  
Adenor Simões Coelho  
★1895 +1970  
Olga Simões Silva (Olguinha)  
+ 18/10/1977  
**“A TUA VONTADE, SENHOR E NÃO A MINHA”.**
41. Rubem Simões Coelho  
★22/01/1925 +05/06/1986  
**“FOI LEVADO À PAZ DO REINO DE DEUS. VIVEU A VIDA QUE NOS É DESTINADA E PARTICIPOU DO PLANTIO DAS CAPINAS E DA COLHEITA”.**  
Saudade.  
Olga Vale Simões Coelho  
★03/03/1900 +23/10/1986  
**“EIS A MULHER FORTE, COLUNA DE APOIO PARA SUA FAMÍLIA”.**  
Adenor Simões Coelho  
★18/08/1922 +27/01/1983  
Saudades.
42. Renato de Souza Oliveira  
★26/01/1930 +08/03/2010  
**DEUS O ACOLHERÁ,  
SAUDADES DE SEUS FAMILIARES.**
43. Yolanda de Azevedo Brito

- ★10/08/1919 +09/02/2011  
**EXEMPLO DE VIDA COM AMOR, DESPRENDIMENTO E DEDICAÇÃO.**  
 Saudades.
44. Alvino Alvim de Menezes Júnior  
 ★06/07/1927 +02/10/2009  
**“A PAZ DE DEUS, QUE EXCEDE TODO O ENTENDIMENTO, GUARDARÁ PARA SEMPRE SUA ALEGRIA, INTELIGÊNCIA E BONDADE”.**  
 Saudades de seus familiares.
45. Francisco Pedro de Resende  
 ★31/01/1920 +09/06/2013  
**“COMBATI O BOM COMBATE, TERMINEI A CORRIDA, GUARDEI A FÉ”.**  
 Saudades
46. Raymundo Monteiro de  
 ★25/05/1924 +14/09  
**“DESTA VIDA NADA SE LEVA, POR ISSO APENAS DEIXEI SAUDADES, EXEMPLOS, MINHA MISSÃO CUMPRIDA”.**  
 Amor eterno de seus familiares
47. Pedro Paulo de Lima  
 ★05/07/1933 +18/08/2009  
**“NOSSA GRATIDÃO”.**
48. Agnelo de Alencar Dias  
 ★10/12/1920 +21/07/2011  
**EU NÃO ESTOU LONGE APENAS DO OUTRO LADO OLHANDO POR VOCÊS.**  
 Saudades.
49. Yolanda Gonçalves Motta  
 ★18/10/1919 +20/07/2011  
**“O SENHOR É MEU PASTOR E NADA ME FALTARÁ”.**
50. Alvino Alvim de Menezes Júnior  
 ★06/07/1927 +02/10/2009  
**“A PAZ DE DEUS, QUE EXCEDE TODO O ENTENDIMENTO, GUARDARÁ PARA SEMPRE SUA ALEGRIA, INTELIGÊNCIA E BONDADE.”**  
 Saudades de seus familiares.
51. Maria Beatriz Costa Valadão  
 +16/03/2010  
**ESVAZIE-ME DE MIM  
 ENCHE-ME DE TI  
 TRANSBORDA-ME DE DEUS.**  
 Saudades
52. Vicente Milton de Carvalho  
 Didi  
 ★02/01/1936 +29/04/2013  
**“TÁ ÓTIMO!”**
53. Francisco Franco de Paula Dias  
 ★23/08/1905 +07/03/1989  
**DEUS O ABENÇOE  
 AS ALMAS SANTAS BENDITAS O  
 ACOMPANHEM.**
54. Salvador Hernandez Mateus  
 ★16/03/1918 +26/04/1989  
**MORRER NÃO SIGNIFICA “TERMINAR UMA VIDA E SIM COMEÇAR UMA NOVA VIDA”.**
55. Bento Castanheira  
 +29/12/1992  
 Lay Silva Castanheira  
 +31/01/1994  
**PARA SEMPRE EM NOSSOS CORAÇÕES**  
 Seus filhos e netos.
56. Ulysses Ventura do Nascimento  
 ★18/01/1953 +11/08/2000  
**Saudades de sua irmã, esposa, filhos, parentes e amigos.**
57. Maria de Oliveira Alves  
 (Bilica)  
 ★13/06/1910 +11/12/2010  
**“HOJE MESMO ESTAREI COM O PAI NO PARAÍSO”.**
58. Maria das Graças Santos  
 ★15/04/1948 +13/08/2011  
**MORRER NÃO SIGNIFICA TERMINAR UMA VIDA, MAS SIM, COMEÇAR UMA NOVA.**
59. Aldo Jose Brignonti  
 ★11/11/1945 +11/01/2012

**“A LONGANIMIDADE NÃO SE REVOLTA COM O INFORTÚNIO, A DOENÇA E A DOR. LEVANTA OS OLHOS AO CÉU CHEIOS DE LÁGRIMAS, MAS JAMAIS SE REVOLTA. VINDE A MIM TODOS VÓS QUE ESTAIS SOBRECARRREGADOS PORQUE EU VOS ALIVIAREI”.**

Mt. 11.28-30

- 60.** Zilá Maria Santos de Resende Rios (Lalá)  
★31/03/1933 +08/04/2010  
**O SOL QUE BRILHOU PARA ELA NÃO CONHECERÁ O OCASO.**
- 61.** Anita Guimarães  
+27/09/2009  
**Saudade**
- 62.** Maria Josina Carneiro Neves  
★01/09/1852 +01/11/1939  
Saudades
- 63.** Eduardo José de O. Barreto  
★19/11/1849 +05/07/1923  
Mecia Candida de O. Barreto  
★13/10/1842 +10/11/1923  
**ORAE POR ELES.**
- 64.** Cláudio Sousa Teixeira  
★20/05/1981 +01/03/2013  
**O TEMPO FOI POUCO  
O AMOR FOI DEMAIS  
A SAUDADE É IMENSA  
SAUDADE DE ESPOSA, FILHO, PAI,  
MÃE, IRMÃOS, SOBRINHAS,  
AFILHADA, TIOS, SOGROS, AVÓS,  
PRIMOS, CUNHADOS, PADRINHOS,  
PARENTES E AMIGOS.  
FOSTE TIRADO DO NOSSO MUNDO,  
COMO UMA FLOR COLHIDA ANTES  
DO TEMPO.**
- 65. “DESCANSE EM PAZ”**  
Antônio Maurício Ribeiro  
(Despachante Ribeiro)  
★10/06/1941 +26/03/2011  
Saudade de seus familiares
- 66.** Sebastião Américo de Resende  
★08/12/1930 +21/06/2006  
Maria Gema Chaves de Resende
- ★12/11/1933 +19/03/2010  
**EXEMPLO DE DEDICAÇÃO, PILARES DE NOSSA FAMÍLIA.**  
Saudade de seus filhos, noras, genro e netos.
- 67. DORME EM PAZ ESTOU COM DEUS.**
- 68.** Maria Aparecida de  
★02/08/1933  
**Saudades de seus esposo, irmãs, sobrinhos, parentes e amigos.**
- 69. Saudades de sua Esposa, Filhos, Noras, Genros, Netos e Bisnetos.**
- 70.** João Batista Pereira da Silva  
★30/03/1924 +01/09/1996  
**“SEMPRE HAVERÁ AMOR E FÉ  
ACALENTANDO O SILÊNCIO DE NOSSA SAUDADE”.**  
Saudade de esposa, filhos, netos, noras, genro, irmãos e amigos.
- 71.** Regina Campos da Silva  
★10/04/1929 +27/03/2001  
**“SEMPRE HAVERÁ AMOR E FÉ,  
ACALENTANDO O SILÊNCIO DE NOSSA SAUDADE”.**  
Mãe, muitas saudades...
- 72.** Helena de Souza Faccion  
★21/03/1931 +21/06/2004  
**“A VOCÊ A NOSSA GRATIDÃO, PELO O QUE SOMO E NOS TORNAMOS”.**  
Saudade de seus familiares.  
Celso Lecy Faccion  
★06/10/1931 +21/09/2006
- 73. TUDO FIZEMOS PARA QUE SUA VIDA NÃO SE EXTINGUISSE, VOCÊ NÃO PARTIU, POIS QUEM ESTÁ PERTO DE DEUS NÃO ESTÁ LONGE.**
- 74.** Sgto. Alexandre Coelho da Silva  
★22/01/1969 +03/08/1996  
Antônia Andretto Cruz  
★10/05/1921 +04/03/1990  
**MORRER NÃO SIGNIFICA TERMINAR UMA VIDA, SIM COMEÇAR UMA NOVA VIDA.**

75. Wagner Lélis da Silveira  
★10/04/1957 +27/04/2000  
**“SE CHOREI OU SE SORRI, O IMPORTANTE É QUE EMOÇÕES EU VIVI”.**  
Saudades de seus familiares e amigos.
76. Inácio Mairinque da Silveira  
★01/06/1934 +16/04/1996  
**“SE O SENHOR É POR NÓS. QUEM SERÁ CONTRA NÓS?”**  
Saudades esposa, filhos e familiares.
77. Washington José da Silveira  
★21/02/1955 +16/08/2000  
**“EM VOSSAS MÃOS SENHOR ENTREGO MEU ESPÍRITO”.**  
Saudade de sua esposa, filhos, familiares e amigos.
78. Maria da Conceição Rosa Silveira  
★24/06/1921 +17/03/2000  
João Batista da Silveira  
★17/02/1921 +27/11/2002
79. Almira Luiza da Silveira  
★18/02/1948 +29/09/2003  
Saudades de seus familiares.  
**“EU NÃO TENHO MENSAGENS, MINHA MENSAGEM É MINHA VIDA”.**
80. Miguel Inácio Costa  
★20/07/1921 +24/07/2009  
**“SEMPRE HAVERÁ AMOR E FÉ ACALENTANDO O SILÊNCIO DE NOSSA SAUDADE”.**  
Saudades de seus familiares e amigos.
81. Francisco Honório de Carvalho  
★24/04/1928 +07/07/2013  
**“MORREU NA TERRA, NASCEU NO CÉU PARA A VIDA ETERNA”.**  
Saudades dos familiares.
82. Abel Resende de Carvalho  
★17/11/1917 +08/02/2001  
**“FUI PARA DEUS, MAS NÃO ESQUECEREI OS QUE AMEI AQUI NA TERRA”.**
83. Antônio dos Santos Silva  
★04/05/1952 +25/09/1988  
**“O TEMPO FOI POUCO, O AMOR FOI DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA”.**
84. **“NÃO TEMAS PORQUE EU TE RESGATEI, CHAMEI-TE PELO TEU NOME: TU ÉS MEU.”** (Is. 43.1)
85. Toufic Haddad  
★11/05/1925 +10/01/2012  
**NÃO OLHEIS A VIDA QUE TERMINEI, MAS SIM, A VIDA QUE COMECEI.**  
Saudade de seus familiares.
86. **NASCEU UM MENINO, FILHO DA PROFESSORA! A NOTÍCIA CORREU SOLTA NO PEQUENINO SÃO GONÇALO DO BRUMADO. CORRIA O ANO BISSEXTO DE MIL NOVECENTOS E OITO. PRECISAMENTE, UM DOMINGO, VINTE QUATRO DE MAIO. HOJE É SÁBADO, CEM ANOS DEPOIS.**  
A família está aqui reunida, Maria Aparecida, Marise Assunção, Murilo Geraldo e Marilda Mercês.
87. **“O IDEAL QUE NOS ACALENTOU IRÁ RENASCER EM OUTROS CORAÇÕES”.**
88. Para Isolina, amada esposa  
Falecida a 08 de julho de 1944.  
**“É GRATO, PARA MIM, PENSAR EM TI. EMBALAR O TEU DOCE NOME NUM BERÇO DE SAUDADE”...**  
Afranio Alves Cabral
89. José Maximiano Alves Cabral (Pai)  
★02/10/1874 +26/04/1943  
Rita Sérvula dos Santos (Mãe)  
★23/12/1875 +02/09/1940  
Afrânio Alves Cabral  
★24/05/1908 +26/05/1994  
Isolina de Souza Cabral (Esposa)  
★13/09/1910 +08/07/1944  
Marcílio Manoel de Souza Cabral (Filho)  
★21/04/1942 +24/10/1943  
Maria de Lourdes Cabral Rios (Irmã)  
★18/04/1898 +27/04/1979

- 90. DEUS DEU, DEUS TIROU,  
LOUVADO SEJA DEUS!**  
Viníciu Dias Albercaria  
★12/09/1980 +09/05/2008  
Saudades de seus familiares e amigos.
- 91. Rosina Baccarini**  
★01/12/1919  
+19/08/1920  
Saudades de seus paes.
- 92. Leonaldo Fernando de Carvalho**  
★11/07/1978 +26/10/199  
**SEMPRE HAVERÁ AMOR E FÉ  
ACALENTANDO O SILÊNCIO DA  
SAUDADE de seu pai, mãe, irmã,  
parentes e amigos.**
- 93. Raimundo Nonato Vieira (Dinhola)**  
★22/03/1960 +27/03/2011  
**“DAI-LHE SENHOR, EM FELICIDADE  
NO CÉU, O QUE ELE NOS DEU EM  
TERNURA NA TERRA”.**  
Saudades de seus familiares e amigo.
- 94. Omar de Assis (Mazinho)**  
**QUE A ALEGRIA DE TÊ-LO POSSUÍDO,  
SEJA MAIOR QUE A TRISTEZA DE TÊ-  
LO PERDIDO.**  
★10/01/1921 +15/10/1999  
Saudade dos seus.
- 95. “SEMPRE FOSTES FIRME, MAS  
DENTRO DE TI EXISTIA UM CORAÇÃO  
QUE DO SEUS JEITO SABIAS AMAR”.**  
Ângela Maria Nascimento  
★30/08/1959 +30/10/2011  
Saudades de seus filhos, netos e irmãos.
- 96. ★16/09/1968 +13/05/2010**  
**O TEMPO FOI POUCO,  
O AMOR FOI DEMAIS,  
A SAUDADE É IMENSA.**
- 97. Carmem Lessa (Carminha)**  
★04/07/1931 +31/08/2007  
**AMOU SUAS FILHAS, SUA TERRA E A  
SUA GENTE E COM ELA GLORIFICOU  
JESUS.**
- 98. Antônio de Paula (Bola Mucha)**  
★18/07/1940 +16/06/2013  
**“NÃO HÁ PONTO FINAL PARA O AMOR.  
AMOR É VIDA E VIDA É ETERNIDADE”.**
- 99. Marie Agnes Chauvel**  
★02/07/1958 +17/07/2012  
**ALÉM DO HORIZONTE EXISTE UM  
LUGAR  
BONITO E TRANQUILO PRA GENTE  
SONHAR...**  
Saudades
- 100. Maria José Hach (Rosinha)**  
★14/03/1919 +23/02  
**“EU VOU PARA DEUS”.**  
Saudades.
- 101. Adelina Costa de Aquino**  
★15/03/1910 +24/08/2003  
**A TRISTEZA DE TÊ-LA PERDIDO JAMAIS  
NOS FARÁ ESQUECE3R A ALEGRIA DE  
TÊ-LA AMADO.**  
Saudade de seus familiares e amigos.
- 102. João Ricardo de Aquino**  
★03/05/1910  
+05/06/2011  
**“NOSSO INESQUECÍVEL FERROVIÁRIO,  
DEIXOU-NOS EXEMPLO DE VIDA E  
AMOR, NA DIMENSÃO DO PRÓPRIO  
INFINITO O QUAL DESCANSA”.**
- 103. Lauro Alvim de Resende**  
★11/08/1938 +28/06/2011  
**VOCÊ NÃO MORREU, COMEÇOU UMA  
VIDA NOVA EM DEUS.**  
Saudades de esposa, filhas, genros, netos,  
irmãos e familiares.
- 104. “NA MINHA VIDA TIVE DÓ DE TODOS,  
MAS ALGUNS NÃO TIVERAM DÓ DE  
MIM”.**
- 105. Geraldo Trindade das Graças Almeida**  
★27/11/1981 +08/08/2005  
**Saudade de sua mãe, pai, familiares e  
amigos.**
- 106. Antônio César Campos**  
★17/10/1928 +31/07/2012

**“LUTOU PELA VIDA E GANHOU A VIDA ETERNA”.**

Saudade de seus familiares e amigos.

**107.**Rute de Freitas Ferreira

★28/03/1913 +02/10/2008

**“NINGUÉM MORRE ENQUANTO PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE ALGUÉM”.**

**108.**Adelmo Ferreira

★09/02/1936 +01/12/20

**“O TEMPO FOI POUCO, O AMOR DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA”.**

Saudade de seus familiares.

**109. “AQUI JAZ UM GRANDE SÁBIO E HUMILDE HOMEM SINTO MUITA SAUDADE”.**

Ibrahim George Taier

★03/01/1925 +17/10/2008

**110.**Yeda Alvarenga de Oliveira

(My Dear)

★05/11/1919 +19/02/2012

**111.**Ivalda dos Santos

★16/06/1926 +09/03

**Saudades de seu filho e amigos.**

**112.**★30/01/1924 +23/01/2013

**“A MORTE NÃO É NADA, SOMENTE PASSEI PARA O OUTRO LADO DO CAMINHO”.**

Saudades de familiares e amigos.

**113.**Rubens do Sacramento

★01/07/1930 +30/05/2013

**Eterna saudades de sua esposa, filhos, netos, genros, nora, familiares e amigos.**

**114.**Irene Soares Giroto

★04/04/1958 +05/10/2010

**“EU SOU AQUELA MULHER QUE FEZ A ESCALADA DA MONTANHA, REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES”.**

**115.**Antônio Moreira Sandim Filho

★19/06/1926 +17/12/2011

**“SAUDADE PALAVRA TRISTE QUANDO SE PERDE UM GRANDE AMOR...”**

**116.**Célia Giacomina Moura e Silva

★01/01/1918 +17/01/2012

**“Imensa saudade”.**

**117.**José de Almeida Passar...

★26/05/1941 +14/10/20...

**“QUE DEUS BRILHE PARA ELE VOSSA LUZ”.**

Eterna saudade de sua esposa, filhos e netos.

**118.**Carolina Portela de Alvarenga

★15/04/1978 +07/08/2013

**Saudades.** Mãe, filho, irmão e entes queridos.

**119.**Lembra-vos em vossas orações da bondosa alma de Alzira Maria Guimarães

★28/12/1920 +26/08/2011

**NUNCA MORREM AQUELES QUE VIVEM EM NOSSOS CORAÇÕES.**

Saudades de suas filhas, genros, netos e amigos.

**120.**Aluizio Vital Senna (Filinho)

★05/04/1933 +06/03/2010

**“NAQUELA MESA ESTÁ FALTANDO ELE E A SAUDADE DELE ESTÁ DOENDO EM NÓS”.**

Saudade de seus familiares.

**121.**★09-mai-1931

**“VIVI COM ALEGRIA.**

**LUTEI COM BRAVURA”.**

**122.**+20-fev. 2009

**“PARTO CONFIANTE DE QUE UM HONROSO EXEMPLO LHES DEIXEI”.**

**123.**Recenvindo dos Santos

★02/08/1895 +17/07/1973

Rubens dos Santos

★30/10/1932 +02/03/1966

Ma. De Lourdes S. Abreu

★26/08/1921 +30/07/1962

**“MÃEZINHA QUERIDA, SÃO TUAS AS NOSSAS VITÓRIAS”.**

Saudades de teu esposo e filhos.

Altina dos Santos  
★24/01/1896 +11/07/1954

124.★08/01/1923 +11/11/2012  
**NÃO ESTOU LONGE, APENAS DO  
OUTRO LADO OLHANDO POR VOCÊS.**

125.Antônio da Silva Custódio  
★04/03/1965 +25/09/2008  
**Saudades.** Pais, irmãs, sobrinhos e  
amigos.

126.André Maurício Ferreira  
★20/03/1975  
+07/10/1998  
Saudade de sua querida esposa, filha,  
mãe, pai, irmãos, parentes e **AMIGOS.**  
**“FOSTES TIRADO DO NOSSO MUNDO  
COMO UMA FLOR COLHIDA ANTES  
DO TEMPO. SABEMOS QUE TU ESTÁS  
FELIZ NOS JARDINS DO TEU  
SALVADOR”.**  
Pequeno grande homem.

127.Elvira Rocha dos Santos  
★26/07/1913 +22/02/1982  
**“A VIDA NÃO É SÓ ISSO QUE SE VÊ, É  
UM POUCO MAIS QUE OS OLHOS NÃO  
CONSEGUEM PERCEBER, AS MÃO  
NÃO OUSAM TOCAR, OS PÉS  
RECUSAM PISAR.”**

128.Migues Geraldo da Silva  
★13/11/1957 +2/02/2002  
**“EU VOU PARA DEUS, MAS NÃO  
ESQUECEREI AQUELES A QUEM  
AMEI NA TERRA”.**

129.Sensata Maria Tolentano dos Santos  
★09/02/1934 +11/11/1995  
Carlos Alberto dos Santos  
★15/10/1970 +16/07/1997  
**“NA GRANDE SAUDADE QUE TODOS  
NÓS SENTIMOS, HÁ UMA GRANDE  
ESPERANÇA DE NOS  
REENCONTRARMOS UM DIA”.**

130.José Francisco da Silva  
Luiz Gonzaga da Silva  
**“LONGE DE NOSSOS OLHOS,  
DENTRO DE NOSSOS CORAÇÕES”.**  
Saudade de seus familiares.

131.Edgard  
★18/05/1922  
**ELES FORAM ÁRVORES PLANTADAS  
NAS MARGENS DE ÁGUAS CORRENTES  
DERAM FRUTOS NA ÉPOCA PRÓPRIA.  
AS SUAS FOLHAGENS, NUNCA  
SECARAM E NEM MURCHARAM PARA  
NÓS, POIS SEMPRE PERMANECEM  
VIVOS EM NOSSOS CORAÇÕES.**  
Saudades familiares e amigos.

132. **PLANTOU DURANTE A SUA VIDA  
SEMENTES DE AMOR E OTIMISMO  
ILUMINANDO SEMPRE O SEU ESPÍRITO.  
AGORA FOI PARA DEUS VIVER A  
FELICIDADE ETERNA.**

133.Beatriz Gonçalves Dias  
★16/03/1936 +23/10/2008  
**“O TEMPO FOI POUCO, O AMOR FOI  
DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA”.**

134.Maria Augusta de Andrade  
★14/11/1922 +16/05/2006  
**“NA GRANDE SAUDADE QUE TODOS  
NÓS SENTIMOS, HÁ UMA GRANDE  
ESPERANÇA DE NOS  
REENCONTRARMOS UM DIA”.**  
Saudades de seus familiares e amigos.

135.Alice  
★16/05/1897 +23/04/1973  
Marsiobila da Silva Marrocos (Nica)  
★09/01/1890 +31/03/1983  
Geraldo da Silva e Souza  
★22/11/1910 +16/10/1983

136.Família Silva e Souza  
**ACOBERTA, AMIGO, O NOSSO FRIO  
SONO NO MANTO AQUECIDO DE UMA  
PRECE.**

137.Capitão Hermano de Souza  
★14/09/1919 +11/07/2012  
**O SENHOR CUMPRIU SUA MISSÃO,  
VENCEU SUAS BATALHAS. DESCANSE  
DA GUERRA.  
Vá em paz Vô.**  
Saudades esposa, filhos, genros, noras,  
netos e bisnetos.

- 138.**★20/12/1925 +17/11/1967  
Prof. Roberto Silva  
**EM CURTA VIDA REALIZOU GRANDE EXISTÊNCIA.**  
Homenagem dos professores, cadetes aeronáutica, alunos colégio Bias Fortes de Barbacena.
- 139.**Alirio Silva  
★22/05/1923 +19/11/1971  
**ABNEGADO SERVIDOR DOS POBRES, SÍMBOLO DA CARIDADE FICARÁ SEMPRE NA LEMBRANÇA DE SEUS CONTEMPORÂNEOS.**
- 140.**Amada de todos!  
★27/07/1947 +20/07/2013  
Saudade de seus irmãos, filhos, amigos e parentes!  
**DESCANSE EM PAZ, SUA MISSÃO FOI CUMPRIDA!**
- 141.**Míria C. S. Santiago  
★20/10/1973 +07/11/2007  
**“O TEMPO FOI POUCO, O AMOR DEMAIS, A SAUDADE SERÁ IMENSA”.**  
Saudade de esposo, filhos e familiares.
- 142.**Maria do Carmo Sobreira  
★19/11/1903 +31/10/1991  
**“NOSSO CORPO RESSUSCITARÁ, NOSSA VIDA SERÁ ETERNA. NÓS E TODOS OS QUE VIVEM EM CRISTO, ESTAREMOS JUNTOS EM JESUS”.**
- 143.**Matheus Henrique Cunha de Paula  
★13/07/2000 +08/03/2001  
**UMA CRIANÇA TIRADA DA VIDA PASSAGEIRA, É SINAL QUE DEUS PRECISA DE ANJOS PARA O SERVIR.**  
Saudades.
- 144.** **“DAI CONSOLO E SILÊNCIO, SIMPATIA E VENERAÇÃO AOS QUE SE ABEIRAM DO TÚMULO. ELES NÃO SÃO MÚMIAS TORTURADAS QUE OS VOSSOS OLHOS CONTEMPLAM, DESTINADA A LUSA QUE A POEIRA CARCOME...”**
- SÃO FILHOS DO CÉU PREPARANDO RETORNO A PÁTRIA PRESTES A TRANSPOR O RIO DA VERDADE. A CUJAS MARGENS ONDE UM DIA TAMBÉM VOS CHEGAREIS.**  
Reginaldo Aparecido dos Passos  
★07/03/1965 +06/01/2003  
Saudades de seus familiares.
- 145.**Maria Lúcia Rodrigues (Lucinha)  
★21/04/1960 +22/12/2005  
**“EU VOU PARA DEUS, MAS NÃO ESQUECEREI OS MEUS PAIS QUE DEIXEI NA TERRA”.**  
Descanse em paz, até um dia.
- 146.**22/06/1916 – 27/12/1992  
G. C. C.  
★27/08/1970 +06/08/1993  
**Deste mundo levo muitas saudades.**
- 147.**Ester Rios  
★30/09/1945 +24/11/2003  
**“NINGUÉM MORRE ENQUANTO PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE ALGUÉM”.**  
Saudades de seus filhos, netos, demais parentes e amigos.
- 148.**Ruy Telesphoro Passos  
★21/03/1920 +22/02/1995  
**Saudades esposa e demais parentes.**
- 149.**Sebastião Rodrigues dos Santos  
★13/03/1920 +06/11/2004  
**“COM ALEGRIA RECEBI A VIDA, COM AMOR A ENTREGO, NA CERTEZA DE QUE NÃO SERÁ DESTRUÍDA, MAS TRANSFORMADA”.**
- 150.**José Natalino dos Santos  
★24/12/30 +20/07/96  
**A PAZ E O FRUTO DO ESPÍRITO.**  
Saudade da esposa e filhos.
- 151.**Arcanjo de Resende  
★1914 +18/11/1999  
Antônia de Carvalho  
★1916 +07/12/1995  
**NÃO OLHEIS PARA A VIDA QUE TERMINAMOS, MAS, SIM, PARA A VIDA QUE COMEÇAMOS.**

- 152.**Mercês Francisca Rodrigues  
★07/07/1931 +24/11/20...  
**“O TEMPO FOI POUCO, O AMOR FOI  
DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA”.**  
Saudades de sua filha, netos, irmãos,  
sobrinhos, familiares.
- 153.**Dilma das Dores de Almeida  
★27/03/1929 +11/08/1993  
**“CORAGEM; ALEGRIA, A VIDA É  
LINDA, E LÁ DO OUTRO LADO A PAZ  
SERÁ INFINITA”.**  
Saudades de esposo, irmã, cunhados e  
demais parentes.
- 154.**Waldir da Silva Rios  
★04/02/1937 +16/08/2003  
**“DEUS É A FONTE DA VIDA”.**
- 155.NOSSO DEUS É O DEUS DA VIDA.**  
Maria Trindade Ferreira  
+10/05/1988  
**DESCANSE EM PAZ.**  
Gratidão da família Lustosa.
- 156.**Cecilia Cesari de Oliveira  
★07/01/1910 +02/03/198...  
**“ORAI POR ELA”.**
- 157.**Ana Celina S. R. de Oliveira  
★17/09/1958 +20/06/2005  
**Saudades eternas de seu esposo,  
filhos e cunhados.**
- 158.O TEMPO FOI POUCO.  
O AMOR FOI DEMAIS.  
A SAUDADE É IMENSA.**
- 159.**Alfredo Moreira  
★19/10/1927 +11/12/198...  
**DURANTE TODA SUA EXISTÊNCIA  
TEVE COMO LEMA: O TRABALHO, A  
HONRA E A HONESTIDADE.**  
Saudades de sua esposa, filhos, netos,  
irmãos, noras, genro e amigos.
- 160.**Maria do Carmo Dinalli do Nascimento  
★10/5/1936 +9/9/2002  
**“Eternas saudades”**
- 161.**Edna da Gama Teixeira  
★11/01/1960 +17/08/1996  
**“O TEMPO FOI POUCO, O AMOR FOI  
DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA,  
NINGUÉM PODE NEGAR”.**  
Saudades de seus pais, esposo, filhos, irmão  
e entes queridos.
- 162.**Benedicta Philom...  
★16/02/1917  
**“NINGUÉM MORRE ENQUANTO  
PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE  
ALGUÉM”.**  
Saudades de filha e netos.
- 163.**José Santana de Carvalho  
★03/08/1958 +04/04/200...  
**DAI-LHE SENHOR, O REPOUSO ETERNO  
E BRILHE PARA ELE A VOSSA LUZ.**  
Saudades de seus pais, esposa, filhos e  
irmãos.
- 164.**Jeny Alacoque dos Santos  
★18/10/1919 +22/09  
Saudades dos entes queridos.  
**LUTOU PELA VIDA, GANHOU A VIDA  
ETERNA.**
- 165.**João Lellis Pellegrinelli  
**“O ACASO VAI ME PROTEGER  
ENQUANTO EU ANDAR DISTRAÍDO...”**  
★26/06/1952 +10/04/2008  
**NOSSO GUERREIRO  
FILHO “SEMPRE PRESENTE”, MARIDO  
“COMPANHEIRO INSEPARÁVEL”, PAI  
“DEDICADO E INCANSÁVEL”, IRMÃO E  
AMIGO “SINCERO E DE TODAS HORAS”.**
- 166.**Oliveira Azevedo  
★07/03/1978 +18/07/2007  
**NINGUÉM MORRE ENQUANTO  
PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE  
ALGUÉM.**
- 167.**Antônio Moreira da Silva  
★14/02/1922 +11/04/2008  
**“A SAUDADE É IMENSA, MAS A  
GRANDEZA DE SUA FÉ, SUAS  
PALAVRAS CARINHOSAS, SUA ALEGRIA  
E SEU AMOR AO PRÓXIMO FICARÃO  
ETERNIZADOS EM NOSSOS CORAÇÕES,  
DANDO-NOS A CERTEZA QUE ANTÔNIO**

**ESTÁ JUNTO AO PAI OLHANDO E REZANDO POR NÓS”.**

- 168. “GRAÇAS À SÃO JOÃO BOSCO, VEIO AO MUNDO, ONDE CUMPRIU SUA MISSÃO INTENSAMENTE E POR SUA VONTADE, FOI LEVADO À VIDA ETERNA”.**

João Bosco Del-Vecchio

★26/06/1959 +11/02/1992

Saudades de seus pais, cunhado,

- 169. Marco Chaves de Oliveira**  
★02/08/1963 +04/10/2004  
**“AQUELE QUE CRÊ EM MIM, AINDA QUE MORTO VIVERÁ”.**

Pais, irmã, sobrinhos, familiares e amigos.

**“ETERNA SAUDADE E PAZ À VIDA QUE COMEÇA”.**

- 170. Onofre Rodrigues de Resende**  
★12/06/1916 +02/07/2009

**“FÉ, ESPERANÇA DE VIDA NOVA”!**

- 171. Leovigildo de Paula**

★22/08/1931 +30/01/2008

**“DISSE JESUS, EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA, QUEM CRÊ EM MIM, AINDA QUE ESTEJA MORTO VIVERÁ”.** João 11:25

Saudades de esposa, filhos, netos, genros, bisnetos e amigos.

Leovigildo de Paula Filho

★05/12/1951 +22/12/1981

- 172. Ruy Barboza de Oliveira**

★25/09/1942 +05/10/2005

**“SENHOR MOSTRAI-NOS A VOSSA FACE E SEREMOS SALVOS”.** Sl. 79

Saudades de esposa, filhos e familiares.

- 173. Amélia Rita de Miranda e família**

★22/05/1921 +19/04

**Em ti Senhor confio.**

Saudades!

- 174. Mariana Ribeiro Rozzeto**

★08/02/1990 +04/08/2007

**“SAUDADES DE NOSSA THUCA”**

- 175. José Miguel de Resende**

★12/09/1965 +10/02/2003

**“MESMO NA ETERNIDADE JAMAIS SERÁ ESQUECIDO”.**

Sônia, filhos e familiares.

- 176. Diomedes Trindade**

★21/09/1939 +22/12/2005

**“SENHOR ESTAMOS TE DEVOLVENDO O PRESENTE QUE NOS DESTES”.**

Saudades

- 177. Gracelina Nogueira Miranda**

★18/12/1906 +09/10/1977

**Saudades do esposo e filhos.**

- 178. Sebastião José de Resende**

★04/09/1946 +19/10/2001

**“DESCANSE EM PAZ, VOCÊ VIVERÁ ETERNAMENTE EM NOSSOS CORAÇÕES”.**

Saudades de sua esposa, filhas neto e demais familiares.

- 179. Lucia Helena Nascimento Bergamo**

★05/07/1968 +09/05/2013

**O TEMPO FOI POUCO, O AMOR FOI DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA.**

Saudades de esposo, mãe, familiares e amigos.

- 180. Silvana Barbosa**

★07/01/1968 +07/07/2013

**DESCANSA EM PAZ VOCÊ VIVERÁ ETERNAMENTE EM NOSSO CORAÇÕES.**

Saudades pai, mãe e irmã.

- 181. Darcy Levy**

★09/05/1933 +21/07/2013

**EU VOU PARA DEUS, MAS, NÃO ESQUECEREI AQUELES QUE AMEI AQUI NA TERRA.**

Saudades de familiares e amigos.

- 182. Padre Heitor de Assis**

★15/09/1907 +20/10/1947

**“ECCE EGO QUIA VOCASTI ME”.**

Maria Aleluia de Assis

★24/03/1883 +22/07/1974

Agostinho Matheus de Assis

★21/09/1883 +09/11/196...

- 183.** Paulo Antônio de Abreu e Sousa  
★15/11/1946 +08/10/2010  
“**NÃO, NÃO TENHO CAMINHO NOVO. O QUE TENHO DE NOVO É O JEITO DE CAMINHAR**”.
- 184.** Maria do Rosario Santiago  
★03/11/1924 =29/03/2013  
“**NINGUÉM MORRE ENQUANTO PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO DE ALGUÉM.**”
- 185.** Irmã Mercedaria da Caridade  
★Espanha 08/03/1934  
+São João Del Rei 06/10/2005  
“**O CÉU, CONSISTE EM POSSUIR DEUS, VIVER DE DEUS, PERDER-SE E ENCONTRAR-SE EM DEUS**”.  
- Beato Padre Zegri -
- 186.** **NA PAZ DO SENHOR, SOB O OLHAR MATERNO DE N. SENHORA DAS MERCÊS DESCANSA A**  
“Revma. Irmã Dinah Joana Ribeiro  
★24/06/1942 +27/01/2008  
**GRATIDÃO E RECONHECIMENTO DA VENERÁVEL ARQUICONFRARIA DE N. SENHORA DAS MERCÊ.**”
- 187.** Emilia Teixeira  
★28/05/1888 +27/04/1969  
Saudades de seus filhos, noras e netos.  
**SEJA FEITA A VOSSA VONTADE.**
- 188.** Maria Terezinha Mendonça Chaves (Té)  
★12/02/1932 +29/01/2011  
“**EU NÃO ESTOU LONGE, APENAS ESTOU DO OUTRO LADO DO CAMINHO...**”  
Saudades de irmãos, sobrinhos, cunhados e amigos.
- 189.** Cezar Moreira  
Nascido em Arinhos  
A 14 de fevereiro de...  
Falecido a 12 de fevereiro  
**Saudade eterna de sua esposa.**
- 190.** Leonaldo Fernando de Carvalho  
★11/07/1978 +26/10/199...
- SEMPRE HAVERÁ AMOR E FÉ ACALENTANDO O SILÊNCIO DA SAUDADE DE SEU PAI, MÃE, IRMÃ, PARENTES E AMIGOS.**
- 191.** “**AO GRANDE MAESTRO DE NOSSAS VIDAS, SAUDADES SEMPRE, AMOR ETERNO**”.  
Família Pedrosa.
- 192.** Maria Grasiela da Silva  
★21/09/1917 +16/10/2010  
“**O SENHOR É MEU PASTOR NADA ME FALTARÁ**”.  
Saudades de seus familiares.
- 193.** “**AO NOSSO GRANDE MESTRE SAUDADES DE SEUS DISCIPULOS**”.  
Esposa, filhos, genros, netos e bisnetos.
- 194.** Otávio Lopes de Oliveira  
★27/12/1931 +19/02/2011
- 195.** Francisca Cândida de Jesus  
★11/08/1907 +29/05/2010  
**DAI-LHE SENHOR EM FELICIDADE NO CÉU O QUE ELA NOS DEU EM TERNURA NA TERRA.**  
Saudade eterna...
- 196.** Antônio Batista  
★11/10/1945 +20/09/201...  
**SAUDADE É SOLIDÃO ACOMPANHADA, É QUANDO O AR AINDA NÃO FOI EMBORA, MAS O AMADO JÁ.**
- 197.** “**DE MINHA PEQUENEZ FEZ ELE UM INSTRUMENTO PARA LEVAR ALMAS PARA O CÉU**”.  
(carta deixada à família)  
+Côn. Osvaldo Rodrigues Lustos  
★1917 +1962
- 198.** “**VINDE BENDITOS DE MEU PAI, RECEBEI A COROA DE GLÓRIA QUE VOS FOI PREPARADA DESDE TODA A ETERNIDADE**”.  
Revmo. Pe. Carlos Pereira Freire de Moura  
Bispo eleito de Mariana-MG  
+04 março de 1841

Revmo. Mons. José Maria Fernandes  
OO, Comissário da V. O. T. C.

Revmo. Pe. João Batista da Fonseca  
Revmo. Pe. Osvaldo da Fonseca Torga  
Revmo. Frei Matheus de Oliveira  
Revmo. Mons. Almir de Rezende Aquino  
Diácono Eduardo A.

**199.** Ivone Maria da Costa

★23/04/1941 +02/06/2009

**“CUMPRIU SEU PAPEL NO DIA A DIA,  
FORTALECEU E ENGRANDECEU  
NOSSAS VIDAS. FOI UM EXEMPLO A  
SER SEGUIDO, UM PRESENTE DE  
DEUS”.**

Saudades de esposa, filhos, netos, noras,  
genros, familiares e amigos.

**200.** Irene de Oliveira Rodrigues

★29/03/1930 +04/08/2009

**“NÃO OLHEIS PARA A VIDA QUE  
TERMINEI, MAS SIM PARA A QUE  
COMECEI”.**

Saudades de seu esposo, filhos, netos,  
genros e nora.

**201.** D. Anna Custodia de Almeida Pinto

**ORAE POR ELE**

★07/72 +07/06

**202.** Joana Maria Tavares (Mãezinha)

★19/07/1927 +12/03/2012

**“HÁ MOMENTOS NA VIDA EM QUE  
SENTIMOS TANTA FALTA DE  
ALGUÉM QUE O QUE MAIS  
QUEREMOS É TIRAR ESSA PESSOA  
DE NOSSOS SONHOS E ABRAÇA-LA”.**

C. Lispector

**203.** Dora Ferreira da Silva Pereira

**“SE PELA FORÇA DA DISTÂNCIA TU  
TE ASENTA...**

**PELO PODER QUE HÁ NA SAUDADE,  
VOLTARÁS”.** Pe. Fábio de Melo, SCJ

Saudade de seus familiares

**204.** Antonina Mendonça de Faria (Tunica)

★02/08/1936 +23/03/2012

**“A VÓS, SENHOR, ELEVO MINHA  
ALMA”.**

Saudade de seus familiares e amigos.

**205.** Alvaro Bosco Lopes de Oliveira

★06/05/1937 +22/05/2009

**“VOCÊ SEMPRE SERÁ PRESENÇA VIVA  
EM NOSSOS CORAÇÕES”.**

**206.** Vaime Vieira de Abreu

★21/12/1964 +18/10/2011

**“NEM A AUSÊNCIA, NEM O TEMPO  
APAGARÃO DE NOSSOS CORAÇÕES A  
SUA LEMBRANÇA”.**

Amor eterno de seus filhos, esposa e  
familiares.

**207.** Elidia Zanetti Santos

★16/05/1922 +24/06/2012

**MÃE, À VOCÊ NOSSAS PRECES E  
SAUDADES!**

Seus familiares

**208.** Silvio Carazza

**“O DEDO DE DEUS TOCOU E ELE  
ADORMECEU. FICOU OS MOMENTOS  
INESQUECÍVEIS AS COISAS  
INEXPLICÁVEIS E AS SAUDADES DESSA  
PESSOA INCOMPARÁVEL”.**

Seus familiares.

★12/02/1938 +20/10/2011

**209.** Mário César Ribeiro

+26/11/2009

**“QUEM SEMEIA AMOR, DEIXA SEMPRE  
SAUDADE”.**

**210.** Silvio de Assis

★21/04/1923 +14/03/2013

**“AMOU A VIDA, A DEUS, A FAMÍLIA E A  
MÚSICA”.**

**211.** Pedro Vaz da Silva

Benec dita da Costa Silva

Ene'as Vaz da Silva

Elaine Regina Lopes da Silva

**“ORAI POR ELES”**

**212.** SE PRUDÊNCIA, BONDADE, ALTO  
CRITÉRIO,

**COUZAS QUE O CÉU RECLAMA PARA SI,  
PODÉSSEM REPOUSAR NUM  
CEMITÉRIO,**

**JAZERIAM AQUI:  
SINGELA, NOBRE, LÍMPIDA EXISTÊNCIA!**

**MAIS DE OITENTA ANNOS SEM  
NINGUÉM MAGOAR!  
PATRIA, EXULTA SE DELLA A  
DESCENDÊNCIA  
SEMPRE EM TUDO A IMITAR.**

213.... Batista

★28/02/1924 +29/01/2003

Saudades de seus filhos, genros, netos e bisnetos.

**“MORRE A IMAGEM, MAS NÃO  
SEMELHANÇA COM DEUS, POR ISSO  
ESTOU SEMPRE AGRADECIDA E  
TRANQUILA. A MORTE NÃO DEVE  
INSPIRAR MEDO, MAS ESPERANÇA.  
TENHO CERTEZA QUE VEREI DEUS  
COM OS MEUS PRÓPRIOS OLHOS”.**

214. Mausoléu de Maria Thereza Baptista Machado e família.

215. **“EU VI JESUS E ELE DISSE QUE ME  
AMA”.** (Lilinha)

Marília Auxiliadora de Castro Resende

★05/10/1934 +09/02/1997

216. **“COM MARIA MINHA ALMA  
GLORIFICA O SENHOR E MEU  
ESPÍRITO EXULTA EM DEUS MEU  
SALVADOR”.**

Cictoria Muanis de Castro

★02/11/1906 +29/05/2002

217. José Sebastião Dias

Família

**“VOCÊ SE FOI, MAS DEIXOU UMA  
LIÇÃO DE VIDA PARA TODOS NÓS!”**

218. Tributo de gratidão de seus amigos

Antero Alberto da Costa

★07/03/1919 +22/08/

219. A JORNADA

**PENSÃO TODOS QUE MORRESTE  
QUE VIÚVO ME DEIXASTE.**

**QUANDO APENAS NA JORNADA  
MAIS DEPRESSA UM POUCO  
ANDASTE.**

220. APÓS DE TI EU CAMINHO,  
NA MESMA SENDA PROSICO,

**MEU PASSO NÃO É TARDIO;  
BEM CEDO SEREI CONTICO.**

221. Matilde de Castro Lima

Nasceu

14 de março de 1846

Casou-se

18 de maio de 1867

Falléceo

222. Aqui jazem os osso de

D. Maria da Gloria de Almeida Rocha

★1838 +1913

E de seus filho

Maria e Eduardo Rocha

223. Contem ossos de

D. Maria da Gloria de Magães Gama

★1872 +1907

224. Ercilia,

Nasceu

A 11 de maio de 1881

Faleceu a 28 de outubro de 1882

225. Carmem Fazzion da Silva

★07/08/1936 +14/01/201...

**“EU VOS PEÇO QUE NÃO CHORES POR  
MIM, FUI PORQUE DEUS ME CHAMOU”.**

226. Irami Coelho

★1943 +2013

**ELE CONTINUA ENTRE NÓS, NAS  
NOSSAS HISTÓRIAS, MEMÓRIAS,  
TRABALHO...**

**ENFIM, EM NOSSAS VIDAS. NOSSO  
ESPELHO DE ALEGRIA DE VIVER, DE  
RETIDÃO E DE AMOR AO PRÓXIMO.**

**QUE DEUS NOS AJUDE A CONTINUAR  
ACREDITANDO NA VIDA ETERNA E  
FORTALEÇA NOSSA FÉ.**

**SAUDADE É TUDO QUE NOSSO OLHOS  
VIRAM E O CORAÇÃO NÃO ESQUECEU.**

Esposa, filhos e netos.

**“A ETERNIDADE, ASSIM, NÃO É TEMPO  
INFINITAMENTE PROLONGADO, MAS  
UMA EXISTÊNCIA SEM NENHUM LIMITE,  
AO CONTRÁRIO DE, POR EXEMPLO, A  
EXISTÊNCIA HUMANA QUE É UMA  
DISTENSÃO, CUJAS FRONTEIRAS SÃO O  
NASCIMENTO E A MORTE.**

**SE NÃO PODES ENTENDER, CRÊ  
PARA QUE ENTENDAS. A FÉ  
PRECEDE, O INTELLECTO SEGUE.”**

(Santo Agostinho)

**227. “VIDA NO AMOR!  
SERVIÇO, DOAÇÃO GENEROSIDADE”**

Diva Dilasao

★14/03/1928 +16/04/2013

**228. Julieta Hachem Canem**

★05/03/1914 +27/06/2009

**“DIZEM QUE A GENTE NÃO MORRE...  
FICA ENCANTADO”.**

Saudades

**229. Frederico O. Torga**

★12/01/1950 +12/01/2010

**“PARTIU DE OLHOS FECHADOS MAS  
DE CORAÇÃO ABERTO”.**

Saudades

**230. Antônio Luiz de Godoy**

★04/10/1942 +22/03/2010

Ainda que eu atravessasse o vale escuro,  
nada temerei, pois estais comigo.

Saudades

**231. Maria de Lourdes Vieira de Souza**

★05/04/1924 +05/07/2013

**“OBRIGADO MAMÃE, PELO SEU  
AMOR, DEDICAÇÃO E EXEMPLO”.**

Para sempre nos corações de seus filhos,  
netos, bisnetos, genros e noras.

**232. Geraldo Silva Alves**

★10/10/1921 +20/09/2009

Esposa e mãe exemplar.

**233. Dimas**

★30/08/1963 +31/10/2009

Saudade de sua mãe, filhos e demais  
parentes.

**“VOCÊ ESTARÁ ETERNAMENTE  
PRESENTE EM NOSSO MEIO”.**

**234. Bertha Leite de Andrade**

★25/06/1918 +08/08/2008

**“DAI-LHES SENHOR O REPOUSO  
ETERNO E BRILHE PARA ELAS A  
VOSSA LUZ”.**

Marta Andrade

**235. VIVE FELIZ EM DEUS COROADO POR SUA  
BOAS OBRAS.**

Cônego Paulo Dilascio

**236. Ângela da Silva Guedes**

★16/01/1956 +06/06

**“POR MAIS QUE SE DIGA QUE A ALMA É  
IMORTAL E A VIDA CONTINUA, QUANDO  
TEMOS QUE DEVOLVER AO CÉU UMA  
PESSOA QUERIDA, NOSSOS  
SENTIMENTOS TÃO HUMANOS  
AFLORAM NA SAUDADES UMA  
CERTEZA, NÃO IMPORTA ONDE ESTEJA  
ESTARÁ SEMPRE CONOSCO”.**

Antuerpe Guedes, Priscila da Silva Guedes,  
Cyntia Carolina da Silva Guedes, esposo e  
filha e familiares.

**237. Paiva Santos**

**“TUDO QUE É BOM, DURA O TEMPO  
NECESSÁRIO PARA SE TORNA  
INESQUECÍVEL”**

Saudades de sua mãe, familiares e amigos.

★06/04/1992 +14/11/2009

**238. Cecília M. AP. Silva**

★23/05/1939 +08/06/2004

**MULHER GUERREIRA, CORAJOSA,  
EXEMPLO DE VITÓRIA. PARABÉNS.**

**239. EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA  
QUEM CRÊ EM MIM VIVERÁ  
ETERNAMENTE.**

**240. Deividson Moreira Ramos**

★06/04/1983 +08/05/1996

**QUANDO NASCEU, TODOS SORRIAM, SÓ  
ELE CHORAVA, VIVEU. AGORA AO  
MORRER, TODOS CHORAM, SÓ ELE  
SORRI NA VIDA ETERNA.**

Saudades de seus familiares e amigos.

**241. Sílvia Cunha de Castro**

★04/06/1924 +04/08/2008

**NA ESPERANÇA DE UM DIA ESTAR EM  
TUA COMPANHIA...**

Sentimos saudades, filhos, netos e nora.

**242. “SAUDADE, PALAVRA TRISTE, QUANDO  
SE PERDE UM GRANDE AMOR”.**

Nelson Teixeira de Moura  
★30/04/1933 +03/01/201...

**243. “EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA, NINGUÉM VEM AO PAI SENÃO POR MIM”.**

Amir Moreira  
★08/06/1937 +04/01/2011  
Eternas saudades de sua esposa, filhos, netos, genro, noras, familiares e amigos.

**244. Adélia do Nascimento Melo**  
★03/09/1923 +19/02/2007  
**“...NA ESPERANÇA DE UM DIA ESTAR EM TUA COMPANHIA...”**

Saudades

**245. Adalberto Rodrigues de Melo**  
★07/08/1932 +28/09/1933  
**“NINGUÉM MORRE ENQUANTO VIVE NO CORAÇÃO DE TODOS NÓS”.**

**246. Maria do Carmo Assunção Vial**  
+03/07/1988  
**CADA UM SABE A ALEGRIA E A DOR QUE TRAZ NO CORAÇÃO**  
Carlos Eduardo Assunção Vial (KK)  
+18/02/2005

**247. Antero Ivanir de Ávila**  
★12/11/1954 +02/10/1999  
**“O TEMPO FOI POUCO  
O AMOR FOI DEMAIS  
A SAUDADE É IMENSA”.**

**248. Maria de Jesus Carvalho**  
★22/03/1928 +07/09/2010  
**AQUI REPOUSA UM ANJO**  
Saudade eterna

**249. “TUDO QUE É BOM, DURA O TEMPO NECESSÁRIO PARA SER INESQUECÍVEL”.**  
Fápio Márcio Teixeira de Souza  
+20/12/2004

**250. José Ignácio da Silva Rios**  
★24/02/1866 +25/02/1942  
Eterna saudade de sua esposa, filhos, genros, sobrinhos e netos.

**251. “DESDE AGORA, A COROA DA JUSTIÇA ME ESTÁ GUARDADA, A QUAL O SENHOR, JUSTO JUIZ, ME DARÁ NAQUELE DIA, E NÃO SOMENTE A MIM, MAS TAMBÉM A TODOS OS QUE AMAREM A SUA VINDA”.** 2 Timóteo, 4.8  
Maria do Carmo Paz Faccion  
★05/01/1943 +25/11/2011  
Saudades de seu esposo, filhas, netas, genros, parentes e amigos.

**252. Cap, Albino**  
★22/05/1921 +20/04/2008  
**ESTEVE E ESTÁ PRESENTE ENTRE NÓS PARA SEMPRE.  
VOCÊ É O NOSSO HERÓI.  
DEUS À FRENTE...**

**253. Belnilda de Oliveira Lima**  
★27/04/1908 +01/03/1989  
**“SÓ EM DEUS A MINHA LAMA REPOUSA, PORQUE DELE VEM A MINHA SALVAÇÃO”.** Salmo 62.1  
Saudades de sua filha e sobrinhos.

**254. Nilza Lopes da Silva**  
★19/05/1924 +25/10/2013  
**“MÃE, TE AMAMOS”.**

**255. Maria Isabel de Freitas (Belinha)**  
★20/12/1913 +13/10/1991  
Pedro de Freitas  
★27/08/1917 +07/08/1959  
**“EU VOU PARA DEUS, MAS NÃO ESQUECEREI AQUELES À QUEM AMEI NA TERRA”.**  
Saudades, filha, genro, netos, bisnetos, sobrinhos e amigos.

**256. “NOSSO AMOR SERÁ: ETERNO, INCONDICIONAL, GENEROSO E SEM LIMITES”.**  
Judith da Silva Ribeiro  
★15/08/1939 +24/02/2011  
Saudades

**257. Toni Giovanni Silva**  
★3/7/72 +4/11/11  
Saudades de sua Mãe e familiares.

**258. José das Neves**

★03/11/1923 +07/12/2011  
Saudades de filhos, netos, bisnetos,  
genros, nora, irmãos, demais parentes e  
amigos.

**259.**Edson Divino de  
★05/06/1960  
**“NINGUÉM MORRE ENQUANTO  
PERMANECE VIVO NO CORAÇÃO  
DOS QUE O AMAM”.**

**260.**Leonardo de Castro Carvalho (Leo)  
★12/06/1980 +12/01/2010  
**“O TEMPO FOI POUCO  
O AMOR FOI DEMAIS  
A SAUDADE É IMENSA”.**  
Saudade de sua família, noiva e amigos.

**261.**Vicente Fernandes de Oliveira  
★28/11/1937 +18/02/2010  
Saudades de esposa, filhos, genros,  
noras, netos, irmãos, sobrinhos,  
cunhados e amigos.

**262.**Geraldo Moreira Possa  
★15/07/1955 +24/12/2011  
**“NEM A AUSÊNCIA E NEM O TEMPO  
APAGARÃO DE NOSSO CORAÇÕES  
SUA SAUDOSA LEMBRANÇA”.**  
Saudades esposa, filhos, irmãos, genro,  
nora, parentes e amigos.

**263.**Agostinho Barbosa  
★08/12/1931 +12/06/2010  
**NÃO PODEMOS MAIS OUVI-LO MAS  
PODEMOS SENTIR SEU AMOR.**  
Saudades

**264.**Alexandre Silva Moura Vale  
★27/07/1992 +20/11/2009  
**“O VALOR DAS COISAS NÃO ESTÁ NO  
TEMPO EM QUE ELAS DURAM, MAS  
NA INTENSIDADE COM QUE  
ACONTECEM, POR ISSO EXISTEM  
MOMENTOS INESQUECÍVEIS, COISAS  
INEXPLICÁVEIS E PESSOAS  
INCOMPARÁVEIS”.**

**265.**Izaias Borges  
★24/06/1946 +03/06/2011  
**NÃO, NÃO TENHO CAMINHO NOVO.**

**O QUE TENHO DE NOVO É O JEITO DE  
CAMINHAR.**

Saudade eterna de seus familiares.

**266.**Sudário Damaso Sousa  
★11/12/1940 +01/04/2011  
**“TUDO PENSO, NADA FALO,  
TENHO MEDO DE CHORAR”.**  
Saudades de esposa e filhos.

**267.**Jesus Dias  
**ADEUS = A DEUS.  
NÃO É UMA DESPEDIDA, É ENTREGAR  
NAS MÃOS DE DEUS AQUELE DE QUEM  
NÃO PODEMOS MAIS CUIDAR.  
CADA FINAL É UM PONTO DE PARTIDA E  
UM DIA NOS REENCONTRAREMOS.**  
Saudades de seus familiares e amigos.

**268.**Marcia Adriana N. Matias  
★11/06/1973 +16/04/2011  
Saudade do seu eterno (Chu) filhos e irmãos.  
**“MALDITO TEMPO QUE SE ACABA  
QUANDO ESTOU CONTIGO”.**

**269.**Geralda Beatriz da Silva (Leca)  
★03/01/1955 +28/02/2009  
**“EU VOU PARA DEUS, MAS NÃO  
ESQUECEREI AQUELES A QUEM EU  
AMEI AQUI NA TERRA.  
QUEM CRÊ EM MIM MESMO QUE ESTEJA  
MORTO AINDA VIVERÁ”.** Oração de Santo  
Agostinho

**270.**Maria Célia de Aquino  
★28/09/1956 +26/11/2008  
**EU VOU PARA DEUS, MAS NÃO  
ESQUECEREI AQUELES QUE AMEI NA  
TERRA.**  
Saudades de pais, filhos...

**271.**Lydia Maria Moura do Nascimento  
★27/09/1934 +06/11/2010  
**“...O CORRER DA VIDA EMBRULHA  
TUDO A VIDA É ASSIM...  
ESQUENTA E ESFRIA, APERTA E DAÍ  
AFROUXA, SOSSEGA E DEPOIS  
DESINQUIETA.  
O QUE ELA QUER DA GENTE É  
CORAGEM”.** Guimarães Rosa  
Saudades de seus familiares e amigos

272. Rafael Thadeu de Paiva Santos  
★06/04/1992 +14/11/2009  
**“TUDO QUE É BOM, VIVE O TEMPO NECESSÁRIO PARA SE TORNAR INESQUECÍVEL”.**  
Saudades de seus parentes
273. Fábio Felipe Teixeira Neri  
★26/03/1962 +15/04/2009  
**“QUE VOCÊ DESCUBRA NO CÉU A PAZ E A FELICIDADE QUE POR VENTURA NÃO TENHA DESCOBERTO AQUI NA TERRA”.**  
Saudades
274. Carlos Antônio Nogueira  
★29/04/1948 +20/03/2011  
**“VIVERÁ ETERNAMENTE NA GLÓRIA DO SENHOR E NA MEMÓRIA DAQUELES QUE O AMARAM”.**  
Saudades eternas de seus familiares
275. Orlando Dias Nogueira  
★26/06/1969 +18/09/2012  
**“VOCÊ BRILHOU TANTO ENTRE NÓS NA TERRA, QUE DEUS TE RECOLHEU PARA SER UMA ESTRELA NO CÉU...”**  
Saudades de seus familiares
276. **“AQUELAS PESSOAS QUE GUARDAMOS NO CORAÇÃO DE DEUS NÃO PERDEMOS JAMAIS”.**  
Geraldina Aparecida Ribeiro  
+14/03/2010  
Miguel Alves Ribeiro  
+21/04/2010  
Eterna saudades de seus  
Victor Geraldo Lombel  
29/01/1990 – 04/08/2010  
**“MEU DEUS! DOEU MUITO A PARTIDA, MAS A CERTEZA DE NOS ENCONTRARMOS UM DIA NOS ALEGRA E NOS CONFORTA”.**  
Saudades de seus pais, familiares e amigos.
277. Victor Geraldo  
★29/01/1990 +04/08/2010  
**“MEU DEUS! DOEU MUITO A PARTIDA, MAS A CERTEZA DE NOS ENCONTRARMOS UM DIA NOS ALEGRA E NOS CONFORTA.”**
- Saudades de seus pais, familiares e amigos.
278. Saudades de sua mãe, irmãs, cunhados, tios, sobrinho, demais parentes e amigos.
279. Rogério Fernando da Silva  
★03/12/1985 +04/04/2010  
**“OS DIAS E ANOS SE PASSARAM, TRISTEZA E SAUDADE AUMENTARAM DEUS LEVOU O ANJO DA MINHA VIDA”.**  
Saudades de sua mãe.
280. José Dimas O. Gouvêa (O baleia Tivapo)  
★08/03/1953 +27/07/2009  
Saudades de seus irmãos, sobrinhos e amigos.
281. Fábio Felipe Teixeira Neri  
★26/03/1962 +15/04/2009  
**“QUE VOCÊ DESCUBRA NO CÉU A PAZ E A FELICIDADE QUE POR VENTURA NÃO TENHA DESCOBERTO AQUI NA TERRA.”**  
Saudades
282. **“AQUI JAZ UM HOMEM TEMENTE A DEUS. AMAVA A FAMÍLIA, A MÚSICA E O TRABALHO. DELE, SAUDADES DOS SEUS”.**  
Alcides Zanetti  
★18/07/1919 +08/09/2007
283. Roque Benedito da Silva  
★24/05/1947 +27/02/2013  
**“NÃO EXISTE NINGUÉM IGUAL A VOCÊ, DEUS QUIS VOCÊ O ÚNICO”.** De Fer. Toscano  
Saudades de suas filhas, genros, netos, irmãos e sobrinhos.
284. Francisco Gonçalves da Silva  
★11/02/1947 +12/11/2....  
**“VOS QUE ME AMAIS, NÃO OLHAIS PARA A VIDA QUE TERMINEIS, MAS SIM PARA A QUE COMECEI”.**
285. Priscila Fernanda de Carvalho  
★09/03/1994 +10/03/1994  
**O TEMPO FOI POUCO  
O AMOR FOI DEMAIS  
A SAUDADE É IMENSA.**

- 286.** Nilson Paulino da Cruz  
★29/04/1962 +08/10/2009  
Saudades de sua esposa, filha, familiares e amigos.  
**O AMOR É TANTO, QUE NINGUÉM MORRE ENQUANTO ESTÁ VIVO NO CORAÇÃO DE ALGUÉM.**
- 287.** João de Souza Filho  
★15/05/1915 +24/11/2011  
**TENHO RAZÃO DE SENTIR SAUDADE, TENHO RAZÃO DE TE ACUSAR. HOUE UM PACTO IMPLÍCITO QUE ROMPESTE E SEM TE DESPEDIRES FOSTE EMBORA.**  
Saudade de filhos, irmãs, familiares e amigos.
- 288.** Silveira Carvalho  
★09/03/1969 +03/12/2006  
**O TEMPO FOI POUCO, O AMOR FOI DEMAIS, A SAUDADE É IMENSA.**
- 289.** José Pereira de Freitas Sobrinho  
★29/09/1933 +16/11/1978  
**“EU FUI PARA DEUS, MAS NÃO ESQUECEREI AQUELES A QUEM AMEI NA TERRA”.**
- 290.** **“IVANA, VOCÊ VIVERÁ ETERNAMENTE EM NOSSOS CORAÇÕES”.**  
Ivana Marta Teixeira Cavalcanti  
★19/05/1976 +14/05/2006  
Saudades de seus pais, irmã e filhos.
- 291.** Maria José Lima Rodrigues (Nenem)  
★20/03/53 +23/05/85  
Saudades de seu esposo e familiares.  
**“SUA VIDA FOI UM EXEMPLO DE FÉ E HUMILDADE”.**
- 292.** Antônio Dário Fuzatto  
★24/10/1932 +12/03/  
**“NEM A AUSÊNCIA, NEM O TEMPO APAGARÃO DE NOSSOS CORAÇÕES A SUA SAUDOSA LEMBRANÇA...”**  
Seus familiares  
Elza Longatti Fuzatto  
★28/02/1935 +02/05/2004  
Saudade de seus familiares
- 293.** Maria do Rosário de Carvalho  
★16/08/1905 +19/09/1991  
Saudades de filhos, genros, noras e netos.  
**“EM VOSSA ORAÇÕES, LEMBRAI-VOS DE BONÍSSIMA ALMA”.**  
Mário Alves de Carvalho  
★20/07/1931 +19/12/200...
- 294.** Antônio Juvenal Neto  
★13/05/1944 +06/06/2005  
**“NÃO CAI UMA FOLHA, SEM QUE A MÃO DE DEUS TENHA TOCADO NELA”.**  
**VOU PARA DEUS, MAS NÃO ESQUECEREI AQUELES QUE AMEI.**  
Saudades!
- 295.** Oliveira Reis  
★08/09/1927 +26/10/2007  
**“ADEUS VICTÓRIA, UM DIA NOS ENCONTRAREMOS NA VIDA ESPIRITUAL”.**  
Esposo, irmã, filhos, netas e bisneta.
- 296.** Maria de Lourdes Moura Dangelo  
**“QUANDO A BRISA DOS VENTOS LHES TOCAR NO ROSTO, NÃO CHOREM, SÃO MINHAS SAUDADES A LHES BEIJAR SILENCIOSAMENTE”.**  
+21/12/1996  
Saudades
- 297.** Vellozo  
★28/02/1918 +26/09/1999  
**EXEMPLO DE AMOR, FÉ E CARIDADE. RECONHECIMENTO PLENO, GRATIDÃO, DESCANSE EM PAZ.**  
Saudades de seus familiares.
- 298.** Antônio Rosa da Silva  
★04/09/1919  
+21/02/1986  
**“VÓS QUE ME AMAIS, NÃO OLHAIS PARA A VIDA QUE TERMINEI, MAS SIM PARA A QUE COMECEI”.**
- 299.** Ercília dos Reis de Souza  
★08/01/1921 +15/08/2002  
**“O TEMPO FOI POUCO O AMOR FOI DEMAIS.”**

Olívia Osório Brasil

| ★26/07/1893 +31/05/1951